



UC/FPCE_2012

Universidade de Coimbra
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

Vergonha Sentida Durante uma Experiência Traumática: Características Psicométricas da versão portuguesa da Escala *Trauma Related Shame Inventory* e estudo da relação da Vergonha Traumática com as Características de Memória Traumática e Centrais de Experiências de Vergonha, Memórias Precoces de Calor/Afecto e Segurança, Experiências Precoces de Vergonha, Vergonha Actual e Psicopatologia

Tania Patricia da Natividade Cid (taniapncid@gmail.com)

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica e de Saúde (Sub-área de Especialização em Intervenções Cognitivo-Comportamentais nas Perturbações Psicológicas e de Saúde) sob a orientação do Professor Doutor José Augusto Viegas Pinto-Gouveia

Coordenador de Investigação: Professor Doutor José Augusto Viegas Pinto-Gouveia



Resumo

O estudo da vergonha tem vindo a assumir um papel cada vez mais central na compreensão do funcionamento humano e da psicopatologia. Uma experiência de vergonha pode tornar-se central na história de vida e identidade do indivíduo, bem como possuir características de memória traumáticas, à semelhança do que acontece com a Perturbação Pós-Stress Traumático. Estudos recentes mostram uma associação positiva entre experiências de vergonha ocorridas na infância e adolescência e a vergonha interna e externa e a psicopatologia, na idade adulta. No entanto, existem ainda poucos dados sobre a relação entre a vergonha traumática precoce (vergonha sentida durante uma experiência de vergonha traumática) e as suas características de memória traumáticas e centrais, e a vergonha e psicopatologia e vergonha actual. Além disso, desconhece-se ainda o impacto que as memórias afiliativas positivas poderão ter na relação entre a vergonha traumática e a características de memória traumática e centrais de uma experiência de vergonha traumática. Uma vez que os instrumentos de medida com vista a avaliar a vergonha traumática são escassos para a população portuguesa, procedeu-se, no âmbito da presente investigação, à validação de uma escala específica para esse construto, denominada, na versão original Trauma-Related Shame Inventory (TRSI). Esta é composta por duas escalas que avaliam a vergonha interna e externa sentida durante uma experiência de vergonha traumática.

Neste sentido, tendo como objectivos o que já foi referido, realizou-se um conjunto de estudos tendo por base uma amostra de 302 sujeitos da população geral. Os resultados demonstram que a Escala desenvolvida apresenta excelentes características psicométricas, com uma óptima adequabilidade à população a que se destina. Além disso, os estudos efectuados permitiram verificar que a vergonha traumática precoce (durante a infância) está positivamente associada com a psicopatologia e vergonha actuais (no adulto) e com características traumáticas e centrais dessas experiências, e negativamente relacionada com experiências de calor/afecto e segurança.

Palavras-chave: Vergonha Traumática, Características de Memórias Traumáticas, Centralidade da Experiência de Vergonha, Memórias Calor/Afecto e Segurança, Experiências Precoces de Vergonha, Psicopatologia.

Abstract

Studies related to Shame and Memories of Shame have been taking a crucial role in understanding human functioning and psychopathology. Shame experiences may become central to an individual's identity and life history. It also may possess traumatic memories characteristics akin to PTSD. Recent studies report a positive correlation between shame experiences that happened in childhood and adolescence with internal and external shame and psychopathology in adulthood. However, little is

known about the association between trauma-related shame (shame felt during a traumatic shame experience) and its trauma-like and central characteristics and current psychopathology and shame. Moreover, there is little data regarding the effect of early experiences/memories of safeness and warmth in the relationship between trauma-related shame and its traumatic features (traumatic and central). Furthermore, there is a lack of measurement scales regarding trauma-related shame suiting the Portuguese population. Thus, the present investigation focus not only on the study of the concepts presented above, but also on the assessment of the psychometric characteristics of the Trauma-Related Shame Inventory (TRSI). This inventory includes two scales, regarding internal and external trauma-related shame.

Taking this into account, a number of tests was conducted in a sample of 302 subjects taken from the general population. Results found that the TRSI presents a factorial composition suited to Portuguese population. Furthermore, results allowed us to verify that early trauma-related shame presents a positive correlation with psychopathology and shame in the adulthood and, as opposite, a negative correlation with early memories of safeness and warmth.

Key Words: Trauma-related Shame, Traumatic Memory of Shame Experiences, Centrality of Shame Experiences, Safeness and Warmth Memories, Early Experiences of Shame, Psychopathology.

Ao Professor Doutor Pinto-Gouveia, pelas oportunidades de aprendizagem e enriquecimento profissional.

À Dra. Marcela, pelo apoio e incentivo constantes. Pela sua disponibilidade e transmissão de conhecimentos, tão fundamentais para a construção deste trabalho.

À Diana. Coleguinha de tese e companheira nesta aventura alucinante. Obrigada por tudo.

Às pessoas que gentilmente participaram nesta investigação, pois sem a sua contribuição, este trabalho não seria possível.

À Xana. Pelos cinco anos em que caminhámos lado-a-lado, desde o primeiro dia. Pela amizade sincera, pelo apoio incondicional, pela partilha de momentos de alegria e amparo nos menos afortunados. Futura Dra. Catarina Lopes, uma das melhores coisas que levo deste curso é o facto de te ter conhecido.

À Sarita, amiga, companheira, muitas vezes mamã protectora, conselheira, raio-de-sol. Obrigada simplesmente, mas essencialmente, pela tua existência na minha vida.

Um obrigada muito especial à Anita, minha amiga, irmã do coração, que directa e indirectamente esteve presente durante... todos os melhores momentos da minha vida. Obrigada por tudo, Nits. Adoro-te!

Aos meus avós, Alice, António, Aires e Prazeres (com saudade) e familiares mais próximos, Padrinho, Tio João, Tia Lena, pelo apoio e carinho inesgotáveis.

Ao Huguinho, mais do que meu tio és o meu irmão mais velho; à Vera, que veio alegrar a nossa família; e ao bebé que vem a caminho: esperamos-te com muito entusiasmo e alegria.

Ao meu priminho, Joãozito. Porque sempre fomos mais irmãos do que primos.

E em especial,

Aos meus Papás, pelo amor, mimo e valores transmitidos. Vocês são os pilares da minha vida, o meu ponto de partida e de chegada. Amo-vos.

Ao Vítor. Infinitas vezes. A ti, que és o pedaço que me faltava. Obrigada pelas palavras doces de incentivo, pelo apoio incondicional, pelo (muito) mimo dado, pela tua boa-disposição e paciência ao longo da execução deste trabalho – e de todos os nossos outros momentos. O teu amor é tudo o que preciso. Obrigada por me achares merecedora dele, prometo que será sempre assim.

Introdução

A presente investigação insere-se no âmbito do estudo da vergonha, mais especificamente o estudo da vergonha traumática (a vergonha sentida pelo indivíduo durante uma experiência de vergonha traumática).

Sabe-se que as experiências precoces de vergonha têm um grande impacto em diversas áreas da vida dos sujeitos, podendo vir a tornar-se traumáticas. Quando as experiências de vergonha adquirem características traumáticas, estas tornam-se centrais para a construção da identidade e parecem ter um papel importante no desenvolvimento de psicopatologia (manifestada, para efeitos específicos deste estudo, através de Depressão, Ansiedade, Stress e Ideação Paranóide). Por outro lado, estudos existentes apontam para o papel protector das memórias e experiências afiliativas, tendo um efeito atenuante no impacto e centralidade das experiências precoces de vergonha.

Neste sentido, esclarecida a relevância do estudo da vergonha traumática e a sua relação com os constructos supracitados, torna-se pertinente proceder-se a um breve enquadramento teórico, englobando os conceitos explorados nesta investigação.

I – Enquadramento conceptual

Revisão da Literatura

1. Perspectiva Evolucionária da Vergonha

1.1. Vergonha: conceptualização e relevância

A evolução *desenhou* o ser humano de modo a ser extremamente social desde o primeiro momento do seu desenvolvimento (Gilbert, 2009). Vários autores defendem que as relações interpessoais são bastante poderosas, agindo como reguladores emocionais (Gerhardt, 2004; Schore, 2001; Siegel, 2001; Teicher, 2001; citado por Gilbert, 2007) e biológicos (Cacioppo, Berston, Sheridan & McClintock, 2000; Carter, 1998; citado por Baldwin, 2005). Ao longo do nosso desenvolvimento, desenvolvemos sistemas sociais motivacionais, como a procura de relações de vinculação com cuidadores (Bowlby, 1985) e com agregados sociais (Baumeister & Leary, 1995). Com efeito, a importância da interação social tem sido demonstrada em diversos estudos (Bowlby, 1985, 1973; Harlow & Mears, 1979; Hofer, 1984; Troisi & McGuire, 2000; citado por Gilbert, 2000a). A constante preocupação relativamente à posição social requer um conjunto de competências, como a capacidade de auto-consciência (Lewis, 2003) ou a Teoria da Mente (Byrne, 1995, citado por Gilbert, 2000). Também a Teoria da Mentalidade Social (Gilbert, 2000) postula que a mentalidade social opera no sentido de

Vergonha Sentida Durante uma Experiência Traumática: Características Psicométricas da versão portuguesa da Escala *Trauma Related Shame Inventory* e estudo da relação da Vergonha Traumática com as Características de Memória Traumática e Centrais de Experiências de Vergonha, Memórias Precoces de Calor/Afecto e Segurança, Experiências Precoces de Vergonha, Vergonha Actual e Psicopatologia

gerar padrões cognitivos, afectivos e comportamentais que actuam como impulsionadores de papéis sociais (Gilbert, 2005b). Os processos de socialização tornam-nos muito sensíveis, focados e responsivos ao que os outros pensam e sentem sobre nós (Gilbert, 2007).

A evolução de diversos mecanismos mentais procedeu-se devido à existência de desafios sociais, os quais incluem, por exemplo, procura de parceiro, reprodução, conservação da descendência e dos recursos e despertar suporte social por parte dos outros (Buss, 1995, 1999; Gilbert, 1989, 1998a; Gilbert, Bailey & McGuire, citado por Gilbert, 2000). Os desafios sociais requerem a estruturação de papéis sociais, nos quais os sujeitos necessitam de comunicar de forma competente com os outros, através do envio e descodificação de sinais sociais (Gilbert, 2000). Este género de sinais origina emoções positivas ou negativas, que indicam sucesso ou fracasso no desempenho em determinados papéis sociais (Bailey, 1987; Nesse, 1998; citado por Gilbert, 2000).

Todo o espectro emocional tem características essencialmente sociais. No entanto, emoções como a vergonha, culpa e orgulho são especialmente sociais. Tangney e Fischer (1995) afirmam que emoções como a vergonha têm uma função muito importante no funcionamento humano, dado que actuam como organizadores dos comportamentos e dos pensamentos. Estas emoções são denominadas ‘auto-conscientes’. Isto significa que emoções como a vergonha são consolidadas nas interações sociais, nas quais os indivíduos não só interagem, mas também avaliam e julgam o *eu* e os outros, resultando a vergonha de avaliações e julgamentos recíprocos. As emoções sociais afectam o processo de socialização, enfatizam os padrões e regras da sociedade, e motivam as pessoas a seguir as orientações da mesma (Tangney e Fisher, 1995).

As emoções auto-conscientes são quase exclusivas do ser humano e relativamente recentes no estágio evolucionário. Estas desenvolvem-se mais tarde do que as emoções primárias, estando dependentes de várias competências (Lewis, 1992; Tangney & Fischer, 1995; Zahn-Waxler, 2000). Competências que incluem a capacidade para reconhecer o *eu* como objecto para os outros, Teoria da Mente (capacidade para fazer julgamentos acerca do que os outros estão a pensar), consciência das contingências da aprovação e desaprovação, e competências para assumir o papel e conhecimento das regras sociais, e que apenas surgem por volta dos dois anos de idade. São estas competências que, quando combinadas com emoções primárias, dão lugar às emoções auto-conscientes, como a vergonha (Gilbert, 2007).

Recentemente, a vergonha tem sido alvo de crescentes teorizações e investigações, tanto enquanto experiência pessoal (*sentir-se envergonhado*: Tangney & Fischer, 1995; Gilbert & Andrews, 1998), como processo interpessoal, através de actos de estigmatização e

Vergonha Sentida Durante uma Experiência Traumática: Características Psicométricas da versão portuguesa da Escala *Trauma Related Shame Inventory* e estudo da relação da Vergonha Traumática com as Características de Memória Traumática e Centrais de Experiências de Vergonha, Memórias Precoces de Calor/Afecto e Segurança, Experiências Precoces de Vergonha, Vergonha Actual e Psicopatologia

humilhação (Crisp, 2001; Jacoby, 1994, citado por Gilbert, 2002a). A experiência de vergonha pode estar focada em diversas características do *eu*, tais como sentir vergonha de determinadas emoções (e.g., ansiedade, raiva ou relativas a questões sexuais), comportamentos, traços de personalidade (e.g., preguiça ou despreocupação) e até estados mentais (e.g., doença mental).

A emoção de vergonha pode ser conceptualizada como uma resposta automática do sistema de defesa que, perante uma ameaça (percebida ou real) ao estatuto social do indivíduo (possibilidade de rejeição ou desvalorização por este ser, ou se ter tornado, num objecto social indesejado) vai accionar um conjunto de defesas como fuga, submissão, raiva ou dissimulação (Gilbert, 2003). Se para a maioria dos animais a principal ameaça é a agressão, para o ser humano, a ameaça que desencadeia estratégias de submissão e, consequentemente, sentimentos de timidez, vergonha e depressão, está mais relacionada com a perda de estatuto social (não ser aceite pelos outros, ser visto como inadequado, indesejado, sem características valorizadas pelos outros). O estatuto social é muito importante e valorizado, pois quanto mais elevado for, melhor/maior será o acesso aos recursos sociais (suporte emocional, aliados, parceiros sexuais) (Gilbert 2000; Gilbert, 2002b). Deste modo, uma ameaça ao *eu* enquanto agente social (e.g., vergonha), pode causar emoções primárias negativas (e.g., ansiedade, raiva, aversão) e reduzir as emoções primárias positivas. A forma como as pessoas respondem a este género de ameaças é variável, o que pode significar que as emoções auto-conscientes são influenciadas e actuam através das competências de construção do *eu* como um agente social (Gilbert, 2002a).

Pode afirmar-se que existe, portanto, uma grande variedade de pressões evolucionárias que operam no sentido de criar sentimentos positivos na mente dos outros e, desta forma, sustentar o sentido de segurança do *eu*. Quando transmitimos sinais que revelam um *eu* pouco atraente, é inevitável que surjam sentimentos de vergonha. Neste sentido, a vergonha define-se como uma experiência ligada à exposição de fracassos e falhas, isto é, o *eu* indesejável e pouco atraente (Tangney & Dearing, 2002). A emoção de vergonha alerta-nos para o facto de que ‘vivemos’ na mente dos outros como tendo apenas características negativas (ou poucas características positivas) e que existe um risco de sermos rejeitados, excluídos, passados para trás ou até perseguidos (Gilbert, 2007).

Durante uma experiência de vergonha, é frequente existir uma autoavaliação global e uma percepção de que os outros nos caracterizam como desajeitados, inadequados, fracos, inferiores, defeituosos, indesejados. Este género de julgamentos associa a vergonha a sentimentos de diminuição e desvalorização pessoal, originando outras

Vergonha Sentida Durante uma Experiência Traumática: Características Psicométricas da versão portuguesa da Escala *Trauma Related Shame Inventory* e estudo da relação da Vergonha Traumática com as Características de Memória Traumática e Centrais de Experiências de Vergonha, Memórias Precoces de Calor/Afecto e Segurança, Experiências Precoces de Vergonha, Vergonha Actual e Psicopatologia

emoções negativas, como ansiedade ou raiva, e despoleta respostas de fuga e/ou evitamento (Tangney, Stuewig & Mashek, 2006; Gilbert & Andrews, 1998; Gilbert, 2000; Gilbert, 2003).

Segundo Gilbert (2002), a vergonha pode ser conceptualizada como uma experiência multifacetada, constituída por várias componentes:

1. Componente cognitiva social ou externa: a vergonha surge frequentemente em contextos sociais e está associada a pensamentos automáticos de que os outros nos vêem como inferiores, maus, inadequados, defeituosos.

2. Componente interna auto-avaliativa: a vergonha envolve uma auto-avaliação global negativa, de inadequação e inferioridade, que está muito associada a pensamentos automáticos negativos acerca do mesmo, que no fundo, se prendem com a desvalorização do self e com a internalização destes pensamentos.

3. Componente emocional: as emoções e sentimentos associados à vergonha são variados, incluindo a ansiedade, a raiva, a aversão e o desprezo pelo *eu* e estão muito ligados à súbita perda de sentimentos positivos e com a auto-diminuição.

4. Componente comportamental: a vergonha está várias vezes associada a comportamentos defensivos, como um forte impulso de não ser visto, de evitamento à exposição, de refúgio ou fuga; ou seja, os sujeitos ficam comportamentalmente inibidos, adoptando comportamentos defensivos ou submissos;

5. Componente fisiológica: a vergonha está claramente relacionada com uma resposta de *stress*, mas a sua natureza ainda não está totalmente desvendada. De facto, sabe-se que, em alguns casos, pode envolver um aumento da actividade parassimpática.

1.2. Avaliação Interna e Externa da Vergonha

A investigação tem vindo a demonstrar que a necessidade de sermos vistos como atractivos é importante para aliciar os outros e construir relações benéficas. A perda de atractividade pode ser vista como uma ameaça (e.g. rejeição) e despertar comportamentos defensivos (e.g. luta, fuga, submissão) que fazem parte da resposta de vergonha. Existe ainda uma grande complexidade no grau de consciência com que os indivíduos processam as ameaças. No entanto, a complexidade de avaliação que sustenta a vergonha tem sido desvalorizada. Essencialmente, a vergonha resume-se a avaliações e sentimentos que estão focados no *eu como é visto e julgado pelos outros, o eu como objecto e o eu julgado pelo eu* (Gilbert, 2002a). Neste sentido, é importante fazer a distinção entre vergonha externa e vergonha interna.

Vergonha Sentida Durante uma Experiência Traumática: Características Psicométricas da versão portuguesa da Escala *Trauma Related Shame Inventory* e estudo da relação da Vergonha Traumática com as Características de Memória Traumática e Centrais de Experiências de Vergonha, Memórias Precoces de Calor/Afecto e Segurança, Experiências Precoces de Vergonha, Vergonha Actual e Psicopatologia

A emoção de vergonha pode ser distinguida de várias formas, nomeadamente: Vergonha Interna e Vergonha Externa (Gilbert, 1997 citado por Lee, 2001) e Vergonha Global (mais recentemente estudada por Rizvi, 2010). A vergonha global consiste na frequência e intensidade com que um indivíduo experiencia eventos de vergonha, assim como nos efeitos que acarretam para a sua qualidade de vida. No entanto, este é um constructo ainda pouco explorado e, por isso, as suas relações com outras variáveis ainda não estão bem clarificadas. Deste modo, o presente estudo foca-se essencialmente na vergonha interna e externa.

De acordo com Gilbert, a **vergonha externa** surge quando o foco da vergonha se prende naquilo que os outros pensam sobre o *eu* (Gilbert & McGuire, 1998). Na vergonha externa, os sistemas de atenção e monitorização estão focados no exterior, conferindo mais relevância ao que se passa na mente dos outros. A monitorização dos pensamentos e sentimentos dos outros surge da necessidade de aceitação pelos pares, pelo que os indivíduos têm de se assegurar de que não desenvolvem uma imagem negativa na mente dos outros. Existe uma diversidade de experiências sociais e culturais que influenciam os indivíduos na forma como acreditam existir na mente dos outros, crendo não conseguir despertar sentimentos positivos e de aceitação por parte dos outros (Baumeister & Leary, 1995; Gilbert, 2007). Desta forma, a vergonha externa leva o indivíduo a recear que a imagem negativa que tem de si mesmo possa levá-lo a ser rejeitado e excluído das relações sociais que valoriza e ambiciona, porque, em comparação com os outros, ele tem vergonha da sua imagem não atraente e da falta de determinados aspectos em si que seriam valorizados pelos outros (Gilbert, 2002). A teoria da mente assume, então, um papel crucial, uma vez que a vergonha externa parece estar relacionada com a crença que o indivíduo tem de que a sua existência na mente dos outros é negativa (Mollon, 1984, citado por Gilbert, 2002). As emoções que frequentemente acompanham a vergonha externa são o medo e a ansiedade (Gilbert, 2000).

Por outro lado, a **vergonha interna** consiste numa percepção do *eu* como pouco atraente aos olhos dos outros. O ser humano é muito vulnerável para a internalização da vergonha quando as necessidades de amor, afiliação, pertença e estatuto são ameaçadas. Isto é, ser envergonhado por aqueles que mais se depende para validar o sentido de atractividade (pessoa valorizada) carrega maiores riscos para a internalização da vergonha. O processo de internalização da vergonha tem um começo precoce, desenvolvendo-se à medida que a criança aprende que os seus comportamentos e características são julgados e como os outros reagem às mesmas (pais e pares) e que descobre que provoca sentimentos de aprovação e desaprovação por parte dos outros. As experiências de interacção social vão sendo internalizadas e estão na

Vergonha Sentida Durante uma Experiência Traumática: Características Psicométricas da versão portuguesa da Escala *Trauma Related Shame Inventory* e estudo da relação da Vergonha Traumática com as Características de Memória Traumática e Centrais de Experiências de Vergonha, Memórias Precoces de Calor/Afecto e Segurança, Experiências Precoces de Vergonha, Vergonha Actual e Psicopatologia

base das representações internas do *eu*, como sendo inferior e inadequado, o que pode conduzir a comportamentos de defesa, como a submissão perante os outros (Kaufman, 1989). Nesta linha, Cooley (1902, citado por Gilbert, 2000) criou a metáfora ‘*looking-glass self*’, referindo que o nosso sentido de valor surge da forma como somos valorizados pelos outros e da impressão que fazemos neles.

1.3. Vergonha Traumática: Escala de Avaliação *Trauma-Related Shame Inventory*¹

Dados de estudos recentes (Matos e Pinto-Gouveia, 2009) sugerem que as experiências precoces de vergonha revelam possuir características de memória traumática, manifestadas através de sintomas intrusivos, de hiperactivação e de evitamento. É bastante comum que indivíduos que passem por experiências traumáticas sintam vergonha. Esta vergonha traumática pode ser considerada uma emoção secundária, resultante de processos atribucionais – que ocorrem devido à necessidade de encontrar significados relativos à sua experiência traumática. Deste modo, a vergonha ‘pós-traumática’ recebeu ainda pouca atenção por parte de teóricos da área de vergonha ou da psicopatologia, e considera-se relevante estudar esta emoção, na medida em que apresenta implicações terapêuticas valiosas (Hoffart & Oktedalen, 2011).

Existe ainda alguma dificuldade em identificar e avaliar sentimentos de vergonha resultantes de experiências traumáticas. O medo tem sido alvo de muitas investigações e é a emoção principal no que diz respeito à avaliação e tratamento dos sujeitos com Perturbação Pós-Stress Traumático (PPST), a par com os sentimentos de culpa que surgem após eventos traumáticos. Contudo, estes são constructos diferentes entre si e também distintos da emoção de vergonha, pelo que existe uma necessidade de construir uma medida de avaliação específica relativa à vergonha traumática (Hoffart & Oktedalen, 2011).

Tendo em conta o que foi referido, Hoffart & Oktedale (2011) desenvolveram uma escala com o objectivo de pôr termo às dificuldades já mencionadas. Deste modo, através de estudos de *generabilidade*² construíram uma escala nova e específica para avaliar a vergonha traumática (TRSI), composta por duas escalas de 12 itens cada. As escalas avaliam a vergonha interna (forma como o indivíduo se vê) e

¹ No presente estudo, a escala será sempre referida através da denominação original ou da versão abreviada TRSI. Esta escolha prende-se com uma possível perda de informação no processo de tradução e também devido ao facto de o artigo da escala traduzida e adaptada para Língua Portuguesa ainda se encontrar em preparação.

² *Generalizability*, no estudo original. A análise da Generabilidade permite obter informação acerca do poder de generalização dos resultados obtidos através de uma determinada escala a outras amostras.

Vergonha Sentida Durante uma Experiência Traumática: Características Psicométricas da versão portuguesa da Escala *Trauma Related Shame Inventory* e estudo da relação da Vergonha Traumática com as Características de Memória Traumática e Centrais de Experiências de Vergonha, Memórias Precoces de Calor/Afecto e Segurança, Experiências Precoces de Vergonha, Vergonha Actual e Psicopatologia

externa (forma como o indivíduo pensa existir na mente dos outros) sentida durante a experiência de vergonha traumática.

A versão portuguesa da escala TRSI segue a linha da investigação original. Este instrumento é constituído por duas escalas, cada uma incluindo 12 itens³. Tal como referido anteriormente, a escala TRSI avalia as dimensões Vergonha Interna e Vergonha Externa, sentidas durante experiência traumáticas. A título de exemplo de itens que avaliem cada uma destas dimensões, poder-se-á apresentar o item 21 “*Por causa da minha experiência traumática, não gosto de mim.*”, que avalia a vergonha interna sentida pelo indivíduo durante um acontecimento traumático, ou seja, reflecte a forma como o indivíduo se percebe após e tendo como referência essas experiências; e o item 12 “*Se os outros soubessem o que me aconteceu, eles desprezariam-me*”, que avalia a vergonha externa sentida pelo indivíduo durante uma experiência traumática, ou seja, a forma como o indivíduo acredita existir na mente dos outros – a concepção que têm de si – tendo por base essa experiência.

2. Experiência de Vergonha: Características de Memória Traumática e Centralidade do evento

Recentemente tem vindo a aumentar o interesse pelo estudo das memórias emocionais relacionadas com eventos desagradáveis. Algumas investigações têm vindo a demonstrar que não existe um factor único interveniente na recordação de eventos traumáticos; pelo contrário, parece existir um padrão de processos que fazem variar tanto a quantidade (desde a perda total de memória até à recordação dos mínimos detalhes) como a exactidão das memórias emocionais (Yuille & Daylen, 1998; Goodman & Paz-Alonso, 2006; Kihlstrom, 2006; citado por Uttl, Ohta & Siegenthaler, 2006). A natureza das recordações traumáticas resulta de uma combinação de factores como o tipo de acontecimento traumático, o envolvimento emocional do sujeito e o tipo de medida usada para avaliar este género de memórias (Uttl, Ohta & Siegenthaler, 2006).

Dados sugerem que determinadas características de acontecimentos emocionais negativos são percebidas e retidas de forma automática. Investigações experimentais indicam que existe vantagem em detectar e identificar estímulos que denunciam situações ameaçadoras (Christianson & Engelberg, 2006). É possível que este facto esteja relacionado com a predisposição que o ser humano possui para reter características das memórias emocionais que tenham valor, a nível evolucionário, para a sua sobrevivência. No geral, as memórias relacionadas com eventos

³ Descrição mais detalhada da escala TRSI no tópico 2 “Instrumentos” da secção *Metodologia* do presente estudo.

Vergonha Sentida Durante uma Experiência Traumática: Características Psicométricas da versão portuguesa da Escala *Trauma Related Shame Inventory* e estudo da relação da Vergonha Traumática com as Características de Memória Traumática e Centrais de Experiências de Vergonha, Memórias Precoces de Calor/Afecto e Segurança, Experiências Precoces de Vergonha, Vergonha Actual e Psicopatologia

negativos altamente emocionais tendem a ser consideravelmente mais rigorosas e são mais facilmente retidas, comparativamente a memórias de situações quotidianas (Christianson & Engelberg, 2006).

A memória pode-se dividir (entre outras divisões) em memória implícita e memória explícita. A memória implícita é inconsciente e não intencional. Fazem parte dela a habilidade de usar a linguagem ou as habilidades motoras (andar de bicicleta ou jogar um jogo). Por outro lado, a memória explícita é a consciência, formada por um conjunto de experiências prévias (como contar o que se passou na escola, ou como foi o filme que se viu no cinema) e é constituída pelos eventos que aconteceram no passado. De acordo com Tulving (1985), uma das formas de memória explícita, é a memória autobiográfica, unicamente humana e sem antecedentes animais. O autor propõe que a memória explícita apresenta-se de duas formas: a memória episódica e a memória semântica.

A memória episódica consiste em eventos singulares que o indivíduo recorda – a sua memória autobiográfica – e inclui ainda o conhecimento de figuras ou eventos históricos e a habilidade de reconhecer a família e os amigos. Por definição, as memórias autobiográficas são experienciadas como o reviver momentos do passado e recontá-los como uma narrativa que contém referência ao lugar, às acções, às pessoas presentes, objectos envolvidos, como também narrativas de pensamentos e emoções que circundam o evento. Nem todas as memórias autobiográficas são recordadas tendo posterior impacto na nossa vida (e.g., ir às compras). Contudo, alguns eventos são marcantes (e.g., ter um filho, sobreviver a um acidente) e tornam-se pontos de viragem na vida do sujeito e são fonte de reflexão; alteram a nossa interpretação do passado e as expectativas relacionadas com o futuro. Além disso, marcam as experiências presentes e a construção e percepção do *eu*. Com efeito, estas memórias altamente acessíveis podem marcar o início e o fim de períodos de vida (Conway, 1990).

As memórias de eventos emocionais são uma parte importante da nossa história de vida e identidade (Bluck, 2003). Diversos autores defendem que experiências traumáticas criam um profundo desequilíbrio na mente das vítimas, danificando os seus esquemas mentais. Este processo transforma as experiências traumáticas em eventos difíceis de processar e, consequentemente, estas tornam-se pobremente integradas nas auto-narrativas do sujeito (Horowitz, 1986; Van der Kolk & Fisler, 1995, citado por Bluck, 2003). Em vista à recuperação, o sujeito necessita de acomodar, nos seus esquemas, a memória do evento traumático. No entanto, Berntsen e Rubin (2007) defendem exactamente o contrário: os desvios nos esquemas mentais não levam a memórias pobres ou fragmentadas. Antagonicamente, em vez de ficarem

Vergonha Sentida Durante uma Experiência Traumática: Características Psicométricas da versão portuguesa da Escala *Trauma Related Shame Inventory* e estudo da relação da Vergonha Traumática com as Características de Memória Traumática e Centrais de Experiências de Vergonha, Memórias Precoces de Calor/Afecto e Segurança, Experiências Precoces de Vergonha, Vergonha Actual e Psicopatologia

pobremente integradas, as memórias traumáticas – devido à sua distinção e impacto emocional – em muitos casos ficam altamente acessíveis e podem formar um ponto de referência cognitivo para a organização do conhecimento autobiográfico com um impacto contínuo na interpretação de experiências não traumáticas e expectativas para o futuro. E este parece ser o ponto de partida para explicar a forma como eventos traumáticos afectam a memória e o conhecimento.

De acordo com alguns autores desta área, as memórias com relevância pessoal tornam-se momentos marcantes/decisivos na história de vida do indivíduo. Ainda nesta linha, a forma como construímos a nossa história de vida está intimamente relacionada com a compreensão que temos acerca de nós próprios. Assim, se considerarmos uma memória traumática como um momento decisivo e central na nossa história de vida, é possível que esta também se constitua como um componente central na construção da identidade pessoal. Isto significa que as memórias mais acessíveis e relevantes em termos pessoais actuam na atribuição de significados e na estruturação das narrativas de vida. A Teoria da Centralidade da Experiência, preconizada por Berntsen e Rubin (2007), postula que as memórias de eventos pessoais salientes podem funcionar como pontos de referência pessoais para a atribuição de significado a outras experiências e também como geradoras de expectativas futuras. Em suma, os indivíduos diferem em relação à extensão com que os eventos, emocionalmente negativos, se tornam centrais para as suas identidades, para as suas histórias de vida, e para o entendimento do mundo (Berntsen & Rubin, 2006). Os autores descrevem possíveis funções das memórias de eventos marcantes, definindo-as como memórias pessoais, referentes a momentos específicos do passado e caracterizadas pela sua importância, exactidão e brevidade. Esta é uma descrição que se adequa às características das memórias traumáticas. As memórias traumáticas tendem a ser confusas, fragmentadas, involuntárias e inconscientes e têm um impacto elevado na identidade e funcionamento social da pessoa, podendo estar associadas a distúrbios psicopatológicos específicos como o DSPT. Este tipo de memórias constitui-se como lembranças intrusivas e recorrentes, que tomam a forma de sintomas somáticos perturbadores e podem induzir uma variedade de reacções de evitamento (Alpert, Brown & Courtois, 1998; Briere & Conte, 1993; Chu, Frey, Ganzel & Matthews, 1999; Freyd, 1996; Terr, 1991, 1994, citado por Berntsen & Rubin, 2007).

A ocorrência de eventos traumáticos passados e imagens associadas à experiência de trauma foram identificados como factores importantes na origem da ansiedade e depressão. No entanto as pessoas que sofrem eventos negativos parecem capazes de processar satisfatoriamente muitos eventos, a nível emocional e cognitivo. A

Vergonha Sentida Durante uma Experiência Traumática: Características Psicométricas da versão portuguesa da Escala *Trauma Related Shame Inventory* e estudo da relação da Vergonha Traumática com as Características de Memória Traumática e Centrais de Experiências de Vergonha, Memórias Precoces de Calor/Afecto e Segurança, Experiências Precoces de Vergonha, Vergonha Actual e Psicopatologia

variância na severidade das consequências psicológicas e físicas dos eventos traumáticos está associada a uma larga série de factores sociais e pessoais. Os factores mais importantes incluem o grau de exposição da vítima ao evento, as reacções psicológicas peritraumáticas, a história psiquiátrica familiar e pessoal, o suporte social e as características demográficas.

Vários autores encontraram dados que relacionam experiências traumáticas e as respectivas memórias a diversos tipos de psicopatologia. Berntsen e Rubin (2007) e Boals (2010) descobriram que eventos de vida traumáticos que se mostraram centrais para a história de vida e identidade do indivíduo estão correlacionados com a ansiedade, a depressão, a dissociação e a PPST. Também Pinto-Gouveia e Matos (2010) verificaram que experiências de vergonha precoces podem ser recordadas no sistema de memória autobiográfico como memórias emocionais, que funcionam como pontos de referência para a identidade e história de vida do indivíduo e também que tais experiências, uma vez centrais, estão relacionadas com a psicopatologia, nomeadamente, depressão, ansiedade e stress.

3. Memórias Afiliativas e Experiências Precoces de Vergonha

Dados de vários estudos corroboram a hipótese de que experiências precoces – especialmente aquelas relacionadas com sentimentos de segurança ou ameaça – são marcantes em aspectos fisiológicos, psicológicos e sociais (Gerhardt, 2004; Schore, 1994, citado por Richter, Gilbert & McEwan, 2009). De acordo com esta informação, pode sugerir-se que as relações pontuadas pelo calor e afecto estão associadas a elevadas auto-estima e felicidade e menor vulnerabilidade para a psicopatologia (Cheng & Furnham, 2004; DeHart, Pelham, & Tennen, 2006; Mikulincer & Shaver, 2004, citado por Richter, Gilbert & McEwan, 2009); e que, pelo contrário, experiências de negligência, rejeição ou abuso relacionam-se com um maior risco para a psicopatologia (Bifulco & Moran, 1998; Parker, 1983; Perris, 1994; Rohner, 2004, citado por Richter, Gilbert & McEwan, 2009). Bowlby (1985) afirmou que a sensação de segurança é fundamental para o desenvolvimento de uma vinculação segura; Gilbert (2005) reforça esta ideia, sugerindo que experiências deste género estão relacionadas com o sistema de regulação emocional.

As experiências de calor/afecto e segurança não se caracterizam apenas pela ausência de ameaças, mas principalmente pela presença de aspectos afiliativos (e.g., ser valorizado e elogiado). Durante a sua infância, é provável que alguns sujeitos não tenham tido experiências afiliativas tão frequentemente; verifica-se que estas pessoas têm maior tendência para serem auto-críticas (Baldwin & Dandeneau, 2005; Gilbert,

Vergonha Sentida Durante uma Experiência Traumática: Características Psicométricas da versão portuguesa da Escala *Trauma Related Shame Inventory* e estudo da relação da Vergonha Traumática com as Características de Memória Traumática e Centrais de Experiências de Vergonha, Memórias Precoces de Calor/Afecto e Segurança, Experiências Precoces de Vergonha, Vergonha Actual e Psicopatologia

Clarke, Hempel, Miles, & Irons, 2004, citado por Richter, Gilbert & McEwan, 2009).

Schore (2001) debruçou-se sobre o estudo das relações precoces, destacando a importância das experiências precoces da criança nas interações que estabelece com os outros, sendo que estas não só têm efeitos no desenvolvimento cerebral, como também se constituem como base para as crenças acerca do *eu*. Assim, estas experiências influenciam o desenvolvimento emocional da criança e, ao mesmo tempo, o processo de construção do *eu*.

De acordo com Bowlby (1985), e sob um ponto de visto evolucionário, a natureza da vinculação e a necessidade da criança de estabelecer vinculações seguras e disponíveis é um importante marco na sua vida, ao passo que, as falhas e disrupções nas relações de vinculação prévias são passíveis de levar a modelos internos negativos do eu e dos outros como, inconstante, indisponível, e perigoso (Bowlby, 1985, Schore, 2001).

Neste sentido, é fundamental identificar processos precoces associados a sentimentos de vergonha, uma vez que estes poderão surtir efeitos negativos no desenvolvimento da criança e dar origem a diversos tipos de psicopatologia.

Tomkins (1981) sugeriu que a vergonha tem uma função adaptativa na regulação de experiências de interesse excessivo ou excitação. De acordo com esta visão, nos primeiros estádios de desenvolvimento alguns mecanismos são necessários para diminuir o interesse e excitação no contexto de interações sociais, especialmente em relação à mãe. Os sentimentos de vergonha crescem quando a criança pede atenção e é rejeitada ou quando a troca social é interrompida. Desta forma, os sentimentos de vergonha ajudam a criança a desistir quando é apropriado fazê-lo. Uma vez que a vergonha é uma emoção dolorosa, os sentimentos de vergonha actuam na redução da probabilidade de transgredir regras socialmente valorizadas. (Barret, 1995; Fergusson & Stegge, 1995, citado por Zahn-Waxler, 2000).

Por outro lado, o tipo de rótulos que as figuras parentais poderão atribuir à criança (e.g., “estúpido”, “mau”, “desajeitado”), coloca-a numa posição indesejável/inatractiva e de estatuto inferior (Bergner citado por Gilbert et al., 1998). Estas experiências precoces de vergonha podem estabelecer na criança uma visão de si como tendo um baixo estatuto e pouca atractividade aos olhos dos outros, o que afectará a sua capacidade para tolerar decepções e conflitos subsequentes na vida adulta (Gilbert et al., 1998). Tal vai ao encontro de estudos realizados por vários teóricos, que afirmam que a qualidade da relação da criança com o seu primeiro cuidador é um importante mediador na relação entre a infância e a psicopatologia na idade adulta.

Vergonha Sentida Durante uma Experiência Traumática: Características Psicométricas da versão portuguesa da Escala *Trauma Related Shame Inventory* e estudo da relação da Vergonha Traumática com as Características de Memória Traumática e Centrais de Experiências de Vergonha, Memórias Precoces de Calor/Afecto e Segurança, Experiências Precoces de Vergonha, Vergonha Actual e Psicopatologia

4. Vergonha e Psicopatologia

Muito mudou desde que a vergonha foi descrita, por Helen Lewis (1992), como a “*emoção oculta*”. De facto, a vergonha tem sido alvo de várias investigações em anos recentes, tendo alguns autores considerado esta emoção como sendo um dos alicerces da psicopatologia e um dos principais alvos da psicoterapia, e que tem sido negligenciada pelas outras emoções que interagem com a vergonha. Sentimentos de vergonha podem surgir de experiências precoces como ser tratado como fraco, incapaz ou desvalorizado. Esta inferioridade pessoal, quando transportada para a idade adulta, pode ter efeitos cruciais na forma como os conflitos são percebidos, resolvidos e/ou evitados (Gilbert, 1998a). Estes processos traçam uma determinada tendência para a emoção de vergonha que, actualmente, sabe-se que constitui um grande factor de vulnerabilidade para a psicopatologia (Kaufman, 1989; Gilbert, 1998; Schore, 2001). Gilbert et al., (1998) descobriu que a tendência para a vergonha está altamente associada a sentimentos de auto-consciência, inferioridade, falta de esperança, raiva, e medo da avaliação negativa.

Actualmente, existem muitos estudos no domínio da vergonha que remetem para a sua natureza não adaptativa e para as suas consequências negativas no ajustamento psicológico e no comportamento interpessoal. No entanto, esta emoção poderá ter também características adaptativas. Autores sugerem que a vergonha apresenta uma função adaptativa pela regulação das experiências de afecto positivo excessivo. Entre as funções adaptativas da vergonha está a capacidade para promover a socialização, suavizar ou prevenir dano ao estatuto social (Gilbert, 1998), e alertar o indivíduo para interações possivelmente ameaçadoras (Lewis, 1992; Schore, 2001). Assim, à semelhança da ansiedade social e da depressão, sentimentos de vergonha em grau moderado e em determinadas circunstâncias podem ser adaptativos e funcionar como reguladores do funcionamento psicológico, pois permitem aos indivíduos evitar violações graves das normas sociais, evitando também as consequências negativas que daí poderiam advir (Gilbert & McGuire, 1998). Para que a vergonha adquira características desadaptativas (entre outros motivos), é necessário a existência de um envolvimento por parte dos indivíduos num ciclo vicioso de aumento do evitamento social e dos comportamentos defensivos de submissão.

Com efeito, nas últimas décadas vários estudos mostraram que a vergonha está associada com uma variedade de sintomas e perturbações psicopatológicos em amostras clínicas e não clínicas. Neste sentido, a vergonha está associada com a depressão, como mostram os estudos de Allan e Gilbert (1995) ao encontrarem que as pessoas deprimidas se

Vergonha Sentida Durante uma Experiência Traumática: Características Psicométricas da versão portuguesa da Escala *Trauma Related Shame Inventory* e estudo da relação da Vergonha Traumática com as Características de Memória Traumática e Centrais de Experiências de Vergonha, Memórias Precoces de Calor/Afecto e Segurança, Experiências Precoces de Vergonha, Vergonha Actual e Psicopatologia

vêm como inferiores aos outros. Também Cheung, Gilbert e Irons (2004) mostram que a vergonha está significativamente relacionada com a depressão, depois de controlar a influência mediadora da ruminação. Andrews, Quian e Valentine (2002) apontam para o papel da vergonha no início e curso da depressão, ao demonstrarem uma associação entre vergonha e sintomas depressivos. Tagney e colaboradores (1992) demonstraram que a tendência para a vergonha está significativamente relacionada com o processo de realizar atribuições internas estáveis e globais para os eventos negativos. Também alguns estudos apontam para a associação entre vergonha e ansiedade (Tagney e tal., 1995; Irons e Gilbert, 2005) ansiedade social (Gilbert, 2000), Perturbação de Stress Pós-Traumático (Lee, Scragg e Turner, 2001; Lesleka, Dieperink e Thuras, 2002), e a dissociação (Talbot, Xin Tu, 2004).

Finalmente, a ideação paranóide tem vindo a ser conceptualizada como uma característica originada pelo um aumento da auto-consciência. Alguns autores encontraram associações entre a ideação paranóide e a sensibilidade do indivíduo à possibilidade de se tornar um objecto da atenção de terceiros. Para além de uma elevada auto-consciência (caracterizada pelo foco da atenção na experiência interna), estes autores sugerem que a Paranóia poderá também estar relacionada com a percepção do *eu*, tal como é mostrado aos outros e com a consequente apreensão em relação às respostas que o *eu* poderá despertar nos outros. Deste modo, torna-se pertinente estudar a relação entre a vergonha e a ideação paranóide, visto que existem dados que relacionam as características paranóides com a forma como o indivíduo se vê a si mesmo (semelhante à vergonha interna) e à sua sensibilidade ao escrutínio dos outros (semelhante à vergonha externa) (Fenigstein & Vanable, 1992).

II - Objectivos

O estudo foi elaborado tendo em conta duas vertentes. A primeira mais teórica, que vai ao encontro de uma revisão da literatura existente relativamente à vergonha, à sua origem e fenomenologia. A segunda vertente pauta-se por um carácter mais prático, procurando investigar a relação entre esta emoção e as suas características centrais e de memória traumática, as memórias precoces de calor/afecto e segurança e as experiências precoces de vergonha (com o pai e com a mãe) e com a vergonha (interna e externa) e psicopatologia actuais.

Mais especificamente, nesta dissertação interessa explorar/investigar/estudar em que medida a vergonha sentida pelo sujeito durante uma experiência traumática de vergonha se relaciona com as características centrais e traumáticas dessa experiência. Relativamente

Vergonha Sentida Durante uma Experiência Traumática: Características Psicométricas da versão portuguesa da Escala *Trauma Related Shame Inventory* e estudo da relação da Vergonha Traumática com as Características de Memória Traumática e Centrais de Experiências de Vergonha, Memórias Precoces de Calor/Afecto e Segurança, Experiências Precoces de Vergonha, Vergonha Actual e Psicopatologia

a este objetivo, espera-se que as experiências de vergonha traumáticas ocorridas na infância se tornem centrais na atribuição de significados na vida dos sujeitos e que adquiram características de memória traumática, como intrusão, *flashbacks* e evitamento.

Importa também descobrir em que medida as memórias precoces de calor/afecto e segurança e as experiências precoces de vergonha (com o pai e com a mãe) se relacionam com os níveis de vergonha interna e externa sentida durante uma experiência traumática de vergonha. Neste ponto, hipotetiza-se que as memórias de calor/afecto e segurança se associem a níveis mais baixos de vergonha sentida durante uma experiência traumática de vergonha e que, por oposição, experiências de vergonha ocorridas com as figuras parentais se associem a valores mais elevados de vergonha sentida durante um episódio traumático de vergonha.

Ainda neste ponto, considera-se relevante estudar em que medida as memórias de calor/afecto e segurança influenciam a relação entre a vergonha sentida durante uma experiência traumática de vergonha e as características centrais e de memória traumática relativas a essa experiência. Tendo este objectivo em consideração, espera-se que as memórias de calor/afecto e segurança atenuem a relação entre a vergonha sentida durante uma experiência traumática de vergonha e as características centrais e traumáticas relativas a essa experiência.

Um outro objectivo do presente estudo consiste em explorar em que medida a vergonha sentida durante uma experiência traumática de vergonha se relaciona com a vergonha (interna e externa) actual. Nesse sentido, coloca-se a hipótese de que maiores níveis de vergonha sentida durante uma experiência traumática de vergonha estejam associados a maiores níveis de vergonha interna e externa actual.

Do mesmo modo, procura-se perceber em que medida a vergonha sentida durante uma experiência traumática de vergonha se relaciona com a psicopatologia actual, manifestada através de Depressão, Ansiedade e Stress e também Ideação Paranóide.

Finalmente, o propósito da investigação prende-se com a necessidade de compreender em que medida a vergonha sentida durante uma experiência traumática de vergonha e as características centrais e de memória traumática dessa experiência se relacionam com a psicopatologia (Depressão, Ansiedade, Stress e Ideação Paranóide) e vergonha actuais.

III - Metodologia

1. Descrição da Amostra

De modo a atingir os objectivos propostos, é necessário recolher

Vergonha Sentida Durante uma Experiência Traumática: Características Psicométricas da versão portuguesa da Escala *Trauma Related Shame Inventory* e estudo da relação da Vergonha Traumática com as Características de Memória Traumática e Centrais de Experiências de Vergonha, Memórias Precoces de Calor/Afecto e Segurança, Experiências Precoces de Vergonha, Vergonha Actual e Psicopatologia

uma amostra da população geral, com idades compreendidas entre os 18 e os 65 anos. A participação no estudo é voluntária e realizada após a obtenção do consentimento informado de cada sujeito.

Importa ainda referir que este é um estudo transversal, o que significa que todas as medições são feitas num único momento – não existindo, portanto, período de seguimento dos indivíduos.

Em relação à amostra final (Anexo I), esta ficou constituída por 302 sujeitos, 131 do sexo masculino (43.4%) e 171 do sexo feminino (56.6), com idades compreendidas entre os 18 e os 62 anos de idade. A média de idades desta amostra é de 36.28 ($DP = 11.45$). Existe uma diferença estatisticamente significativa entre os sexos masculino e feminino ao nível da distribuição da idade ($t(268.15)=2.313$; $p<.05$).

Relativamente ao número de anos de escolaridade, os participantes distribuem-se entre os 6 e 21 anos de frequência académica ($M = 13.06$; $DP = 3.517$). No que respeita à distribuição por número de anos de escolaridade, a maior parte da amostra ($N = 226$) tem frequência académica igual ou superior a 12 anos, enquanto os restantes indivíduos ($N = 76$) apresentam uma escolaridade inferior a 12 anos. Para esta variável verifica-se a inexistência de diferenças estatisticamente significativas entre o sexo feminino e o sexo masculino ($t(300) = -.713$; $p>.05$). A amostra final é então constituída por indivíduos com um nível de escolaridade médio/alto.

No que concerne ao estado civil, é de referir que 43% dos participantes são casados, 41.4% solteiros, 7.9% dos sujeitos vivem em união de facto, 7% são divorciados e .7% da amostra é viúva. Também nesta variável não se destacam diferenças estatisticamente significativas para o sexo ($\chi^2(4) = 3.091$; $p>.05$).

No que diz respeito à profissão, nota-se que na sua maioria os sujeitos pertencem a um nível socioeconómico médio (46%), enquanto que dos níveis socioeconómicos baixo e alto, fazem parte, respectivamente, 26.2% e 9.6% dos participantes. Os estudantes integram a amostra numa percentagem de 11.3% e 7% dos indivíduos estão reformados ou inactivos.

2. Instrumentos

Trauma Related Shame Inventory⁴ (TRSI; Hoffart & Oktedalen, 2011; Tradução e adaptação: Matos e Pinto-Gouveia, Manuscrito em preparação).

⁴ No presente estudo, a escala será sempre referida através da denominação original ou da versão abreviada TRSI. Esta escolha prende-se com uma possível perda de informação no processo de tradução e também Vergonha Sentida Durante uma Experiência Traumática: Características Psicométricas da versão portuguesa da Escala *Trauma Related Shame Inventory* e estudo da relação da Vergonha Traumática com as Características de Memória Traumática e Centrais de Experiências de Vergonha, Memórias Precoces de Calor/Afecto e Segurança, Experiências Precoces de Vergonha, Vergonha Actual e Psicopatologia

O TRSI é uma escala que visa medir a vergonha sentida pelo indivíduo durante uma experiência de vergonha traumática. A escala original inicialmente era composta por 40 itens, sendo que as respostas variavam, numa escala de Likert, entre 0 “*Not at all correct about me*” e 3 “*Completely correct about me*”. Estudos de *generalizabilidade*⁵ levaram a uma revisão da escala, que acabou por ficar constituída por 24 itens. O TRSI é então composto por duas escalas, que avaliam a vergonha interna e a vergonha externa sentidas durante experiências traumáticas de vergonha, sendo que cada escala é composta por 12 itens. A versão portuguesa, cujo artigo do estudo se encontra em submissão, segue a estrutura da escala original. Inclui duas escalas que avaliam as duas facetas da vergonha sentida durante um evento traumático, sendo que cada escala contém 12 itens. A escala de resposta segue o formato Likert, variando entre “Nada verdadeiro para mim” e “Completamente verdadeiro para mim”.

Impact of Event Scale - Revised (IESR; Weiss & Marmar, 1997; Tradução e adaptação: Matos, M. & Pinto Gouveia, J. 2010)

O IES-R corresponde à revisão da escala original IES de Horowitz e colegas (1979) que era, à data, a escala mais usadas na literatura sobre o trauma, para medir a frequência dos sintomas intrusivos e o evitamento associados com a experiência de um evento traumático. Uma vez, que o IES consistia em apenas dois dos três critérios principais para o diagnóstico de PSPT, foi introduzida uma nova versão (IES-R) que adiciona itens para medir a hiperactivação. O IES-R é constituído por 22 itens em três subescalas que medem sintomas de intrusão, evitamento e hiperactivação. Os itens são em formato tipo *Likert* em que 0 corresponde a “*Nada*” e 4 corresponde a “*Muitíssimo*”. Os estudos (Asukai et al., 2002; Sundin and Horowitz, 2002) confirmam a utilidade do IES-R como um questionário de auto-relato na avaliação do stress após a vivência de um evento traumático.

Neste estudo utilizamos a mesma versão da escala para avaliar experiências de vergonha ocorridas na infância, baseando-nos apenas no IESR total. Pontuações elevadas nesta escala reflectem a existência de características de trauma associadas à experiência de vergonha vivida. Relativamente às propriedades psicométricas da versão original, esta apresenta uma consistência interna elevada (.91). No presente estudo o valor de *alpha de Cronbach* é de .96.

devido ao facto de o artigo da escala traduzida e adaptada para Língua Portuguesa ainda se encontrar em preparação.

⁵ *Generalizability*, no estudo original. A análise da Generalizabilidade permite obter informação acerca do poder de generalização dos resultados obtidos através de uma determinada escala a outras amostras.

Vergonha Sentida Durante uma Experiência Traumática: Características Psicométricas da versão portuguesa da Escala *Trauma Related Shame Inventory* e estudo da relação da Vergonha Traumática com as Características de Memória Traumática e Centrais de Experiências de Vergonha, Memórias Precoces de Calor/Afecto e Segurança, Experiências Precoces de Vergonha, Vergonha Actual e Psicopatologia

Escala de Centralidade do Evento (CES; Centrality Event Scale, Berntsen, D. & Rubin, D., 2006; tradução e adaptação de Matos, M., Pinto-Gouveia, J. & Gomes, P., 2010).

Esta medida engloba 20 itens que pretendem medir até que ponto um evento ou a memória de um evento é central na identidade e na história de vida de uma pessoa e medir qual a sua extensão e contributo para a formação de pontos de referência para a identidade pessoal e atribuição de significados a outras experiências na vida pessoal. Esta escala apresenta assim três subescalas: Atribuição de significado, Identidade e Ponto de viragem. Cada item da escala é cotado numa escala tipo Likert de 5 pontos. Quanto à consistência interna a versão original apresentou um valor elevado de *alpha de Cronbach* de .95, assim como a versão portuguesa que apresentou um *alpha de Cronbach* de .96. Neste estudo foi utilizada a esta escala como medida total, não tendo sido utilizadas as subescalas separadamente. A consistência interna encontrada nesta investigação é de .97

Early Memories of Warmth Early Memories of Warmth and Safeness Scale (EMWSS; Richter, Gilbert & McEwan, 2009; Tradução e Adaptação: Matos, M & Pinto-Gouveia, J., 2010).

Inicialmente, na escala original, existiam 30 itens. Contudo, 9 desses itens foram excluídos devido ao facto de serem os que menos representavam memórias de calor/afecto e segurança.

A versão portuguesa do EMWS (à semelhança da escala original), foi desenhada para mensurar memórias emocionais de calor/afecto e segurança na infância. É formada por 21 itens, num formato de resposta do tipo Likert de 0 a 4 (0=*Não, nunca*; 4=*Sim, a maior parte do tempo*).

Escala Experiência de Vergonha na Infância (EEVI; Dinis, A., Matos, M., Pinto-Gouveia, J. & Magalhães, C., 2008).

A escala EEVI avalia as experiências de vergonha ocorridas na infância, com o pai, mãe ou figuras equivalentes. Este instrumento é então composto por duas subescalas, de 27 itens, avaliando, separadamente, as experiências de vergonha ocorridas com o pai (ou figura equivalente) e as experiências de vergonha ocorridas com a mãe (ou figura equivalente). As respostas encontram-se num formato Likert, de cinco pontos, variando entre 1 (*Nunca Verdadeiro*) e 5 (*Sempre Verdadeiro*).

Internalized Shame Scale (ISS; Cook, 1987, 1994, 2001; Tradução e adaptação de Matos & Pinto Gouveia, 2006).

Vergonha Sentida Durante uma Experiência Traumática: Características Psicométricas da versão portuguesa da Escala *Trauma Related Shame Inventory* e estudo da relação da Vergonha Traumática com as Características de Memória Traumática e Centrais de Experiências de Vergonha, Memórias Precoces de Calor/Afecto e Segurança, Experiências Precoces de Vergonha, Vergonha Actual e Psicopatologia

Esta escala foi construída com o objectivo geral de avaliar a emoção de vergonha enquanto traço, isto é, como característica estável da personalidade em adolescentes e adultos. É constituída por duas subescalas: uma subescala com 24 itens que avalia a vergonha interna e uma segunda constituída por 6 itens que avaliam a auto-estima. A escala é composta por 30 itens e o formato de resposta é tipo *Lickert*, na qual 0 corresponde a “Nada” e 4 a “Quase sempre”. Quanto à consistência interna, a versão original apresentou um valor de alfa de *Cronbach* de .88 de vergonha e de .96 para a subescala de auto-estima. No presente estudo utiliza-se apenas a subescala do total de vergonha, uma vez que o principal interesse dos estudos prende-se com a avaliação da vergonha interna e não tanto com um constructo mais específico como a auto-estima. A consistência interna encontrada neste estudo foi de .90, para a escala total.

Other As Shamer (OAS; Goss, K., Gilbert, P. & Allan, S., 1994; Tradução e adaptação: Lopes, B., Pinto Gouveia, J. & Castilho, P., 2005).

Este questionário é constituído por 18 itens que avaliam a vergonha externa, isto é, a forma como o indivíduo pensa existir na mente dos outros. Com base numa escala de resposta tipo likert de 5 pontos (em que 0 é “Nunca” e 4 é “Quase sempre”), os sujeitos respondem em relação à frequência com que sentem ou experienciam o que é afirmado em cada item. As pontuações elevadas nesta escala traduzem um alto índice de vergonha externa. Relativamente às propriedades psicométricas da versão original, esta apresentou uma consistência interna elevada (.91). No presente estudo, a consistência interna encontrada foi de .94.

Escala de Ansiedade, Depressão e Stress (EADS-42; Lovibond & Lovibond, 1995; Tradução e adaptação de J. Pais-Ribeiro, A. Honrado e I. Leal, 2004).

A EADS pretende avaliar três dimensões constituintes do modelo tripartido: Depressão, Ansiedade e *Stress*. É formada por 42 itens sendo cada um deles uma frase que se propõe a avaliar os estados afectivos correspondentes às três dimensões acima destacadas. Os sujeitos avaliam a extensão em que experimentaram cada sintoma, durante a última semana, numa escala tipo Lickert de 4 pontos de gravidade ou frequência, em que o 0 representa “Não se aplicou nada a mim” e o 3 “Aplicou-se a mim a maior parte das vezes”. A Versão portuguesa das escalas caracteriza-se por uma boa magnitude dos valores de *alpha de Cronbach* encontrados por Ribeiro, Honrado & Leal (2004), semelhante à versão original. Os valores encontrados na versão original foram .91, .84 e .90 para as subescalas Depressão, Ansiedade e *Stress*, respectivamente. Estes autores também verificaram que o instrumento

Vergonha Sentida Durante uma Experiência Traumática: Características Psicométricas da versão portuguesa da Escala *Trauma Related Shame Inventory* e estudo da relação da Vergonha Traumática com as Características de Memória Traumática e Centrais de Experiências de Vergonha, Memórias Precoces de Calor/Afecto e Segurança, Experiências Precoces de Vergonha, Vergonha Actual e Psicopatologia

possui validade convergente e discriminante. Estas escalas foram desenvolvidas na população geral, embora pareçam igualmente adequadas para a população clínica, ou mesmo mais adequadas para esta população do que outras escalas clássicas (Brown, Chorpita, Korotisch & Barlow, 1997 cited. in Honrado, Leal & Ribeiro, 2004). No presente estudo foram utilizadas as três subescalas em separado, de forma a avaliar especificamente a sintomatologia depressiva, ansiosa e o stress e a consistência interna encontrada para cada escala foi, respectivamente, .96, .94 e .95.

General Paranoia Scale (GPS; Fenigstein & Vanable, 1992; Tradução e adaptação: Lopes, B. & Pinto Gouveia, J., 2005).

Esta escala de auto-relato é constituída por 20 itens e foi criada para avaliar a paranóia em estudantes universitários, mais especificamente as seguintes características: a crença de que outra pessoa, ou uma influência externa poderosa está a comandar os pensamentos e comportamentos do indivíduo; a crença de uma conspiração contra si próprio (e.g. outros que trabalham juntos para conspirar contra o indivíduo); a crença de estar a ser espiado ou de estarem a falar negativamente de si pelas costas; uma suspeita geral relativamente aos outros e uma falta de confiança nas pessoas; e, finalmente, a presença de sentimentos de ressentimento. Cada item será respondido numa escala de *Likert* de 5 pontos (de 1 a 5). A pontuação varia entre 20 e 100 pontos, com valores mais altos a indicar maior ideação paranóide. Esta é a escala para medir a paranóia mais utilizada (Freeman et al., 2005). A versão original apresentou uma boa consistência interna nas quatro amostras Norte-Americanas, com um alfa de *Cronbach* de .84 (Fenigstein & Vanable, 1992). No presente estudo, a consistência interna encontrada foi .93.

3. Procedimentos

O presente estudo foi realizado num único momento, sendo que todos os procedimentos foram cumpridos do mesmo modo.

Em primeiro lugar, obteve-se o consentimento informado dos participantes. Estes foram informados acerca dos objectivos do estudo e da confidencialidade dos resultados.

Foi adicionada, à bateria de instrumentos descrita acima⁶, uma folha de rosto com uma explicação sucinta dos objectivos do estudo, seguida de uma recolha de dados demográficos. Nesta página inicial fazia-se, também, referência ao anonimato de cada participante, confidencialidade dos dados e à importância do preenchimento total da

⁶ Tópico “Instrumentos”

Vergonha Sentida Durante uma Experiência Traumática: Características Psicométricas da versão portuguesa da Escala *Trauma Related Shame Inventory* e estudo da relação da Vergonha Traumática com as Características de Memória Traumática e Centrais de Experiências de Vergonha, Memórias Precoces de Calor/Afecto e Segurança, Experiências Precoces de Vergonha, Vergonha Actual e Psicopatologia

bateria de escalas. Para além disso, de acordo com os valores éticos, foi enfatizado que a colaboração dos sujeitos seria voluntária. O preenchimento desta bateria de escalas demorava, em média, quarenta e cinco minutos. No momento da administração da bateria de escalas, era fornecida, também, uma explanação oral com o intuito de informar acerca da importância de responder a todos os itens que constituíam os testes. Importa salientar que, para que fosse possível identificar a bateria de escalas de cada sujeito, associando-a à respectiva entrevista realizada posteriormente, foi atribuído um número a cada protocolo que correspondia ao mesmo número da entrevista.

Na presente investigação, os resultados dos estudos foram obtidos a partir de procedimentos estatísticos de correlações de *Pearson*, testes *t-Student* e análises de regressão linear simples e regressão múltipla *standard* (método *Enter*) (Brace, Kemp & Snelgar, 2003) e estudos de moderação. Os testes *t-student* pela mediana assumiram o objectivo de averiguar se as pessoas com pontuações mais elevadas, numa determinada escala, se distinguem daquelas com os valores mais baixos, nas mesmas, relativamente às outras variáveis em estudo. Para o efeito, foram construídos dois grupos a partir do valor mediano do total e de cada subescala das variáveis em estudo. No que respeita à avaliação da magnitude das correlações, foi utilizada a convenção de Pestana e Gageiro (2005), que sugere que uma associação deverá ser considerada muito baixa sempre que o coeficiente de correlação seja inferior a .20; baixa entre .20 e .39; moderada entre .40 e .69; alta entre .70 e .89 e muito alta entre .90 e 1.0.

IV - Resultados⁷

1. Validade de Conteúdo da Escala TRSI (*Trauma Related Shame Inventory*)

Adaptação da escala de medida à língua portuguesa

Primeiramente foram cumpridos todos os requisitos éticos relativamente ao contacto com os autores da escala original, tendo sido obtida a sua autorização para a utilização da mesma. De seguida, procedeu-se à tradução e adaptação da escala, de modo a se obter uma equivalência linguística e conceptual da versão Portuguesa do TRSI original. Os itens foram traduzidos da língua inglesa para a língua portuguesa por um psicólogo que domina a língua inglesa escrita e falada. Foram verificados os aspectos relativos à equivalência lexical e conceptual, preservando o conteúdo do item. Posteriormente, o conteúdo

⁷ Nesta secção procede-se à apresentação da análise dos dados recolhidos, depois destes terem sido introduzidos numa base de dados executada a partir do programa *Statistical Package for the Social Sciences* 20.0 (SPSS) para o sistema operativo *Windows*.

Vergonha Sentida Durante uma Experiência Traumática: Características Psicométricas da versão portuguesa da Escala *Trauma Related Shame Inventory* e estudo da relação da Vergonha Traumática com as Características de Memória Traumática e Centrais de Experiências de Vergonha, Memórias Precoces de Calor/Afecto e Segurança, Experiências Precoces de Vergonha, Vergonha Actual e Psicopatologia

da versão final foi verificado por um tradutor de nacionalidade inglesa, através de um processo de retroversão, repetido até se obter uma correspondência óptima entre o significado de cada item ao do item da escala original.

É fundamental referir que os procedimentos de validação do conteúdo da escala foram assegurados pela Doutora Marcela Matos e pelo Professor Doutor José Pinto-Gouveia.

2. Estudo exploratório das características psicométricas do TRSI numa amostra da população portuguesa (N = 302).

2.1 – Estudo da estrutura factorial da escala

Tendo como objectivo analisar a estrutura factorial da escala TRSI para a população portuguesa, constituída por duas escalas de 12 itens cada, procedeu-se a uma análise factorial exploratória em componentes principais (ACP), seguida de rotação Varimax. No estudo original, os autores procederam a um método de validação distinto, recorrendo a estudos de Generabilidade (Cronbach, Gleser, Nanda & Rajartnam, 1972, citado por Hoffart & Oktedalen, 2011). Contudo, na presente investigação optou-se pela análise factorial dos itens.

Antes de se iniciar este procedimento, verificou-se a adequação dos dados à análise factorial. A dimensão da amostra obedece ao critério proposto por Nunnally⁸– existem pelo menos cinco sujeitos por cada item.

2.1.1 – Estudo da estrutura factorial da escala Vergonha Interna do TRSI

Analisando-se a matriz de correlações, revelaram-se coeficientes moderados a elevados (os valores variam entre .36 e .80). O coeficiente Kaiser-Mayer-Olkin revelou-se bastante expressivo⁹ [KMO = .939], assim como o índice de esfericidade de Bartlett [$\chi^2 = 2640.107$, $p < .001$], confirmando-se assim a factoriabilidade da matriz de correlações.

O estudo da solução inicial aponta para a presença de dois factores com eigenvalues superiores a 1 (7.234 e 1.253), que explicam, respectivamente, 60.28% e 10.44% da variância. Ainda na análise realizada, foi tido em conta o resultado do teste Scree Plot, uma vez que, segundo Stevens (1992), numa amostra com mais de 200 sujeitos, esta análise providencia um critério bastante fidedigno para a selecção do

⁸ Pestana & Gageiro (2005)

⁹ Na interpretação dos resultados obtidos através do teste de KMO utilizou-se o convencionado por Kaiser (1974) que sugere que a adequação da amostra a uma análise em componentes principais é inaceitável sempre que o valor do teste KMO é inferior a .50; má entre .50 e .60; razoável entre .60 e .70; média entre .70 e .80; boa entre .80 e .9. e muito boa .90 e 1.

número de factores. De acordo com Cattell (1996), o ponto de corte para a selecção de factores deverá corresponder ao ponto de inflexão da curva. Deste modo, a análise do Scree Plot de Cattell demonstra uma quebra acentuada entre a primeira e a segunda componente o que, em conjunto com a diminuta percentagem de variância explicada pelo segundo factor, sugere que estamos perante uma solução unidimensional.

Com o objectivo de confirmar esta hipótese, conduziu-se uma ACP forçada a um componente. Esta solução apresenta bons indicadores de adequação de matriz. Os valores do índice de Kaiser-Mayer-Olkin [KMO = .939] e de esfericidade de Bartlett [$\chi^2=2640.107$, $p<.001$] também se revelaram bastante expressivos. Todos os itens apresentam comunalidades moderadas a elevadas¹⁰ (superiores a .46) e saturações factoriais muito expressivas (entre .68 e .85), permitindo explicar 60.28% da variância – correspondente a um eigenvalue 7.234. De modo a auxiliar a interpretação do componente, procedeu-se a uma rotação Varimax.

Conclui-se assim que estamos perante uma solução unidimensional e com base nos dados apresentados anteriormente, optou-se por manter todos os itens da escala. Os resultados encontrados vão ao encontro daqueles que descritos pelo estudo original.

Tabela 1. Saturações factoriais e Comunalidades para os itens da Escala Vergonha Interna do TRSI a partir de uma análise em componentes principais (N = 302)

Item	Saturação Factorial	Comunalidades
TRSI_21	.85	.72
TRSI_5	.84	.70
TRSI_9	.83	.70
TRSI_10	.82	.67
TRSI_23	.82	.67
TRSI_15	.80	.64
TRSI_3	.76	.58
TRSI_13	.75	.56
TRSI_1	.74	.55
TRSI_20	.72	.52
TRSI_11	.69	.48
TRSI_8	.68	.46

2.1.2 – Estudo da estrutura factorial da escala Vergonha Externa do TRSI

¹⁰ O valor das comunalidades deve ser superior a .35, de acordo com Tabachnick & Fidell (2007)

Vergonha Sentida Durante uma Experiência Traumática: Características Psicométricas da versão portuguesa da Escala *Trauma Related Shame Inventory* e estudo da relação da Vergonha Traumática com as Características de Memória Traumática e Centrais de Experiências de Vergonha, Memórias Precoces de Calor/Afecto e Segurança, Experiências Precoces de Vergonha, Vergonha Actual e Psicopatologia

Analisando-se a matriz de correlações, revelaram-se coeficientes moderados a elevados (os valores variam entre .41 e .82). O coeficiente Kaiser-Mayer-Olkin revelou-se bastante expressivo [$KMO = .943$], assim como o índice de esfericidade de Bartlett [$\chi^2 = 3103.147$, $p < .001$], confirmando-se assim a factoriabilidade da matriz de correlações.

O estudo da solução inicial aponta para a presença de um factor com eigenvalue superior a 1 (7.874), que explica 65.61% da variância. Ainda na análise realizada, o Scree Plot de Cattell demonstra uma quebra acentuada entre a primeira e a segunda componente, o que sugere que estamos perante uma solução unidimensional. Todos os itens apresentam comunalidades moderadas a elevadas¹¹ (superiores a .46) e saturações factoriais muito expressivas (entre .68 e .82). De modo a auxiliar a interpretação do componente, procedeu-se a uma rotação Varimax.

Conclui-se assim que estamos perante uma solução unidimensional e com base nos dados apresentados anteriormente, optou-se por manter todos os itens da escala. Os resultados encontrados vão ao encontro daqueles que descritos pelo estudo original.

Tabela 2. Saturações factoriais e Comunalidades para os itens da Escala Vergonha Externa do TRSI a partir de uma análise em componentes principais (N = 302)

Item	Saturação Factorial	Comunalidades
TRSI_16	.91	.82
TRSI_14	.89	.80
TRSI_17	.87	.76
TRSI_12	.83	.70
TRSI_24	.83	.69
TRSI_22	.82	.68
TRSI_18	.79	.63
TRSI_19	.79	.62
TRSI_7	.78	.60
TRSI_6	.76	.58
TRSI_2	.73	.54
TRSI_4	.68	.46

2.2 – Análise dos itens e Consistência Interna

2.2.1 – Análise dos itens e Consistência Interna da Escala Vergonha Interna

Para efeito de análise dos itens das escalas do TRSI calcularam-se

¹¹ O valor das comunalidades deve ser superior a .35 Tabachnick & Fidell (2007)

Vergonha Sentida Durante uma Experiência Traumática: Características Psicométricas da versão portuguesa da Escala *Trauma Related Shame Inventory* e estudo da relação da Vergonha Traumática com as Características de Memória Traumática e Centrais de Experiências de Vergonha, Memórias Precoces de Calor/Afecto e Segurança, Experiências Precoces de Vergonha, Vergonha Actual e Psicopatologia

as médias, desvio-padrão e correlações item-total para cada item e alpha de Cronbach se o item for removido. Os resultados são apresentados em anexo (cf. Anexo II).

Procedeu-se então a uma análise da qualidade dos itens através da estimação do alfa de Cronbach. Este procedimento revela a existência de correlações elevadas¹² entre todos os itens e de correlações item-total elevadas¹³ (>.65), tendo as mesmas variado entre .65 e .79 (cf. Tabela 1). Deste modo, as correlações encontradas mostraram-se significativas, positivas e elevadas. Para se determinar a consistência interna, calculou-se o alpha de Cronbach do total da escala TRSI Vergonha Interna, o qual revelou uma muito boa consistência interna, com valor .94 (cf. Tabela 1).

A análise deste indicador, caso o item seja retirado, revelou que a exclusão de qualquer item não incrementava o valor do indicador de consistência interna, confirmando a robustez da estrutura unidimensional encontrada.

2.2.2 – Análise dos itens e Consistência Interna da Escala Vergonha Externa

Procedeu-se a uma análise da qualidade dos itens através da estimação do alfa de Cronbach. Este procedimento revela a existência de correlações elevadas entre todos os itens e de correlações item-total elevadas (>.63), tendo as mesmas variado entre .63 e .88 (cf. Tabela 2). Deste modo, as correlações encontradas mostraram-se significativas, positivas e elevadas. Para se determinar a consistência interna, calculou-se o alpha de Cronbach do total da escala TRSI Vergonha Externa, o qual revelou uma muito boa consistência interna, com valor de .95 (cf. Tabela 2).

A análise deste indicador, caso o item seja retirado, revelou que a exclusão de qualquer item não incrementava o valor do indicador de consistência interna, confirmando a robustez da estrutura unidimensional encontrada.

¹² Na avaliação da magnitude das correlações são considerados como referência os valores apontados por Pestana & Gageiro (2005), que sugerem que um coeficiente de correlação inferior a .20 revela uma associação muito baixa, um valor entre .21 e .39 uma associação baixa, entre .40 e .69 moderada, entre .70 e .89 alta e, se o valor do coeficiente de correlação for superior a .90 uma associação muito alta.

¹³ Segundo Almeida & Freire (2008), um coeficiente de correlação item-total não inferior a .20 tende a ser exigido. Kline (2000) adopta um critério mais exigente ao sugerir que os itens devem ser seleccionados quando apresentam uma correlação com o total superior a .30. Nesta dissertação, serão tidos como referência para o estudo da correlação item-total aqueles indicados por Kline (2008).

Vergonha Sentida Durante uma Experiência Traumática: Características Psicométricas da versão portuguesa da Escala *Trauma Related Shame Inventory* e estudo da relação da Vergonha Traumática com as Características de Memória Traumática e Centrais de Experiências de Vergonha, Memórias Precoces de Calor/Afecto e Segurança, Experiências Precoces de Vergonha, Vergonha Actual e Psicopatologia

2.3 – Validade Convergente

A validade convergente da escala Vergonha Interna do TRSI foi analisada através do recurso a correlações de *Pearson* entre aquela e a Escala de Vergonha Interna (ISS). A escala Vergonha Interna do TRSI mostrou-se correlacionada de forma significativa, positiva e moderada com a Vergonha Interna (ISS, $r = .49$; $p < .001$).

A validade convergente da escala Vergonha Externa do TRSI foi analisada através do recurso a correlações de *Pearson* entre aquela e a Escala de Vergonha Externa (OAS). A escala Vergonha Externa do TRSI mostrou-se correlacionada de forma significativa, positiva e moderada com a Vergonha Externa (OAS, $r = .48$; $p < .001$).

A análise da validade convergente foi também realizada entre as duas escalas do TRSI (Vergonha interna e externa), tendo-se obtido valores elevados de correlação entre as duas escalas ($r = .86$, $p < .001$)

2.4 – Validade Divergente

A validade divergente das escalas Vergonha Interna e Vergonha Externa do TRSI foi analisada através do recurso a correlações de *Pearson* entre aquelas, as subescalas Ansiedade, Depressão e Stress da escala EADS-42 e a escala da Paranóia (GPS).

A partir da análise das correlações, verifica-se que as escalas Vergonha Interna e Vergonha Externa se correlacionam positiva e moderadamente com a subescala Depressão ($r = .42$, $p < .001$ e $r = .44$, $p < .001$, respectivamente) e apresentam correlações positivas e baixas com as subescalas Ansiedade ($r = .34$, $p < .001$ e $r = .39$, $p < .001$) e Stress ($r = .36$, $p < .001$ e $r = .39$, $p < .001$). A escala Vergonha Externa do TRSI correlaciona-se positiva e moderadamente com a Paranóia ($r = .40$, $p < .001$) e a escala Vergonha Interna apresenta uma correlação positiva e baixa com a Paranóia ($r = .37$, $p < .001$).

3. Estudo das Diferenças de género nas variáveis em análise

Após a análise estatística, concluiu-se que apenas existem diferenças estatisticamente significativas entre géneros na subescala EEVi pai ($t(295) = 2.67$; $p < .05$). Neste caso, verifica-se que os sujeitos que apresentam um número mais elevado de experiências precoces de vergonha com o pai são os sujeitos do género masculino ($M = 28.03$, $DP = 10.44$).

Frequência do tipo de envergonhador

Vergonha Sentida Durante uma Experiência Traumática: Características Psicométricas da versão portuguesa da Escala *Trauma Related Shame Inventory* e estudo da relação da Vergonha Traumática com as Características de Memória Traumática e Centrais de Experiências de Vergonha, Memórias Precoces de Calor/Afecto e Segurança, Experiências Precoces de Vergonha, Vergonha Actual e Psicopatologia

Nas experiências de vergonha, os sujeitos reportam que os envergonhadores, são por ordem de frequência: **colegas** (23.8%), seguido de **professores** (15.2%), **amigos** (14.6%), **pai** (13.2%), **mãe** (9.9%), **familiares** (9.6%), **estranhos** (7%), **ambos** (*pai e mãe* – 5.6%) e **outros** (1%).

4. Estudo I. Vergonha Traumática e Características de Memória Traumática e Centrais de uma Experiência de Vergonha

Neste estudo pretende-se investigar a relação entre a vergonha interna e externa sentida pelo indivíduo durante uma experiência traumática de vergonha e as características de memória traumática e centrais resultantes dessa mesma experiência.

4.1. Estudo da relação entre a Vergonha sentida durante uma experiência traumática de vergonha e as Características de memória traumática dessa experiência.

Vergonha interna e externa sentida durante uma experiência traumática de vergonha e as Características de Memória Traumática dessa experiência

A partir da análise das correlações de *Pearson*, observa-se que a vergonha **interna** sentida durante uma experiência traumática de vergonha apresenta uma correlação positiva e moderada com as características de memória traumática ($r = .48$; $p < .001$). Relativamente à comparação entre o grupo de sujeitos que apresenta índices mais elevados de vergonha interna sentida durante a experiência traumática de vergonha ($M = 4.53$; $DP = 2.44$) e o grupo de sujeitos que apresenta índices mais baixos ($M = 2.61$; $DP = 2.20$), revelou-se a existência de diferenças estatisticamente significativas, o que indica que maiores níveis de vergonha interna sentida durante uma experiência traumática de vergonha se associam a níveis mais elevados de características de memória traumática associada a essa experiência ($t(286.17) = 7.16$; $p < .001$).

A partir da análise das correlações de *Pearson*, observa-se que a vergonha **externa** sentida durante uma experiência traumática de vergonha apresenta correlações positivas e moderadas com as características de memória traumática ($r = .46$; $p < .001$). Relativamente à comparação entre o grupo de sujeitos que apresentam índices mais elevados de vergonha externa sentida durante uma experiência traumática de vergonha ($M = 4.80$, $DP = 2.45$) e os que apresentam índices mais baixos ($M = 2.64$, $DP = 2.10$) também diferem significativamente entre si, sugerindo que níveis mais elevados de vergonha externa sentida durante uma experiência traumática de vergonha se associam a níveis

Vergonha Sentida Durante uma Experiência Traumática: Características Psicométricas da versão portuguesa da Escala *Trauma Related Shame Inventory* e estudo da relação da Vergonha Traumática com as Características de Memória Traumática e Centrais de Experiências de Vergonha, Memórias Precoces de Calor/Afecto e Segurança, Experiências Precoces de Vergonha, Vergonha Actual e Psicopatologia

elevados de características de memória traumática associadas a essa experiência ($t(294.479) = 8.24; p < .001$).

Com o objectivo de perceber qual o contributo da vergonha interna e externa sentida pelo individuo durante uma experiência de vergonha traumática na variância das características de memória traumática, procedeu-se a uma regressão linear múltipla (método *Enter*), usando estas características como preditoras das características de memória traumática. Os resultados da regressão revelam que as variáveis preditoras produzem um modelo explicativo ($F = 46.64; p < .001$), explicando 24% do das características de memória traumática. Ambas a vergonha interna ($\beta = .30; p = .002$) e externa ($\beta = .21; p = .035$) sentida emergem na predição das características de memória traumática.

4.2. Estudo da relação entre a Vergonha sentida durante uma experiência traumática de vergonha e as características de centralidade dessa experiência.

Vergonha interna e externa sentida durante uma experiência traumática e Características de Centralidade dessa experiência

A partir da análise das correlações de *Pearson*, observa-se que a vergonha **interna** sentida durante uma experiência traumática de vergonha apresenta uma correlação positiva e moderada com a centralidade do evento ($r = .47; p < .001$). Relativamente à comparação entre o grupo de sujeitos que apresenta índices mais elevados de vergonha interna sentida durante uma experiência traumática de vergonha ($M = 46.63; DP = 18.21$) e o grupo de sujeitos que apresenta índices mais baixos ($M = 35.72; DP = 16.20$), revelou-se a existência de diferenças estatisticamente significativas, o que indica que maiores níveis de vergonha interna sentida se associam a graus mais elevados de centralidade da experiência ($t(287.801) = 5.49; p < .001$).

A partir da análise das correlações de *Pearson*, regista-se uma correlação positiva e moderada da vergonha **externa** sentida durante uma experiência traumática de vergonha com a centralidade do evento ($r = .40; p < .001$). Relativamente à comparação entre o grupo de sujeitos que apresentam índices mais elevados de vergonha externa sentida durante uma experiência traumática de vergonha ($M = 47.42, DP = 18.00$) e os que apresentam índices mais baixos ($M = 36.29, DP = 16.54$) também diferem significativamente entre si, sugerindo que níveis mais elevados de vergonha externa sentida se associam a níveis elevados de centralidade dessa experiência ($t(298.488) = 5.75; p < .001$).

Com o objectivo de perceber qual o contributo da vergonha sentida pelo individuo na experiência de vergonha traumática na variância da centralidade do evento, procedeu-se a uma regressão linear múltipla (método *Enter*), usando estas características como preditoras da

Vergonha Sentida Durante uma Experiência Traumática: Características Psicométricas da versão portuguesa da Escala *Trauma Related Shame Inventory* e estudo da relação da Vergonha Traumática com as Características de Memória Traumática e Centrais de Experiências de Vergonha, Memórias Precoces de Calor/Afecto e Segurança, Experiências Precoces de Vergonha, Vergonha Actual e Psicopatologia

centralidade do evento. Os resultados da regressão revelam que as variáveis preditoras produzem um modelo explicativo ($F = 43.46$; $p < .001$), explicando 23% da centralidade do evento. Apenas a vergonha interna ($\beta = .50$; $p < .001$) emerge na predição da centralidade do evento.

Tendo em conta os resultados obtidos, podemos afirmar que as emoções de vergonha sentidas durante uma experiência traumática de vergonha estão significativamente associadas a características de memórias traumáticas do indivíduo. Por outro lado, a vergonha interna sentida durante este tipo de experiências apresenta elevadas correlações com características de centralidade de experiências de vergonha, podendo tornar-se pontos de referência na atribuição de significados na vida do indivíduo. As características centrais da experiência traumática de vergonha não parecem ser explicadas pela vergonha externa sentida durante essa mesma experiência. Estes resultados sugerem que indivíduos que na experiência traumática de vergonha sentiram maiores níveis de vergonha interna e externa tendem a apresentar níveis mais elevados de características traumáticas e centrais na construção da sua identidade e história de vida dessa mesma experiência.

5. Estudo II. Memórias Precoces de Calor/Afecto e Segurança, Experiências Precoces de Vergonha e Vergonha Traumática

Neste estudo pretende-se estudar a relação entre as Memórias Precoces de Calor/Afecto e Segurança e as Experiências Precoces de Vergonha com o pai e mãe (ou figuras equivalentes) e a Vergonha (interna e externa) sentida durante uma experiência traumática de vergonha.

5.1. Estudo da relação entre a e as Memórias Precoces de Calor/Afecto e Segurança e as Experiências Precoces de Vergonha com o pai e com a mãe e a Vergonha Interna sentida durante uma experiência traumática de vergonha

Memórias Precoces de Calor/Afecto e Segurança e Experiências Precoces de Vergonha (com o pai e com a mãe) e Vergonha interna sentida durante uma experiência traumática de vergonha

A partir da análise das correlações de *Pearson*, observa-se que as memórias precoces de calor/afecto e segurança apresentam uma correlação negativa e muito baixa com a vergonha **interna** sentida durante uma experiência traumática de vergonha ($r = -.14$; $p = .016$). As experiências precoces de vergonha com a mãe ($r = .26$; $p < .001$) e com o pai ($r = .29$; $p = .000$) apresentam uma correlação positiva e baixa com a vergonha interna sentida.

Vergonha Sentida Durante uma Experiência Traumática: Características Psicométricas da versão portuguesa da Escala *Trauma Related Shame Inventory* e estudo da relação da Vergonha Traumática com as Características de Memória Traumática e Centrais de Experiências de Vergonha, Memórias Precoces de Calor/Afecto e Segurança, Experiências Precoces de Vergonha, Vergonha Actual e Psicopatologia

Relativamente à comparação entre grupos de sujeitos, verificou-se que não existem diferenças estatisticamente significativas no que diz respeito às memórias precoces de calor/afecto e segurança, nem no que diz respeito às experiências precoces de vergonha com o pai. Contudo, existem diferenças estatisticamente significativas entre o grupo de sujeitos que apresenta maiores níveis de experiências precoces de vergonha com a mãe ($M = 16.09$; $DP = 5.77$) e o grupo que apresenta índices mais baixos ($M = 14.68$; $DP = 4.81$), o que indica que maiores níveis de experiências precoces de vergonha com a mãe se associam a níveis mais elevados de vergonha interna sentida.

Com o objectivo de perceber qual o contributo das memórias precoces de calor/afecto e segurança e das experiências precoces de vergonha com a mãe e com o pai na variância da vergonha interna sentida durante uma experiência traumática de vergonha, procedeu-se a uma regressão linear múltipla (método *Enter*), usando estas características como preditoras da vergonha interna sentida. Os resultados da regressão revelam que as variáveis preditoras produzem um modelo explicativo ($F = 9.79$; $p < .001$), explicando 10% da vergonha interna sentida. Apenas as experiências precoces de vergonha com o pai ($\beta = .21$; $p < .05$) emergem na predição da vergonha interna sentida.

5.2. Estudo da relação entre a e as Memórias Precoces de Calor/Afecto e Segurança e as Experiências Precoces de Vergonha com o pai e com a mãe e a Vergonha Externa sentida durante uma experiência traumática de vergonha

Memórias precoces de Calor/Afecto e Segurança e Experiências Precoces de Vergonha (com o pai e com a mãe) e Vergonha externa sentida durante uma experiência traumática de vergonha

A partir da análise das correlações de *Pearson*, observa-se que as memórias precoces de calor/afecto e segurança não se correlacionam com a vergonha **externa** sentida. As experiências precoces de vergonha com a mãe ($r = .22$; $p < .001$) e com o pai ($r = .26$; $p < .001$) apresentam uma correlação positiva e baixa com a vergonha externa sentida.

Relativamente à comparação entre grupos, verificou-se que não existem diferenças estatisticamente significativas no que diz respeito às memórias precoces de calor/afecto e segurança, nem no que diz respeito às experiências precoces de vergonha com a mãe. Por outro lado, existem diferenças estatisticamente significativas entre o grupo de sujeitos que apresenta maiores níveis de experiências precoces de vergonha com o pai ($M = 16.21$, $DP = 6.19$) e o grupo que apresenta índices mais baixos ($M = 14.02$, $DP = 4.44$), o que indica que maiores níveis de experiências precoces de vergonha com o pai se associam a níveis mais elevados de vergonha externa sentida.

Vergonha Sentida Durante uma Experiência Traumática: Características Psicométricas da versão portuguesa da Escala *Trauma Related Shame Inventory* e estudo da relação da Vergonha Traumática com as Características de Memória Traumática e Centrais de Experiências de Vergonha, Memórias Precoces de Calor/Afecto e Segurança, Experiências Precoces de Vergonha, Vergonha Actual e Psicopatologia

Com o objectivo de perceber qual o contributo das experiências precoces de vergonha com a mãe e com o pai na variância da vergonha externa sentida durante uma experiência traumática de vergonha, procedeu-se a uma regressão linear múltipla (método *Enter*), usando estas características como preditoras da vergonha externa sentida. Os resultados da regressão revelam que as variáveis preditoras produzem um modelo explicativo ($F = 7.10$; $p < .001$), explicando 7% da vergonha externa sentida. Apenas as experiências precoces de vergonha com o pai ($\beta = .20$; $p < .05$) emergem na predição da vergonha externa sentida.

Tendo em conta os resultados obtidos, podemos afirmar que as experiências precoces de vergonha com o pai e com a mãe estão relacionadas com a vergonha (interna e externa) sentida durante uma experiência traumática de vergonha. Contudo, apenas as experiências precoces de vergonha vivenciadas com o pai surgem na explicação da variância da vergonha sentida durante uma experiência traumática de vergonha. Por outro lado, as memórias precoces de calor/afecto e segurança não estão correlacionadas com a vergonha externa sentida durante uma experiência traumática de vergonha, o que poderá significar que este tipo de memória não afecta a forma como o indivíduo pensa existir na mente dos outros, relativamente a essas experiências. As memórias precoces de calor/afecto e segurança também não surgem na explicação da variância da vergonha interna sentida, o que sugere que este tipo de memórias não afecta significativamente a forma como o indivíduo se vê relativamente a esse tipo de experiências.

6. Estudo III. Estudo do Efeito Moderador das Memórias Precoces de Calor /Afecto e Segurança na relação entre a Vergonha Sentida Durante uma Experiência Traumática de Vergonha e as Características de Memória Traumática e as Características Centrais dessa experiência

De acordo com as hipóteses estabelecidas, pensamos que as memórias precoces de calor/afecto e segurança não só se correlacionam de forma inversa com a vergonha (interna e externa) sentida durante uma experiência traumática de vergonha, mas também actuam como protectoras na relação entre esta última e as características de memória traumática e centrais de um episódio traumático de vergonha. Neste estudo pretendeu-se, tendo em conta os resultados dos estudos anteriores, estudar o efeito moderador das memórias de calor e afecto na relação entre a vergonha (interna e externa) sentida durante uma experiência traumática de vergonha e as características de memória traumática e centrais dessas experiências.

De forma a analisar este efeito de moderação, conduziu-se uma

Vergonha Sentida Durante uma Experiência Traumática: Características Psicométricas da versão portuguesa da Escala *Trauma Related Shame Inventory* e estudo da relação da Vergonha Traumática com as Características de Memória Traumática e Centrais de Experiências de Vergonha, Memórias Precoces de Calor/Afecto e Segurança, Experiências Precoces de Vergonha, Vergonha Actual e Psicopatologia

análise de regressão múltipla hierárquica, considerando a interacção de um preditor contínuo (Cohen, Cohen, West, & Aiken, 2003). Neste procedimento e de forma a reduzir os erros associados com a multicolineariedade, usou-se um procedimento de standardização das variáveis, centrando os valores das variáveis dos dois preditores e obtendo-se o produto da interacção pela multiplicação das duas variáveis criadas (Aiken & West, 1991). Este procedimento foi utilizado em todas as moderações a seguir apresentadas.

6.1. Efeito Moderador das Memórias de Calor/Afecto e Segurança na relação entre a Vergonha Interna sentida durante uma experiência traumática de vergonha e as Características de Memória Traumática

Tal como foi apresentado nos estudos anteriores, as variáveis em estudo encontram-se correlacionadas positivamente entre si.

No primeiro passo do modelo introduziu-se a vergonha interna sentida durante uma experiência traumática de vergonha como preditora, e no segundo passo, incluiu-se as memórias de calor/afecto e segurança como variável preditora. No terceiro passo, entrou-se com a interacção entre as duas variáveis, como mediador, apresentando um $R^2 = .31$ ($F(298) = 5.67$; $p < .05$). Os três passos da regressão múltipla produziram modelos estaticamente significativos. Existe assim uma interacção entre a vergonha interna sentida durante uma experiência traumática de vergonha e as memórias de calor/afecto e segurança na predição das características de memória traumática. A interacção entre estas duas variáveis aponta para a existência de um efeito moderador das memórias de calor/afecto e segurança na relação entre a vergonha interna sentida e as características de memória traumática. ($\beta = .12$; $t(298) = 2.38$; $p < .05$).

Gráfico da Relação entre Memórias Precoces de Calor/Afecto e Segurança (EMWS) e as Características de Memória Traumática (IES-R) com Diferentes Níveis de Vergonha Interna Sentida durante uma Experiência Traumática de Vergonha (TRSI_VI)

Para uma melhor compreensão da relação entre as memórias precoces de calor/afecto e segurança e as características de memória traumática, com diferentes níveis de vergonha **interna** sentida durante uma experiência traumática de vergonha, desenhou-se um gráfico considerando cada curva do gráfico para cada nível de memórias de calor/afecto e segurança (baixo, médio, alto). Assim, para os mesmos níveis de vergonha interna sentida durante uma experiência traumática de vergonha (baixo, médio ou alto), indivíduos que apresentam níveis médios ou elevados de memórias precoces relacionadas com calor/afecto

Vergonha Sentida Durante uma Experiência Traumática: Características Psicométricas da versão portuguesa da Escala *Trauma Related Shame Inventory* e estudo da relação da Vergonha Traumática com as Características de Memória Traumática e Centrais de Experiências de Vergonha, Memórias Precoces de Calor/Afecto e Segurança, Experiências Precoces de Vergonha, Vergonha Actual e Psicopatologia

e segurança, tenderão a revelar menos características de memória traumática, comparando com indivíduos que demonstram níveis baixos de memórias de calor/afecto e segurança. Isto é sobretudo verdade para indivíduos com níveis baixos e médios de vergonha interna sentida durante a experiência traumática de vergonha. (Anexo V).

6.2. Efeito Moderador das Memórias Precoces de Calor/Afecto e Segurança na relação entre a Vergonha Externa sentida durante uma experiência traumática de vergonha e as Características de Memória Traumática

De acordo com os resultados obtidos, não se verifica efeito moderador das memórias de calor/afecto e segurança na relação entre a vergonha externa sentida e as características de memória traumática.

6.3. Efeito Moderador das Memórias Precoces de Calor/Afecto e Segurança na relação entre a Vergonha Interna sentida durante uma experiência traumática de vergonha e as Características Centrais dessa experiência

Tal como foi apresentado nos estudos anteriores, as variáveis em estudo encontram-se correlacionadas positivamente entre si.

No primeiro passo do modelo introduziu-se a vergonha interna sentida durante uma experiência traumática de vergonha como preditora, e no segundo passo, incluiu-se as memórias de calor/afecto e segurança como variável preditora. No terceiro passo, entrámos com a interacção entre as duas variáveis, como mediador, apresentando um $R^2 = .29$ ($F(298) = 12.12$; $p < .001$). Os três passos da regressão múltipla produziram modelos estaticamente significativos. Existe assim uma interacção entre a vergonha interna sentida e as memórias de calor/afecto e segurança na predição da centralidade da experiência de vergonha. A interacção entre estas duas variáveis aponta para a existência de um efeito moderador das memórias de calor/afecto e segurança na relação entre a a vergonha interna sentida e a centralidade da experiência ($\beta = .17$; $t(298) = 3.48$; $p < .001$).

Gráfico da Relação entre Memórias Precoces de Calor/Afecto e Segurança (EMWS) e as Características Centrais dessa experiência (CES) com Diferentes Níveis de Vergonha Interna Sentida durante uma Experiência Traumática de Vergonha (TRSI_VI)

Para uma melhor compreensão da relação entre as memórias precoces de calor/afecto e segurança e as características de centralidade de uma experiência de vergonha traumática, com diferentes níveis de vergonha **interna** sentida durante uma experiência traumática de

Vergonha Sentida Durante uma Experiência Traumática: Características Psicométricas da versão portuguesa da Escala *Trauma Related Shame Inventory* e estudo da relação da Vergonha Traumática com as Características de Memória Traumática e Centrais de Experiências de Vergonha, Memórias Precoces de Calor/Afecto e Segurança, Experiências Precoces de Vergonha, Vergonha Actual e Psicopatologia

vergonha, desenhou-se um gráfico considerando cada curva do gráfico para cada nível de memórias de calor/afecto e segurança (baixo, médio, alto). Assim, para os mesmos níveis de vergonha interna sentida durante uma experiência traumática de vergonha (baixo, médio ou alto), indivíduos que apresentam níveis médios ou elevados de memórias precoces relacionadas com calor/afecto e segurança, tenderão a revelar menos características de centralidade da experiência de vergonha, comparando com indivíduos que demonstram níveis baixos de memórias de calor/afecto e segurança. Isto é sobretudo verdade para indivíduos com níveis baixos e médios de vergonha interna sentida durante a experiência traumática de vergonha. (Anexo V)

6.4. Efeito Moderador das Memórias Precoces de Calor/Afecto e Segurança na relação entre a Vergonha Externa sentida durante uma experiência traumática de vergonha e as Características Centrais dessa experiência

Tal como foi apresentado nos estudos anteriores, as variáveis em estudo encontram-se correlacionadas positivamente entre si.

No primeiro passo do modelo introduzimos a vergonha externa sentida durante uma experiência traumática de vergonha como preditora, e no segundo passo, incluímos as memórias de calor/afecto e segurança como variável preditora. No terceiro passo, entrámos com a interacção entre as duas variáveis, como mediador, apresentando um $R^2 = .22$ ($F(298) = 5.91$; $p < .05$). Os três passos da regressão múltipla produziram modelos estaticamente significativos. Existe assim uma interacção entre a vergonha externa sentida e as memórias de calor/afecto e segurança na predição da centralidade da experiência de vergonha. A interacção entre estas duas variáveis aponta para a existência de um efeito moderador das memórias de calor/afecto e segurança na relação entre a vergonha externa sentida e a centralidade da experiência ($\beta = .13$; $t(298) = 2.43$; $p < .05$).

Gráfico da Relação entre Memórias Precoces de Calor/Afecto e Segurança (EMWS) e as Características Centrais dessa experiência (CES) com Diferentes Níveis de Vergonha Externa Sentida durante uma Experiência Traumática de Vergonha (TRSI_VE)

Para uma melhor compreensão da relação entre as memórias precoces de calor/afecto e segurança e as características de centralidade de uma experiência de vergonha traumática, com diferentes níveis de vergonha **externa** sentida durante uma experiência traumática de vergonha, desenhou-se um gráfico considerando cada curva do gráfico para cada nível de memórias de calor/afecto e segurança (baixo, médio, alto). Assim, para os mesmos níveis de vergonha externa sentida durante

Vergonha Sentida Durante uma Experiência Traumática: Características Psicométricas da versão portuguesa da Escala *Trauma Related Shame Inventory* e estudo da relação da Vergonha Traumática com as Características de Memória Traumática e Centrais de Experiências de Vergonha, Memórias Precoces de Calor/Afecto e Segurança, Experiências Precoces de Vergonha, Vergonha Actual e Psicopatologia

uma experiência traumática de vergonha (baixo, médio ou alto), indivíduos que apresentam níveis médios ou elevados de memórias precoces relacionadas com calor/afecto e segurança, tenderão a revelar menos características de centralidade da experiência de vergonha, comparando com indivíduos que demonstram níveis baixos de memórias de calor/afecto e segurança. Isto é sobretudo verdade para indivíduos com níveis baixos e médios de vergonha interna sentida durante a experiência traumática de vergonha. (Anexo V)

Tendo em conta os resultados obtidos, podemos afirmar que as memórias precoces de calor/afecto e segurança atenuam a relação entre a vergonha interna sentida durante uma experiência traumática de vergonha e as características de memória traumática relativas a essa mesma experiência. Além disso, as memórias de calor e afecto têm também um efeito protector do impacto da vergonha (interna e externa) sentida durante uma experiência traumática de vergonha nas características centrais dessa mesma experiência.

7. Estudo IV. Vergonha Traumática e Vergonha Actual

Neste estudo pretende-se investigar a relação entre a vergonha (interna e externa) sentida durante uma experiência traumática de vergonha e a vergonha actual.

7.1. Estudo da relação entre Vergonha sentida durante uma experiência traumática de vergonha e Vergonha Interna actual

Vergonha Interna e Externa Sentida numa experiência de vergonha traumática e Vergonha Interna actual

A partir da análise das correlações de *Pearson*, observa-se que a vergonha **interna** sentida durante uma experiência de vergonha traumática apresenta uma correlação positiva e moderada com a vergonha interna actual ($r = .49$; $p < .001$). Relativamente à comparação entre o grupo de sujeitos que apresenta índices mais elevados de vergonha interna sentida durante uma experiência traumática de vergonha ($M = 36.75$; $DP = 17.02$) e o grupo de sujeitos que apresenta índices mais baixos ($M = 26.24$; $DP = 15.26$), revelou-se a existência de diferenças estatisticamente significativas, o que indica que maiores níveis de vergonha interna sentida durante essa experiência se associam a graus mais elevados de vergonha interna actual ($t(286.860) = 5.63$; $p < .001$).

A partir da análise das correlações de *Pearson*, observa-se que a vergonha **externa** sentida durante uma experiência de vergonha traumática apresenta uma correlação positiva e moderada com a vergonha interna actual ($r = .48$; $p < .001$). Relativamente à comparação

Vergonha Sentida Durante uma Experiência Traumática: Características Psicométricas da versão portuguesa da Escala *Trauma Related Shame Inventory* e estudo da relação da Vergonha Traumática com as Características de Memória Traumática e Centrais de Experiências de Vergonha, Memórias Precoces de Calor/Afecto e Segurança, Experiências Precoces de Vergonha, Vergonha Actual e Psicopatologia

entre o grupo de sujeitos que apresenta índices mais elevados de vergonha externa sentida durante uma experiência traumática de vergonha ($M = 38.85$, $DP = 17.01$) e os que apresentam índices mais baixos ($M = 25.73$, $DP = 14.47$) também diferem significativamente entre si, sugerindo que níveis mais elevados de vergonha externa sentida durante essa experiência se associam a níveis elevados de vergonha interna actual ($t(293.641) = 7.22$; $p < .001$).

Com o objectivo de perceber qual o contributo da vergonha interna e externa sentida pelo individuo na experiência de vergonha traumática na variância da vergonha interna actual, procedeu-se a uma regressão linear múltipla (método *Enter*), usando estas características como preditoras da vergonha interna actual. Os resultados da regressão revelam que as variáveis preditoras produzem um modelo explicativo ($F = 49.88$; $p < .001$), explicando 25% da vergonha interna actual. No entanto, apenas a vergonha interna sentida ($\beta = .37$; $p < .001$) emerge na predição da vergonha interna actual.

7.2. Estudo da relação entre Vergonha sentida durante uma experiência traumática de vergonha e Vergonha Externa actual

Vergonha Interna e Externa Sentida durante uma experiência traumática de vergonha e Vergonha Externa actual

A partir da análise das correlações de *Pearson*, observa-se que a vergonha **interna** sentida durante uma experiência de vergonha traumática apresenta uma correlação positiva e moderada com a vergonha externa actual ($r = .45$; $p < .001$). Relativamente à comparação entre o grupo de sujeitos que apresenta índices mais elevados de vergonha interna sentida durante uma experiência traumática de vergonha ($M = 22.41$; $DP = 10.70$) e o grupo de sujeitos que apresenta índices mais baixos ($M = 16.96$; $DP = 10.78$), revelou-se a existência de diferenças estatisticamente significativas, o que indica que os sujeitos com maior vergonha interna sentida durante essa experiência se associam a níveis mais elevados de vergonha externa actual ($t(286.860) = 5.63$; $p < .001$).

A partir da análise das correlações de *Pearson*, observa-se que a vergonha **externa** sentida durante uma experiência de vergonha traumática apresenta uma correlação positiva e moderada com a vergonha externa actual. ($r = .48$; $p < .001$)

Por outro lado, os sujeitos que apresentam índices mais elevados de vergonha externa sentida durante uma experiência traumática de vergonha ($M = 23.96$, $DP = 10.87$) e os que apresentam índices mais baixos ($M = 16.22$, $DP = 9.82$) também diferem significativamente entre si, sugerindo que níveis mais elevados de vergonha externa sentida durante essa experiência se associam a níveis elevados de vergonha externa actual ($t(300) = 6.49$; $p < .001$).

Vergonha Sentida Durante uma Experiência Traumática: Características Psicométricas da versão portuguesa da Escala *Trauma Related Shame Inventory* e estudo da relação da Vergonha Traumática com as Características de Memória Traumática e Centrais de Experiências de Vergonha, Memórias Precoces de Calor/Afecto e Segurança, Experiências Precoces de Vergonha, Vergonha Actual e Psicopatologia

Com o objectivo de perceber qual o contributo da vergonha interna e externa sentida pelo individuo na experiência de vergonha traumática na variância da vergonha externa actual, procedeu-se a uma regressão linear múltipla (método *Enter*), usando estas características como preditoras da vergonha externa actual. Os resultados da regressão revelam que as variáveis preditoras produzem um modelo explicativo ($F = 46.11$; $p < .001$), explicando 24% da vergonha externa actual. No entanto, apenas a vergonha externa sentida ($\beta = .36$; $p < .001$) emerge na predição da vergonha externa actual.

Tendo em conta os resultados obtidos, podemos afirmar que a vergonha interna sentida pelo indivíduo durante uma experiência traumática de vergonha tem implicações na forma como este se vê a si próprio (Vergonha Interna Actual) e que a vergonha externa sentida durante esse género de experiências tem implicações no modo que o indivíduo acredita existir na mente dos outros (Vergonha Externa Actual).

8. Estudo V. Vergonha Traumática e Psicopatologia

Neste estudo pretende-se investigar a relação entre a Vergonha interna e externa sentida durante uma experiência traumática de vergonha e a Psicopatologia, manifestada através de Depressão, Ansiedade, Stress e Paranoia.

8.1. Estudo da relação entre Vergonha sentida durante uma experiência traumática de vergonha e Depressão

Vergonha interna e externa sentida durante uma experiência traumática de vergonha e Depressão

A partir da análise das correlações de *Pearson*, observa-se que a vergonha **interna** sentida durante uma experiência traumática de vergonha ($r = .42$; $p < .001$) apresenta correlações positivas e moderadas com a Depressão. Relativamente à comparação entre o grupo de sujeitos que apresenta índices mais elevados de vergonha interna sentida durante uma experiência traumática de vergonha ($M = 8.15$; $DP = 8.44$) e o grupo de sujeitos que apresenta índices mais baixos ($M = 5.52$; $DP = 7.59$), revelou-se a existência de diferenças estatisticamente significativas, o que indica que os sujeitos com maiores níveis de vergonha interna sentida durante uma experiência de vergonha se associam a níveis mais elevados de Depressão ($t(286.526) = 2.84$; $p < .005$).

A partir da análise das correlações de *Pearson*, observa-se que a vergonha **externa** sentida durante uma experiência traumática de vergonha ($r = .44$; $p < .001$) apresenta correlações positivas e moderadas

Vergonha Sentida Durante uma Experiência Traumática: Características Psicométricas da versão portuguesa da Escala *Trauma Related Shame Inventory* e estudo da relação da Vergonha Traumática com as Características de Memória Traumática e Centrais de Experiências de Vergonha, Memórias Precoces de Calor/Afecto e Segurança, Experiências Precoces de Vergonha, Vergonha Actual e Psicopatologia

com a Depressão. Relativamente à comparação entre o grupo de sujeitos que apresentam índices mais elevados de vergonha externa sentida durante uma experiência traumática de vergonha ($M = 9.28$, $DP = 8.70$) e os que apresentam índices mais baixos ($M = 4.78$, $DP = 6.96$) também diferem significativamente entre si, sugerindo que níveis mais elevados de vergonha externa sentida se associam a níveis elevados de Depressão ($t(287.485) = 4.97$; $p < .001$).

Com o objectivo de perceber qual o contributo da vergonha interna e externa sentida pelo individuo na experiência de vergonha traumática na variância da Depressão, procedeu-se a uma regressão linear múltipla (método *Enter*), usando estas características como preditoras da Depressão. Os resultados da regressão revelam que as variáveis preditoras produzem um modelo explicativo ($F = 37.54$; $p < .001$), explicando 20% da depressão. Apenas a vergonha externa ($\beta = .32$; $p = .002$) sentida emerge na predição da Depressão.

8.2. Estudo da relação entre Vergonha sentida durante uma experiência traumática de vergonha e Ansiedade

Vergonha interna e externa sentida durante uma experiência traumática de vergonha e Ansiedade

A partir da análise das correlações de *Pearson*, observa-se que a vergonha **interna** sentida durante uma experiência traumática de vergonha ($r = .34$; $p < .001$) apresenta uma correlação positiva e baixa com a ansiedade. Relativamente à comparação entre o grupo de sujeitos que apresenta índices mais elevados de vergonha interna sentida durante uma experiência traumática de vergonha ($M = 7.62$; $DP = 7.74$) e o grupo de sujeitos que apresenta índices mais baixos ($M = 5.17$; $DP = 6.58$), revelou-se a existência de diferenças estatisticamente significativas, o que indica que os sujeitos com maiores níveis de vergonha interna sentida se associam a níveis mais elevados de ansiedade ($t(292.404) = 2.97$; $p < .05$).

A partir da análise das correlações de *Pearson*, observa-se a vergonha **externa** sentida durante uma experiência traumática de vergonha ($r = .39$; $p < .001$) apresenta uma correlação positiva e baixa com a ansiedade. Relativamente à comparação entre o grupo de sujeitos que apresentam índices mais elevados de vergonha externa sentida durante uma experiência traumática de vergonha ($M = 8.59$, $DP = 8.08$) e os que apresentam índices mais baixos ($M = 4.56$, $DP = 5.93$) também diferem significativamente entre si, sugerindo que níveis mais elevados de vergonha externa sentida se associam a níveis mais elevados de ansiedade ($t(277.149) = 4.95$; $p < .001$).

Com o objectivo de perceber qual o contributo da vergonha interna e externa sentida pelo individuo na experiência de vergonha traumática

Vergonha Sentida Durante uma Experiência Traumática: Características Psicométricas da versão portuguesa da Escala *Trauma Related Shame Inventory* e estudo da relação da Vergonha Traumática com as Características de Memória Traumática e Centrais de Experiências de Vergonha, Memórias Precoces de Calor/Afecto e Segurança, Experiências Precoces de Vergonha, Vergonha Actual e Psicopatologia

na variância da ansiedade, procedeu-se a uma regressão linear múltipla (método *Enter*), usando estas características como preditoras da ansiedade. Os resultados da regressão revelam que as variáveis preditoras produzem um modelo explicativo ($F = 26.10$; $p < .001$), explicando 15% da ansiedade. Apenas a vergonha externa sentida durante a experiência traumática de vergonha ($\beta = .36$; $p < .001$) sentida emerge na predição da ansiedade.

8.3. Estudo da relação entre Vergonha sentida durante uma experiência traumática de vergonha e Stress

Vergonha interna e externa sentida durante uma experiência traumática de vergonha e Stress

A partir da análise das correlações de *Pearson*, observa-se que a vergonha **interna** sentida ($r = .36$; $p < .001$) apresenta uma correlação positiva e baixa com o stress. Relativamente à comparação entre o grupo de sujeitos que apresenta índices mais elevados de vergonha interna sentida durante uma experiência traumática de vergonha ($M = 13.17$; $DP = 8.72$) e o grupo de sujeitos que apresenta índices mais baixos ($M = 9.79$; $DP = 8.71$), revelou-se a existência de diferenças estatisticamente significativas, o que indica que os sujeitos com maiores níveis de vergonha interna sentida durante uma experiência de vergonha se associam a níveis mais elevados de stress ($t(300) = 3.33$; $p < .001$).

A partir da análise das correlações de *Pearson*, observa-se que a vergonha **externa** sentida ($r = .39$; $p < .001$) apresentam uma correlação positiva e baixa com o stress. Relativamente à comparação entre o grupo de sujeitos que apresentam índices mais elevados de vergonha externa sentida durante uma experiência traumática de vergonha ($M = 14.16$, $DP = 8.71$) e os que apresentam índices mais baixos ($M = 9.30$, $DP = 8.34$) também diferem significativamente entre si, sugerindo que níveis mais elevados de vergonha externa sentida se associam a níveis elevados de stress ($t(300) = 4.95$; $p < .001$).

Com o objectivo de perceber qual o contributo da vergonha interna e externa sentida pelo individuo na experiência de vergonha traumática na variância do stress, procedeu-se a uma regressão linear múltipla (método *Enter*), usando estas características como preditoras do stress. Os resultados da regressão revelam que as variáveis preditoras produzem um modelo explicativo ($F = 27.23$; $p < .001$), explicando 15% da ansiedade. Apenas a vergonha externa sentida durante a experiência traumática de vergonha ($\beta = .31$; $p = .003$) emerge na predição do stress.

8.4. Estudo da relação entre Vergonha sentida durante uma experiência traumática de vergonha e Ideação Paranoide

Vergonha interna e externa sentida durante uma experiência traumática

Vergonha Sentida Durante uma Experiência Traumática: Características Psicométricas da versão portuguesa da Escala *Trauma Related Shame Inventory* e estudo da relação da Vergonha Traumática com as Características de Memória Traumática e Centrais de Experiências de Vergonha, Memórias Precoces de Calor/Afecto e Segurança, Experiências Precoces de Vergonha, Vergonha Actual e Psicopatologia

de vergonha e Ideação Paranoide

A partir da análise das correlações de *Pearson*, observa-se que a vergonha **interna** sentida apresenta uma correlação positiva e baixa com a ideação paranoide ($r = .37$; $p < .001$). Relativamente à comparação entre o grupo de sujeitos que apresenta índices mais elevados de vergonha interna sentida durante uma experiência traumática de vergonha ($M = 44.75$; $DP = 12.11$) e o grupo de sujeitos que apresenta índices mais baixos ($M = 40.37$; $DP = 12.37$), revelou-se a existência de diferenças estatisticamente significativas, o que indica que os sujeitos com maiores níveis de vergonha interna sentida durante essa experiência se associam a níveis mais elevados de ideação paranoide ($t(300) = 3.08$; $p < .001$).

A partir da análise das correlações de *Pearson*, observa-se que se registam correlações positivas e moderadas entre a vergonha externa sentida e a ideação paranoide ($r = .40$; $p < .001$). Relativamente à comparação entre o grupo de sujeitos que apresentam índices mais elevados de vergonha externa sentida durante uma experiência traumática de vergonha ($M = 46.29$, $DP = 11.90$) e os que apresentam índices mais baixos ($M = 36.49$, $DP = 11.96$) também diferem significativamente entre si, sugerindo que níveis mais elevados de vergonha externa se associam a níveis elevados de ideação paranoide ($t(300) = 4.95$; $p < .001$).

Com o objectivo de perceber qual o contributo da vergonha interna e externa sentida pelo indivíduo na experiência de vergonha traumática na variância da ideação paranoide, procedeu-se a uma regressão linear múltipla (método *Enter*), usando estas características como preditoras da ideação paranoide. Os resultados da regressão revelam que as variáveis preditoras produzem um modelo explicativo ($F = 28.96$; $p < .001$), explicando 16% da ideação paranoide. Apenas a vergonha externa sentida durante a experiência traumática de vergonha ($\beta = .30$; $p = .003$) emerge na predição da ideação paranoide.

Tendo em conta os resultados obtidos, podemos afirmar que a vergonha externa sentida pelo indivíduo durante uma experiência traumática de vergonha contribui para o desenvolvimento posterior de psicopatologia, incluindo Depressão, Ansiedade e Stress e também Ideação Paranoide. A vergonha interna sentida durante uma experiência traumática de vergonha parece não estar relacionada com o posterior desenvolvimento de perturbações psicológicas.

9. Estudo VI. Vergonha Traumática, Características de Memória Traumática e Centrais, Vergonha Actual e Psicopatologia

Tendo em conta os resultados obtidos nos estudos anteriores,

Vergonha Sentida Durante uma Experiência Traumática: Características Psicométricas da versão portuguesa da Escala *Trauma Related Shame Inventory* e estudo da relação da Vergonha Traumática com as Características de Memória Traumática e Centrais de Experiências de Vergonha, Memórias Precoces de Calor/Afecto e Segurança, Experiências Precoces de Vergonha, Vergonha Actual e Psicopatologia

optámos por realizar este estudo, com o objectivo de compreender a relação estabelecida entre a vergonha interna e externa sentida pelo indivíduo durante uma experiência traumática de vergonha, as características de memória traumática e centrais dessa experiência, e a vergonha (interna e externa) e psicopatologia actuais.

Tal como verificámos nos estudos anteriores, a vergonha (interna e externa) sentida durante uma experiência traumática de vergonha correlaciona-se positiva e moderadamente com a vergonha (interna e externa) actual e com a psicopatologia. Da mesma forma, as características de memória traumática relacionam-se de forma positiva e moderada com a vergonha interna actual ($r = .56$, $p < .001$), com a vergonha externa actual ($r = .47$, $p < .001$), com a depressão ($r = .46$, $p < .001$), com a ansiedade ($r = .52$, $p < .001$), com o stress ($r = .52$, $p < .001$) e com a ideação paranoide ($r = .47$, $p < .001$). As características centrais da experiência de vergonha relacionam-se positiva e moderadamente com a vergonha interna actual ($r = .49$, $p < .001$), com a depressão ($r = .43$, $p < .001$), com a ansiedade ($r = .44$, $p < .001$), com o stress ($r = .44$, $p < .001$) e com a ideação paranóide ($r = .40$, $p < .001$) e relaciona-se de forma positiva e baixa com a vergonha externa actual ($r = .37$, $p < .001$). As características de memória traumática e centrais da experiência de vergonha correlaciona-se positiva e moderadamente entre si ($r = .61$, $p < .001$).

9.1. Estudo da relação entre a Vergonha sentida durante uma experiência traumática de vergonha, as Características Centrais e de Memória Traumática dessa experiência e a Vergonha Interna Actual

Vergonha interna e externa sentida durante uma experiência traumática de vergonha, Características de memória traumática e Centrais dessa mesma experiência e Vergonha Interna Actual

Com o objectivo de perceber qual o contributo da vergonha (interna e externa) sentida pelo indivíduo durante uma experiência de vergonha traumática e das características de memória traumática e centrais dessa experiência na variância da **vergonha interna actual**, procedeu-se a uma regressão linear múltipla (método *Enter*), usando estas características como preditoras da vergonha interna actual. Os resultados da regressão revelam que as variáveis preditoras produzem um modelo explicativo ($F = 49.03$, $p < .001$), explicando 40% da vergonha interna actual. A vergonha interna sentida ($\beta = .19$, $p < .05$), as características de memória traumática ($\beta = .34$; $p < .001$) e centrais ($\beta = .16$; $p < .05$) emergem na predição da vergonha interna actual.

Vergonha Sentida Durante uma Experiência Traumática: Características Psicométricas da versão portuguesa da Escala *Trauma Related Shame Inventory* e estudo da relação da Vergonha Traumática com as Características de Memória Traumática e Centrais de Experiências de Vergonha, Memórias Precoces de Calor/Afecto e Segurança, Experiências Precoces de Vergonha, Vergonha Actual e Psicopatologia

9.2. Estudo da relação entre a Vergonha sentida durante uma experiência traumática de vergonha, as Características Centrais e de Memória Traumática dessa experiência e a Vergonha Externa Actual

Vergonha interna e externa sentida durante uma experiência traumática de vergonha, Características de memória traumática e Centrais dessa mesma experiência e Vergonha Externa Actual

Com o objectivo de perceber qual o contributo da vergonha (interna e externa) sentida pelo individuo durante uma experiência de vergonha traumática e das características de memória traumática e centrais dessa experiência na variância da **vergonha externa actual**, procedeu-se a uma regressão linear múltipla (método *Enter*), usando estas características como preditoras da vergonha externa actual. Os resultados da regressão revelam que as variáveis preditoras produzem um modelo explicativo ($F = 33.98, p < .001$), explicando 31% da vergonha externa actual. A vergonha externa sentida ($\beta = .31, p < .001$) e as características de memória traumática ($\beta = .28; p < .001$) emergem na predição da vergonha externa actual.

9.3. Estudo da relação entre a Vergonha sentida durante uma experiência traumática de vergonha, as Características Centrais e de Memória Traumática dessa experiência e a Depressão

Vergonha interna e externa sentida durante uma experiência traumática de vergonha, Características de memória traumática e Centrais dessa mesma experiência e Depressão

Com o objectivo de perceber qual o contributo da vergonha (interna e externa) sentida pelo individuo durante uma experiência de vergonha traumática e das características de memória traumática e centrais dessa experiência na variância da **Depressão**, procedeu-se a uma regressão linear múltipla (método *Enter*), usando estas características como preditoras da depressão. Os resultados da regressão revelam que as variáveis preditoras produzem um modelo explicativo ($F = 31.61, p < .001$), explicando 31% da depressão. A vergonha externa sentida ($\beta = .28, p < .05$), as características de memória traumática ($\beta = .22; p < .001$) e centrais ($\beta = .20; p < .05$) emergem na predição da depressão.

9.4. Estudo da relação entre a Vergonha sentida durante uma experiência traumática de vergonha, as Características Centrais e de Memória Traumática dessa experiência e a Ansiedade

Vergonha Sentida Durante uma Experiência Traumática: Características Psicométricas da versão portuguesa da Escala *Trauma Related Shame Inventory* e estudo da relação da Vergonha Traumática com as Características de Memória Traumática e Centrais de Experiências de Vergonha, Memórias Precoces de Calor/Afecto e Segurança, Experiências Precoces de Vergonha, Vergonha Actual e Psicopatologia

Vergonha interna e externa sentida durante uma experiência traumática de vergonha, Características de memória traumática e Centrais dessa mesma experiência e Ansiedade

Com o objectivo de perceber qual o contributo da vergonha (interna e externa) sentida pelo individuo durante uma experiência de vergonha traumática e das características de memória traumática e centrais dessa experiência na variância da **Ansiedade**, procedeu-se a uma regressão linear múltipla (método *Enter*), usando estas características como preditoras da ansiedade. Os resultados da regressão revelam que as variáveis preditoras produzem um modelo explicativo ($F = 35.23$, $p < .001$), explicando 32% da ansiedade. A vergonha externa sentida ($\beta = .30$, $p < .05$), as características de memória traumática ($\beta = .35$; $p < .001$) e centrais ($\beta = .20$; $p < .05$) emergem na predição da ansiedade.

9.5. Estudo da relação entre a Vergonha sentida durante uma experiência traumática de vergonha, as Características Centrais e de Memória Traumática dessa experiência e o Stress

Vergonha interna e externa sentida durante uma experiência traumática de vergonha, Características de memória traumática e Centrais dessa mesma experiência e Stress

Com o objectivo de perceber qual o contributo da vergonha (interna e externa) sentida pelo individuo durante uma experiência de vergonha traumática e das características de memória traumática e centrais dessa experiência na variância do **Stress**, procedeu-se a uma regressão linear múltipla (método *Enter*), usando estas características como preditoras do stress. Os resultados da regressão revelam que as variáveis preditoras produzem um modelo explicativo ($F = 34.39$, $p < .001$), explicando 32% do stress. A vergonha externa sentida ($\beta = .24$, $p < .05$), as características de memória traumática ($\beta = .35$; $p < .001$) e centrais ($\beta = .17$; $p < .05$) emergem na predição do stress.

9.6. Estudo da relação entre a Vergonha sentida durante uma experiência traumática de vergonha, as Características Centrais e de Memória Traumática dessa experiência e a Ideação Paranóide

Vergonha interna e externa sentida durante uma experiência traumática de vergonha, Características de memória traumática e Centrais dessa mesma experiência e ideação paranóide

Com o objectivo de perceber qual o contributo da vergonha (interna e externa) sentida pelo individuo durante uma experiência de vergonha traumática e das características de memória traumática e centrais dessa experiência na variância da **ideação paranóide**, procedeu-se a uma regressão linear múltipla (método *Enter*), usando estas

Vergonha Sentida Durante uma Experiência Traumática: Características Psicométricas da versão portuguesa da Escala *Trauma Related Shame Inventory* e estudo da relação da Vergonha Traumática com as Características de Memória Traumática e Centrais de Experiências de Vergonha, Memórias Precoces de Calor/Afecto e Segurança, Experiências Precoces de Vergonha, Vergonha Actual e Psicopatologia

características como preditoras da ideação paranóide. Os resultados da regressão revelam que as variáveis preditoras produzem um modelo explicativo ($F = 27.81, p < .001$), explicando 27% da ideação paranóide. A vergonha externa sentida ($\beta = .25, p < .05$), as características de memória traumática ($\beta = .29; p < .001$) e centrais ($\beta = .14; p < .05$) emergem na predição da ideação paranóide.

Tendo em conta os resultados obtidos, podemos afirmar que a vergonha interna sentida durante uma experiência traumática de vergonha apenas surge na explicação da variância da vergonha interna actual. Por outro lado, a vergonha externa sentida durante uma experiência traumática de vergonha e as características de memória traumática e centrais dessa experiência de vergonha revelaram-se excelentes preditoras da vergonha externa actual e psicopatologia actual.

V – Discussão

1. Estudo das características psicométricas do TRSI

O conceito de vergonha pós-traumática tem sido alvo de poucos estudos empíricos, apesar de se conhecer a sua importância para a intervenção nos casos de trauma. Frequentemente os pacientes temem declarar os seus sentimentos de vergonha, por recearem sentirem-se expostos ou rejeitados. Nestes casos, a falha em identificar sentimentos de vergonha em pacientes com trauma pode ter implicações negativas no tratamento – como, por exemplo, estagnação ou prolongamento da intervenção – dado que a vergonha impede o processamento emocional da experiência traumática (Feiring et al, 2002).

A lacuna existente entre o interesse clínico sobre a vergonha traumática e as investigações empíricas para o tratamento devem-se sobretudo a dificuldades na mensuração deste constructo. Um dos principais obstáculos na avaliação da vergonha traumática prende-se com a dificuldade em distinguir este conceito de outros factores envolvidos na experiência de vergonha, como a culpa (traumática) (Messick, 1995).

Dada a carência e relevância da avaliação da vergonha traumática, procedeu-se ao desenvolvimento de um instrumento que cumpre esse fim, tendo o presente estudo contribuído para a validação do mesmo para a população portuguesa. A escala original foi avaliada com base em estudos de generabilidade – modelo no qual o conceito tradicional de fidelidade é substituído por outro mais abrangente (Brennan, 2003). Neste modelo são identificadas e isoladas as fontes dos erros de medida com maior eficácia, permitindo uma tomada de decisões mais precisa relativa à inclusão ou exclusão dos sujeitos em grupos a necessitar de intervenção, com base nos pontos de corte (Shavelson, Webb & Rowley,

Vergonha Sentida Durante uma Experiência Traumática: Características Psicométricas da versão portuguesa da Escala *Trauma Related Shame Inventory* e estudo da relação da Vergonha Traumática com as Características de Memória Traumática e Centrais de Experiências de Vergonha, Memórias Precoces de Calor/Afecto e Segurança, Experiências Precoces de Vergonha, Vergonha Actual e Psicopatologia

1989; Brennan, 2003; Feldt & Brennan, 1989). Os métodos baseados na generabilidade permitem ainda a generalização dos resultados obtidos nas medidas relativas à vergonha traumática.

O presente estudo teve como **objectivo** estudar as qualidades psicométricas da Escala Trauma-Related Shame Inventory, debruçando-se especificamente sobre a análise da sua estrutura factorial, consistência interna e validades convergente e divergente, recorrendo para tal, a medidas de Vergonha Interna (ISS) e Externa (OAS) Actual e ainda de sintomatologia psicopatológica, nomeadamente, Depressão, Ansiedade e Stress.

1.1. Estudo dos Itens

Deste modo, o estudo dos itens de ambas as escalas do TRSI¹⁴ revelou que a larga da maioria dos itens apresentam uma magnitude de correlação item-total elevada ($>.65$), à excepção do item 4 (*“Por causa da minha experiência traumática, os outros viram partes de mim com as quais não querem ter nada a ver”*), que se encontra no limite entre a correlação moderada e alta ($r = .63$). O coeficiente de correlação item-total transmite o poder discriminativo do item, isto é, o grau em que o item se diferencia no mesmo sentido da escala global, sendo que valores mais elevados de poder discriminativo dos itens se associam a coeficientes mais elevados de fidelidade da escala, uma vez que vão no sentido da sua homogeneidade ou consistência (Almeida & Freire, 2008). Deste modo, os coeficientes de correlação item-total elevados sugerem que o conteúdo da totalidade dos itens do TRSI estão formulados de modo a avaliarem um construto subjacente à globalidade da escala – a vergonha traumática – contribuindo, assim, para o aumento da sua consistência interna. As magnitudes de correlação maioritariamente elevadas na análise correlacional item-total são congruentes com o facto de a consistência interna se manter praticamente inalterada com a eliminação de qualquer item. Isto é, todos os itens contribuem para a avaliação do constructo latente ao instrumento.

1.2. Análise Factorial

Escala Vergonha Interna

Inicialmente, a análise factorial revelou uma estrutura com dois factores. Contudo, optou-se por forçar a extracção a um factor por duas razões principais. Em primeiro lugar, a versão original da escala aponta para uma solução unidimensional (embora constituída por duas subescalas). Em segundo lugar, também a análise do *scree plot* apontou para uma estrutura unidimensional. A solução unidimensional apresenta-

¹⁴ Optou-se por fazer uma análise em conjunto de ambas as escalas, devido à proximidade de valores de cada uma.

Vergonha Sentida Durante uma Experiência Traumática: Características Psicométricas da versão portuguesa da Escala *Trauma Related Shame Inventory* e estudo da relação da Vergonha Traumática com as Características de Memória Traumática e Centrais de Experiências de Vergonha, Memórias Precoces de Calor/Afecto e Segurança, Experiências Precoces de Vergonha, Vergonha Actual e Psicopatologia

se como a mais adequada sob o ponto de vista psicométrico, pois oferece uma percentagem de explicação da variância bastante aceitável (60.28%) e verifica-se que a menor saturação factorial da totalidade dos itens da escala foi de .68. A saturação factorial consiste no grau em que cada variável se correlaciona com um factor. Quanto maior a saturação factorial maior a relevância de determinada variável na descrição de um factor. Deste modo, as saturações factoriais da solução unifactorial parecem traduzir uma boa coerência do constructo latente ao instrumento.

Escala Vergonha Externa

A análise factorial revelou uma estrutura unifactorial, resultado que vai ao encontro aos dados da versão original da escala, que apontam para uma solução unidimensional (embora constituída por duas subescalas). A análise do *scree plot* apontou também para uma estrutura unidimensional. A solução unidimensional apresenta-se então como sendo adequada sob o ponto de vista psicométrico, pois oferece uma percentagem de explicação da variância bastante aceitável (65.61%) e verifica-se que a menor saturação factorial da totalidade dos itens da escala foi de .68. A saturação factorial consiste no grau em que cada variável se correlaciona com um factor. Quanto maior a saturação factorial maior a relevância de determinada variável na descrição de um factor. Deste modo, as saturações factoriais da solução unidimensional parecem traduzir uma boa coerência do constructo latente ao instrumento.

1.3. Análise da Fidelidade

Em relação à fidelidade do instrumento, o TRSI revelou uma excelente consistência interna em ambas as escalas, com um valor de *alpha de Cronbach* de .94 para a escala Vergonha Interna e .95 para a escala Vergonha Externa. A elevada consistência interna das escalas foi corroborada pelos valores. Estes resultados apontam para uma boa fidedignidade da escala total. O TRSI revelou ser um instrumento de medida com boa homogeneidade.

1.4. Validade Convergente

No que concerne ao estudo de validade, a escala **Vergonha Interna** revelou possuir uma boa validade convergente, ao apresentar correlações moderadas com a medida de vergonha interna utilizada (ISS; Internalized Shame Scale). Por outro lado, verifica-se que a escala **Vergonha Externa** apresenta uma correlação moderada com a medida de vergonha externa utilizada (OAS; Others as Shamers). Finalmente, foi testada a validade convergente entre ambas as escalas do TRSI, tendo-se verificado que apresentam correlações elevadas entre si.

Vergonha Sentida Durante uma Experiência Traumática: Características Psicométricas da versão portuguesa da Escala *Trauma Related Shame Inventory* e estudo da relação da Vergonha Traumática com as Características de Memória Traumática e Centrais de Experiências de Vergonha, Memórias Precoces de Calor/Afecto e Segurança, Experiências Precoces de Vergonha, Vergonha Actual e Psicopatologia

1.5. Validade Divergente

Relativamente à validade divergente, verifica-se que as escalas Vergonha Interna e Vergonha Externa se correlacionam positiva e moderadamente com a subescala Depressão e apresentam correlações positivas e baixas com as subescalas Ansiedade e Stress (EADS-42). A escala Vergonha Externa do TRSI correlaciona-se positiva e moderadamente com a Paranóia e a escala Vergonha Interna apresenta uma correlação positiva e baixa com este constructo.

Embora o coeficiente de correlação entre as escalas do TRSI e as subescalas da EADS-42 e a GPS apresente, como esperado, uma magnitude mais baixa relativamente às magnitudes de correlação entre as escalas do TRSI e as medidas de vergonha, a correlação é, contudo, significativa e moderada nalguns casos.

Em **síntese**, os dados obtidos apontam para uma boa qualidade psicométrica do TRSI. De facto, todos os itens que o constituem parecem contribuir para a avaliação do que o instrumento pretende medir – a vergonha interna e externa sentida durante uma experiência traumática. O TRSI mostrou ser um instrumento fidedigno, dada a sua excelente consistência interna e a análise factorial mostrou que a estrutura unidimensional pareceu ser a mais adequada (explicando 60.28% e 65.61% da variância – escalas Vergonha Interna e Vergonha Externa, respectivamente). Também o estudo da validade permitiu apurar que o TRSI se correlaciona com outras medidas no sentido esperado, indicando, assim, uma boa validade de construto.

2. Estudo I. Vergonha Traumática e Características de Memória Traumática e Centrais de uma Experiência de Vergonha

Neste estudo pretendeu-se estudar a relação entre a vergonha interna e externa sentida pelo indivíduo durante uma experiência de vergonha traumática e as características de memória traumática e centrais dessa mesma experiência. De uma forma geral, pode afirmar-se que as hipóteses inicialmente formuladas foram corroboradas pelos resultados deste estudo.

Os resultados encontrados permitem concluir que a vergonha interna e externa sentida durante uma experiência traumática de vergonha está positivamente associada a características de memória traumática e à centralidade na história de vida e identidade do indivíduo que essas experiências podem originar, o que vai de encontro aos resultados encontrados por Matos e Pinto Gouveia (2010). É possível hipotetizar que a vergonha sentida pelo indivíduo durante uma experiência de

Vergonha Sentida Durante uma Experiência Traumática: Características Psicométricas da versão portuguesa da Escala *Trauma Related Shame Inventory* e estudo da relação da Vergonha Traumática com as Características de Memória Traumática e Centrais de Experiências de Vergonha, Memórias Precoces de Calor/Afecto e Segurança, Experiências Precoces de Vergonha, Vergonha Actual e Psicopatologia

vergonha fica gravada na memória e é de fácil acesso, já que os acontecimentos emocionais marcantes são mais facilmente recordados, em comparação com experiências mais neutras do ponto de vista emocional (Hunt & McDaniel, 1993; McGaugh, 2003).

No que diz respeito às características de memória traumática, os dados permitiram verificar que o desenvolvimento destas características é explicado tanto pela vergonha interna como pela vergonha externa sentidas durante um acontecimento traumático de vergonha. No entanto, a vergonha traumática interna surge como melhor preditor da variância das características de memória traumática, comparativamente com a vergonha traumática externa. Estes resultados vão ao encontro daquilo que vários autores têm vindo a sugerir, afirmando que as experiências de vergonha são suficientemente salientes e perturbadoras (Gilbert, 1998, 2003; Kaufman, 1989; Lewis, 2000; Tangney & Dearing, 2002) para adquirirem características de memórias traumáticas, manifestadas, essencialmente, através de experiências de intrusão, evitamento experiencial/emocional e hiperactivação (Gilbert, 2002; Gilbert & Irons, 2005; Hackman, Ehlers, Speckens & Clark, 2004).

Por outro lado, relativamente à centralidade da experiência traumática de vergonha, os dados encontrados no presente estudo revelaram que apenas a vergonha interna sentida durante a experiência traumática surge na predição da variância das características centrais, sendo que a vergonha traumática externa não surge no modelo explicativo referente à centralidade do evento de vergonha traumático. Estes resultados sugerem que a vergonha interna que o indivíduo sente durante um acontecimento traumático indutor de vergonha está associado a características centrais para a construção da identidade e que pode também constituir um ponto de viragem na vida do sujeito e tornar-se uma referência cognitiva na organização de memórias e expectativas. De facto, estes dados são corroborados na literatura, pois sabe-se que experiências de vergonha podem ficar registadas como características de memórias emocionais, influenciando e guiando a formação de crenças auto-referentes e o processamento emocional, atencional, cognitivo e comportamental (Gilbert, 2002, 2003; Kaufman, 1989; Lewis, 1992; Tomkins, 1981). De acordo com os dados existentes na literatura, sabe-se que sentimentos de vergonha que surgem durante experiências traumáticas de vergonha na infância podem actuar como pontos de referência na construção de uma concepção do *eu* (Baerger & McAdams, 1999; Pillemer, 1998; Robinson & Taylor, 1998; Shum, 1998) e na interpretação de acontecimentos futuros de carácter não traumático (Berntsen, Willert & Rubin, 2003). Contudo, tendo em conta os resultados obtidos na presente investigação, parece que apenas a vergonha interna sentida durante uma experiência traumática indutora de

Vergonha Sentida Durante uma Experiência Traumática: Características Psicométricas da versão portuguesa da Escala *Trauma Related Shame Inventory* e estudo da relação da Vergonha Traumática com as Características de Memória Traumática e Centrais de Experiências de Vergonha, Memórias Precoces de Calor/Afecto e Segurança, Experiências Precoces de Vergonha, Vergonha Actual e Psicopatologia

vergonha se encontra associada às características centrais desse tipo de experiências. Este resultado faz sentido, na medida em que a vergonha interna traumática, conceptualizada como a forma como o indivíduo se vê a si mesmo com base numa experiência traumática de vergonha pela qual passou, possui características de internalização, assim como acontece no processo de construção da auto-identidade.

3. Estudo II Memórias Precoces de Calor/Afecto e Segurança, Experiências Precoces de Vergonha e Vergonha Traumática

O objectivo do presente estudo consistiu em avaliar a relação estabelecida entre as memórias precoces de calor/afecto e segurança e as experiências precoces de vergonha ocorridas com o pai ou com a mãe (ou figuras equivalentes), e a vergonha sentida pelo sujeito durante uma experiência traumática de vergonha. De um modo geral, considera-se que, em parte, as hipóteses estabelecidas foram corroboradas.

Os resultados obtidos permitem sugerir que as experiências precoces de vergonha com o pai e com a mãe estão relacionadas com a vergonha interna e externa sentida durante uma experiência traumática de vergonha. Contudo, apenas as experiências precoces de vergonha vivenciadas com o pai surgem na explicação da variância da vergonha (tanto interna como externa) sentida durante uma experiência traumática de vergonha. Estes dados permitem sugerir que as experiências precoces de vergonha, ocorridas com o pai, estão associadas à vergonha que o indivíduo sente durante uma experiência de vergonha traumática, quer a nível interno (modo como se vê), quer a nível externo (modo como crê existir na mente dos outros).

A literatura existente defende que as experiências de vergonha podem ocorrer muito cedo no desenvolvimento humano, e constituem-se ameaças primárias ao *eu* social (Gilbert, 1998, 2003) e ao sentido global do *eu* (Andrews, 2002; Andrews & Hunter, 1997, citado por Gilbert, 2002). Este tipo de experiências pode incluir respostas de criticismo por parte das figuras parentais, rejeição, situações de fracasso, ser-se vítima de abuso, entre outras situações. Nesta linha, Matos e Pinto-Gouveia (2009) encontraram dados que sugerem que as experiências precoces de vergonha, ou seja, ocorridas na infância/adolescência, podem ter um impacto traumático, reflectindo-se na vergonha manifestada mais tarde, na idade adulta. De acordo com a teoria da vinculação, as memórias de vergonha podem conduzir à construção de modelos internos negativos acerca do *eu* (conceptualizado como indesejável ou inadequado) e acerca dos outros (percepcionados como ameaçadores, hostis, que podem rejeitar, magoar ou perseguir o *eu*). Este processo influencia as respostas

Vergonha Sentida Durante uma Experiência Traumática: Características Psicométricas da versão portuguesa da Escala *Trauma Related Shame Inventory* e estudo da relação da Vergonha Traumática com as Características de Memória Traumática e Centrais de Experiências de Vergonha, Memórias Precoces de Calor/Afecto e Segurança, Experiências Precoces de Vergonha, Vergonha Actual e Psicopatologia

emocionais e sociais perante situações negativas definidoras do *eu* (Baldwin & Dandeneau, 2005; Mikulincer & Shaver, 2005; Matos, Pinto-Gouveia, & Gilbert, 2010, citado por Matos & Pinto-Gouveia, 2011). Além disso, estudos recentes apontam para o facto de existirem diferenças entre experiências/memórias de vergonha ocorridas com figuras de vinculação e as que ocorreram com outras pessoas (pares, amigos, professores ou desconhecidos). Os dados encontrados no estudo revelaram que apenas as memórias de vergonha traumática ocorridas com figuras de vinculação moderam o impacto da relação entre a vergonha e a depressão (Matos & Pinto-Gouveia, 2011). Deste modo, existindo afinidade de constructos, é possível sugerir que as experiências precoces de vergonha (ocorridas com o pai, neste caso específico) estão associadas à vergonha traumática. Deste modo, verifica-se que ter mais experiências precoces de vergonha com o pai está associado a maiores níveis de vergonha interna e externa sentida pelo indivíduo durante uma experiência de vergonha traumática.

Por outro lado, os resultados encontrados não corroboram a hipótese estabelecida que referia uma associação entre memórias precoces de calor/afecto e segurança e a vergonha traumática. De facto, as memórias de calor/afecto e segurança não estão correlacionadas com a vergonha externa sentida durante uma experiência traumática de vergonha, e apresentam uma correlação negativa (expectável) pouco expressiva com a vergonha interna traumática. As memórias precoces de calor/afecto e segurança também não surgem na explicação da variância da vergonha sentida durante uma experiência traumática de vergonha.

4. Estudo III. Estudo do Efeito Moderador das Memórias Precoces de Calor /Afecto e Segurança na relação entre a Vergonha Sentida Durante uma Experiência Traumática de Vergonha e as Características de Memória Traumática e as Características Centrais dessa experiência

A literatura existente apresenta evidências de que as experiências precoces relacionadas com sentimentos de ameaça ou segurança têm um elevado impacto em aspectos psicológicos e sociais da maturação e funcionamento humanos (Gerhardt, 2004; Schore, 2001) e que contextos caracterizados pela segurança são essenciais para o desenvolvimento de modelos de vinculação seguros (Bowlby, 1969). Investigações passadas comprovam a existência de uma associação entre a existência de experiências precoces aversivas e o desenvolvimento de auto-criticismo (Andrews & Brewin, 1990; Blatt & Homman, 1992; Brewin, Andrews, & Furnham, 1996; Brewin, Firth-Cozens, Furnham, & McManus, 1992; Thompson & Zuroff, 1999, citado por Richter, Gilbert & McEwan,

Vergonha Sentida Durante uma Experiência Traumática: Características Psicométricas da versão portuguesa da Escala *Trauma Related Shame Inventory* e estudo da relação da Vergonha Traumática com as Características de Memória Traumática e Centrais de Experiências de Vergonha, Memórias Precoces de Calor/Afecto e Segurança, Experiências Precoces de Vergonha, Vergonha Actual e Psicopatologia

2009). Por outro lado, contextos de desenvolvimento pautados por manifestações de afecto, cuidado e segurança estão associados a elevada auto-estima, felicidade e a uma menor vulnerabilidade para o desenvolvimento de psicopatologia (Cheng & Furnham, 2004; DeHart, Pelham, & Tennen, 2006; Mikulincer & Shaver, 2004, citado por Richter, Gilbert & McEwan, 2009).

Deste modo, revelou-se importante avaliar em que medida as memórias precoces de calor/afecto e segurança actuariam como mediadoras da relação entre a vergonha sentida durante uma experiência traumática de vergonha e as características de memória traumática e centrais dessa mesma experiência.

De um modo geral, as hipóteses estabelecidas para este estudo foram confirmadas. Os resultados obtidos permitiram verificar que as memórias precoces de calor/afecto e segurança têm um efeito protector na relação entre a vergonha interna sentida durante uma experiência de vergonha traumática e as características de memória traumática dessas experiências, mas não apresentam nenhum efeito de moderação na relação entre a vergonha externa sentida durante uma experiência de vergonha traumática e as características de memória traumática dessa experiência. Estes dados significam que, para os mesmos níveis de vergonha interna sentida, sujeitos que apresentem maiores níveis de memórias precoces de calor/afecto e segurança, demonstram menores níveis de características de centralidade dessa experiência. Os resultados encontrados são especialmente evidentes em níveis baixos/médios de vergonha interna traumática. Os resultados que revelaram não existir um efeito mediador das memórias de calor/afecto e segurança podem dever-se ao facto de, mesmo na presença de experiências afiliativas positivas, o grau vergonha externa traumática ter robustez suficiente para não ser atenuado pelas memórias precoces de calor/afecto e segurança.

Por outro lado, as memórias de calor/afecto e segurança manifestam um efeito protector no impacto da vergonha interna e externa sentidas durante uma experiência traumática de vergonha nas características centrais dessa mesma experiência. Estes resultados podem ser traduzidos de modo a que, para os mesmos níveis de vergonha traumática (interna e externa), maiores níveis de memórias precoces de calor/afecto e segurança se associem a características centrais em menor grau. Estes resultados são particularmente notórios para níveis baixos/médios de vergonha (interna e externa) sentida durante uma experiência de vergonha traumática.

Alguns autores descobriram que as memórias de rejeição por parte das figuras parentais estavam associadas com manifestações auto-persecutórias e auto-aversão (Blatt & Homman, 1992; Gilbert et al., 2004; Zuroff, Santor, & Mongrain, 2005, citado por Richter, Gilbert &

Vergonha Sentida Durante uma Experiência Traumática: Características Psicométricas da versão portuguesa da Escala *Trauma Related Shame Inventory* e estudo da relação da Vergonha Traumática com as Características de Memória Traumática e Centrais de Experiências de Vergonha, Memórias Precoces de Calor/Afecto e Segurança, Experiências Precoces de Vergonha, Vergonha Actual e Psicopatologia

McEwan, 2009). Nesta mesma linha, mas por oposição, o presente estudo veio acrescentar informação de que memórias afiliativas positivas – de calor/afecto e segurança – actuam como atenuantes dos efeitos negativos da vergonha sentida durante uma experiência de vergonha traumática.

5. Estudo IV. Vergonha Traumática e Vergonha Actual

O objectivo definido para este estudo consistiu na avaliação da relação entre a vergonha interna e externa sentida pelo indivíduo durante uma experiência traumática de vergonha, ocorrida na infância/adolescência e a vergonha interna e externa actual.

Os resultados obtidos no presente estudo permitem corroborar as hipóteses estabelecidas para o mesmo, verificando-se a existência de uma associação entre a vergonha interna e externa sentida pelo indivíduo durante uma experiência traumática e a vergonha interna e externa actual que este apresenta. Mais especificamente, os dados obtidos revelam que a vergonha interna sentida durante uma experiência de vergonha traumática surge na explicação da variância da vergonha interna actual; e a vergonha externa sentida durante uma experiência traumática de vergonha surge na explicação da variância da vergonha externa actual. Estes resultados parecem sugerir que apenas a vergonha interna traumática, ou seja, a forma como o indivíduo se vê com base numa experiência de vergonha traumática, contribui para o desenvolvimento de vergonha interna – forma como o indivíduo se vê, no geral – actual. Do mesmo modo, a vergonha externa actual – forma como o sujeito acredita existir na mente dos outros – é apenas resultante de sentimentos de vergonha externa traumática, ou seja, do modo que o indivíduo pensa ser visto pelos outros, tendo como referência uma situação de vergonha traumática.

Resultados encontrados em estudos anteriores revelam que sentimentos de vergonha resultantes de experiências traumáticas de vergonha precoces funcionam como eventos âncora para a nossa identidade, pontos de viragem na nossa vida e pontos de referência cognitiva na organização das nossas memórias e expectativas futuras. Estes dados constituem a teoria da centralidade da experiência preconizada por Berntsen e Rubin (2007), que postula que as memórias de eventos pessoais salientes podem funcionar como pontos de referência pessoais para a atribuição de significado a outras experiências e também como geradoras de expectativas futuras. Ter um acontecimento traumático com características traumáticas, (evitamento emocional, hiperactivação e flashbacks) como central para a identidade, (como é o caso das experiências de vergonha) é o mesmo que dizer que as experiências de vergonha podem ser vistas como emblemáticas para o eu e ou como símbolo para temas persistentes na história de vida do indivíduo, ao que Abramson e Seligman (1978) apelidaram de atribuições

Vergonha Sentida Durante uma Experiência Traumática: Características Psicométricas da versão portuguesa da Escala *Trauma Related Shame Inventory* e estudo da relação da Vergonha Traumática com as Características de Memória Traumática e Centrais de Experiências de Vergonha, Memórias Precoces de Calor/Afecto e Segurança, Experiências Precoces de Vergonha, Vergonha Actual e Psicopatologia

internas, estáveis e globais. Desta forma, as memórias de vergonha tendem a ser altamente acessíveis e podem servir como um ponto de referência que minam a organização de outras memórias. Devido à semelhança de constructos, é possível sugerir que de facto as experiências de vergonha traumática induzem sentimentos de vergonha interna e externa com características traumáticas, estando associadas a atribuições internas e externas, relacionadas com o *eu* e com os outros. Além do que já foi estudado, os resultados encontrados no presente estudo vem acrescentar a hipótese de que os sentimentos de vergonha traumática moldam não só as nossas percepções negativas de como existimos na mente dos outros (vergonha externa), mas também os julgamentos pessoais negativos das nossas características (vergonha interna). Os resultados da presente investigação vão ao encontro de conclusões obtidas em estudos anteriores, que sugerem que as experiências precoces de vergonha, ou seja, ocorridas na infância/adolescência, podem funcionar de forma semelhante a memórias traumáticas, caracterizadas por sintomas de intrusão, evitamento e hiperactivação. Este impacto traumático das experiências precoces de vergonha reflecte-se na vergonha manifestada mais tarde, na idade adulta.

6. Estudo V. Vergonha Traumática e Psicopatologia

Neste estudo pretendeu-se estudar a relação entre a vergonha interna e externa sentida pelo indivíduo durante uma experiência de vergonha traumática, ocorrida durante a infância/adolescência, e a psicopatologia actual.

De uma forma geral, e de acordo com as hipóteses estabelecidas para este estudo, foi possível verificar que a vergonha sentida durante uma experiência de vergonha traumática contribui para o posterior desenvolvimento de psicopatologia, manifestada, para efeitos da presente investigação, através de Depressão, Ansiedade, Stress e Ideação paranoide. No entanto, os resultados encontrados neste estudo revelam que apenas a vergonha externa sentida durante uma experiência traumática de vergonha surgem na predição do desenvolvimento de psicopatologia. De facto, a vergonha interna traumática parece não estar relacionada com a manifestação de depressão, ansiedade, *stress* e ideação paranoide actuais. Esta informação sugere que a forma como o sujeito acredita existir na mente dos outros, tendo por base a sua experiência de vergonha traumática, se constitui como factor principal para o aparecimento de psicopatologia. Deste modo, é possível concluir que maiores níveis de vergonha traumática estão associados a níveis mais elevados de psicopatologia actual.

Vergonha Sentida Durante uma Experiência Traumática: Características Psicométricas da versão portuguesa da Escala *Trauma Related Shame Inventory* e estudo da relação da Vergonha Traumática com as Características de Memória Traumática e Centrais de Experiências de Vergonha, Memórias Precoces de Calor/Afecto e Segurança, Experiências Precoces de Vergonha, Vergonha Actual e Psicopatologia

Dados provenientes da teoria de Berntsen e Rubin (2006, 2007) sugerem que a memória de um trauma ou evento emocional negativo pode tornar-se central para a vida e identidade do indivíduo, e tal pode estar relacionado com o aumento das reacções de *stress* traumático, depressão e ansiedade. Os dados também estão de acordo, em parte, com os estudos de Schore (2001) que preconizam que as experiências adversas, como a vergonha, podem afectar a maturação e funcionamento dos mecanismos psicobiológicos e influenciar a vulnerabilidade para a psicopatologia. Sabendo que a vergonha sentida durante um acontecimento traumático adquire características de memória traumática e centrais na vida do sujeito, é possível sugerir que os sentimentos de vergonha resultantes de uma experiência traumática de vergonha ocorrida na infância estão também relacionados com o desenvolvimento de psicopatologia. Os dados encontrados na presente investigação são também consistentes com os estudos que associam a vergonha e a depressão (Allan e Gilbert, 1995; Cheung, Gilbert e Irons, 2004; Andrews, Quian e Valentine, 2002; Tangney *et al.*, 1992), bem como, a vergonha e a ansiedade (Tangney *et al.*, 1992; Irons e Gilbert, 2005). Estudos realizados anteriormente corroboram, de forma geral, os resultados encontrados na presente investigação. Isto significa que, de facto, se encontrou uma associação entre a vergonha traumática e o desenvolvimento de psicopatologia. Contudo, apesar de os dados de estudos existentes revelarem, no geral, uma relação entre a vergonha e a psicopatologia, a presente investigação acrescenta a informação particular de que a vergonha externa traumática possui maior carga explicativa no processo de evolução de psicopatologia. De facto, o modo como o indivíduo se vê, tendo como referência a sua experiência traumática de vergonha precoce, não parece influenciar a manifestação actual de psicopatologia. Os resultados vão ao encontro de conclusões obtidas em estudos anteriores, que sugerem que o impacto traumático das experiências precoces de vergonha reflecte-se na vergonha manifestada mais tarde, na idade adulta, e também actua como moderador da influência da vergonha actual na depressão (Matos e Pinto-Gouveia, 2009).

Para além do que já foi referido, os resultados obtidos neste estudo acrescentam informação relativa à associação entre a vergonha sentida durante uma situação de vergonha traumática e o desenvolvimento de ideação paranoide. Na mesma linha, os resultados encontrados sugerem uma relação entre a vergonha externa sentida durante uma experiência de vergonha traumática e a existência de características de ideação paranoide. Por outro lado, a vergonha interna traumática não apresenta efeitos explicativos para o surgimento de ideação paranoide. Fenigstein e Venable (1992) conceptualizam a ideação paranoide como sendo

Vergonha Sentida Durante uma Experiência Traumática: Características Psicométricas da versão portuguesa da Escala *Trauma Related Shame Inventory* e estudo da relação da Vergonha Traumática com as Características de Memória Traumática e Centrais de Experiências de Vergonha, Memórias Precoces de Calor/Afecto e Segurança, Experiências Precoces de Vergonha, Vergonha Actual e Psicopatologia

resultado de um aumento da auto-consciência. Os autores encontraram associações entre a ideação paranoide e uma atenção auto-focada (atenção focada no *eu* e na experiência interna). Por outro lado, existem associações entre a ideação paranoide e uma elevada sensibilidade ao escrutínio por parte dos outros, sendo que a ideação paranoide poderá também estar relacionado com a percepção do *eu*, tal como é mostrado aos outros e com a consequente apreensão em relação às respostas que o *eu* poderá despertar nos outros (características semelhantes à vergonha externa). Deste modo, os dados encontrados vão de encontro ao postulado por autores como Fenigstein e Vanable (1992), afirmando que a manifestação de aspectos paranóides está associada à forma como o indivíduo acredita existir na mente dos outros, vindo ainda acrescentar que a manifestação destas características pode ser explicada como o indivíduo pensa existir na mente dos outros, tendo como referência uma experiência traumática de vergonha.

7. Estudo VI. Vergonha Traumática, Características de Memória Traumática e Centrais, e Vergonha Actual e Psicopatologia

Estudos anteriores inseridos na presente investigação avaliaram, separadamente, a relação entre a vergonha traumática e as características de memória traumática e de centralidade dessa experiência, e a relação entre a vergonha traumática e vergonha e psicopatologia actuais. Tendo em conta os resultados obtidos, revelou-se oportuno ir mais além, estudando a relação entre a vergonha sentida durante uma experiência de vergonha traumática, as características de memória traumática e centrais dessa experiência, e a vergonha e psicopatologia apresentada pelo sujeito.

De um modo geral, as hipóteses estabelecidas foram confirmadas. Mais especificamente, foi reforçada a ideia de que a vergonha interna sentida durante uma experiência traumática de vergonha apenas surge na explicação da vergonha interna actual. Este resultado sugere que, tratando-se de constructos próximos (quase equivalentes), a vergonha interna traumática revela-se um óptimo preditor daquilo que representa – a forma como o indivíduo se vê a si mesmo. Verifica-se ainda que o modelo que articula, em simultâneo, a vergonha traumática e as características de memória traumática e centrais apresenta melhor poder de predição relativamente à vergonha interna e externa actual, comparativamente ao modelo que incluía exclusivamente a vergonha traumática como preditora. Estes dados permitem verificar, com maior consistência, a relevância não só da vergonha sentida pelo sujeito durante uma situação indutora de vergonha traumática, mas também das suas características traumáticas e centrais para o desenvolvimento posterior de

Vergonha Sentida Durante uma Experiência Traumática: Características Psicométricas da versão portuguesa da Escala *Trauma Related Shame Inventory* e estudo da relação da Vergonha Traumática com as Características de Memória Traumática e Centrais de Experiências de Vergonha, Memórias Precoces de Calor/Afecto e Segurança, Experiências Precoces de Vergonha, Vergonha Actual e Psicopatologia

vergonha interna e externa. De igual modo, a psicopatologia actual (manifestada por depressão, ansiedade, stress e ideação paranoide) revela ser melhor explicada pelo modelo utilizado neste estudo – que inclui a vergonha traumática e as suas características de memória traumática e centrais – do que pelo modelo que utiliza apenas a vergonha sentida durante uma experiência de vergonha traumática como preditora da psicopatologia.

Os dados encontrados vão de encontro ao que está postulado na literatura, nomeadamente estudos que revelaram que a existência de uma propensão para a emoção de vergonha constitui um grande factor de vulnerabilidade para a psicopatologia (Kaufman, 1989; Gilbert, 1992; Schore, 2001). Neste sentido, a vergonha está associada com a depressão, como mostram os estudos de Allan e Gilbert (1995), com a ansiedade (Tangney e tal., 1995; Irons e Gilbert, 2005), Perturbação de Stress Pós-Traumático (Lee, Scragg e Turner, 2001; Lesleka, Dieperink e Thuras, 2002), e a dissociação (Talbot, Xin Tu, 2004). Contudo, o presente estudo veio acrescentar informação a investigações já realizadas, na medida em que contribuiu para demonstrar a relevância da vergonha traumática, juntamente com as características traumáticas e centrais das experiências de vergonha traumáticas, na predição da vergonha e psicopatologia actuais.

VI – Conclusão

O estudo da emoção de vergonha tem sido, cada vez mais, alvo de marcado interesse e desenvolvimento. A literatura existente é muito rica em investigações sobre a natureza patogénica desta emoção e a sua ligação com a psicopatologia e são cada vez mais os estudos que indicam uma forte conexão entre a vergonha e o seu impacto na saúde física e mental, bem como, no comportamento social dos indivíduos (Gilbert, 2000, 2002; Tagney e Dearing, 2002).

A teoria evolucionária designou-nos para sermos seres fundamentalmente sociais, providenciando-nos competências cognitivas e sociais direccionadas para a sensibilidade e atenção no que os outros pensam e sentem sobre nós, dentro da qual a vergonha tem um papel importante na limitação de danos pessoais. De um modo geral, a vergonha é definida como uma experiência de fracasso, de défice e de exposição dos nossos defeitos, surgindo quando nos sentimos desinteressantes e indesejados (Lewis, 1992; Tangey & Dearing, 2002). Esta emoção é assim entendida como a falta de activação do sistema de segurança, e não apenas como uma ameaça, ou seja: está intimamente ligada com a capacidade ou incapacidade para despertar aceitação e

Vergonha Sentida Durante uma Experiência Traumática: Características Psicométricas da versão portuguesa da Escala *Trauma Related Shame Inventory* e estudo da relação da Vergonha Traumática com as Características de Memória Traumática e Centrais de Experiências de Vergonha, Memórias Precoces de Calor/Afecto e Segurança, Experiências Precoces de Vergonha, Vergonha Actual e Psicopatologia

tranquilização dos outros e aprender a tranquilizador o próprio (Gilbert, 2007).

A vergonha pode ser uma emoção adaptativa, devido à sua função de regulação das experiências de afecto positivo excessivo e também pela capacidade que nos procidência para promover a socialização, suavizar ou prevenir dano ao estatuto social (Gilbert, 1998), e alertar o indivíduo para interações possivelmente ameaçadoras (Lewis, 1992; Schore, 2001). Contudo, sabe-se que a vergonha é uma emoção que pode estar na origem de aspectos negativos, como acontece com a psicopatologia. Dado que os sentimentos de vergonha podem surgir de experiências precoces como ser tratado como fraco, incapaz ou desvalorizado, esta inferioridade pessoal, quando transportada para a idade adulta, pode ter efeitos cruciais na forma como os conflitos são percebidos, resolvidos e/ou evitados (Gilbert, 1992). Estes processos traçam uma determinada tendência para a emoção de vergonha que, actualmente, sabe-se que constitui um grande factor de vulnerabilidade para a psicopatologia (Kaufman, 1989; Gilbert, 1992; Schore, 2001).

A presente investigação prendeu-se com o objectivo de validar uma escala, para a população portuguesa, que avalia a vergonha num contexto específico que é a vergonha sentida pelo sujeito durante uma experiência de vergonha traumática. Outro propósito deste estudo consistiu em procurar dar resposta a algumas limitações existentes no estudo da vergonha, estudando a relação desta emoção com outros constructos. Deste modo, procedeu-se ao estudo da relação entre a vergonha traumática e: características de memória traumáticas e centrais de um acontecimento indutor de vergonha traumático, memórias precoces de calor/afecto e segurança, experiências precoces de vergonha com o pai e com a mãe, vergonha interna e externa actual e psicopatologia actual (depressão, ansiedade, *stress* e ideação paranoide).

Analisando os resultados encontrados neste estudo, verifica-se que a escala *Trauma Related Shame Inventory* possui excelentes qualidades psicométricas, demonstrando assim a sua adequabilidade à população a que se destina. As características psicométricas da escala TRSI tornam-na então no instrumento de eleição na avaliação da vergonha sentida durante uma experiência de vergonha traumática, vindo colmatar a lacuna existente nesta área de investigação.

Além disso, esta investigação estudou a relação da vergonha traumática com as características de memória traumática e centrais de uma experiência de vergonha traumática, encontrando associações significativas entre estes constructos. Os resultados encontrados apontam no sentido de a vergonha traumática sentida durante experiências de vergonha adquirir características de memória traumática (intrusão, evitamento e hiperactivação) e de centralidade, o que significa que esta

Vergonha Sentida Durante uma Experiência Traumática: Características Psicométricas da versão portuguesa da Escala *Trauma Related Shame Inventory* e estudo da relação da Vergonha Traumática com as Características de Memória Traumática e Centrais de Experiências de Vergonha, Memórias Precoces de Calor/Afecto e Segurança, Experiências Precoces de Vergonha, Vergonha Actual e Psicopatologia

emoção se torna muito importante na construção da auto-identidade e na atribuição de significados, passados e futuros.

Por outro lado, os dados encontrados neste estudo permitiram verificar que as experiências precoces de vergonha com o pai e com a mãe estão associadas com a vergonha traumática, mas apenas as experiências ocorridas com o pai contribuem para a explicação da variância da vergonha sentida durante um evento de vergonha traumático. De futuro, seria pertinente avaliar a razão pela qual as experiências precoces de vergonha com a mãe não se tornam salientes para a predição da forma como o sujeito se vê tendo por base a sua experiência de vergonha traumática (vergonha interna traumática) e como acredita existir na mente dos outros tendo como referência esse tipo de experiências (vergonha externa traumática). Os resultados obtidos demonstraram ainda a inexistência de associação entre as memórias precoces de calor/afecto e segurança e a vergonha externa sentida durante uma experiência de vergonha traumática e uma associação negativa, mas pouco significativa, entre estas memórias afiliativas positivas e a vergonha interna sentida durante uma experiência de vergonha traumática. De facto, esperava-se encontrar uma relação negativa entre estes constructos, na medida em que se hipotetizou que as memórias de calor/afecto e segurança estão inversamente relacionadas com a vergonha traumática (a existência de memórias afiliativas positivas em maior grau deveria estar associada a menores níveis de vergonha traumática). Os resultados obtidos podem dever-se a um artefacto estatístico; no entanto, seria uma mais-valia avaliar esta relação em estudos futuros, na medida em que se sabe que as memórias de calor/afecto e segurança actuam como atenuantes do impacto da vergonha sentida durante uma experiência de vergonha traumática noutros constructos estudados.

Com efeito, foi estudado, na presente investigação, o efeito moderador das memórias de calor/afecto e segurança na relação entre a vergonha traumática e as características de memória traumática e centrais das experiências de vergonha. Genericamente, verificou-se que a existência de memórias afiliativas positivas, como as memórias de calor/afecto e segurança, actuam como atenuantes do impacto da vergonha sentida durante uma experiência de vergonha nas respectivas características de memória traumática e centrais. Este efeito apenas não foi verificado na moderação desta relação na vergonha traumática externa com as características de memória traumática. Tal como já foi mencionado, este resultado pode dever-se a um artefacto estatístico. No entanto, a inexistência de efeito protector pode estar relacionado com o facto de a vergonha externa sentida durante uma experiência de vergonha se tornar proeminente o suficiente, da tal forma que se torna resistente ao efeito moderador das memórias afiliativas positivas.

Vergonha Sentida Durante uma Experiência Traumática: Características Psicométricas da versão portuguesa da Escala *Trauma Related Shame Inventory* e estudo da relação da Vergonha Traumática com as Características de Memória Traumática e Centrais de Experiências de Vergonha, Memórias Precoces de Calor/Afecto e Segurança, Experiências Precoces de Vergonha, Vergonha Actual e Psicopatologia

Os resultados encontrados demonstraram ainda uma relação positiva entre a vergonha sentida durante uma experiência de vergonha traumática e a vergonha interna e externa actual. No estudo realizado, verificou-se que a vergonha interna e externa traumáticas prediziam, exclusiva e respectivamente, a vergonha interna e externa actuais. Estes dados apontam para a especificidade de efeitos, na medida em que a forma como o indivíduo se vê durante e com base num acontecimento indutor de vergonha traumático está associada apenas à forma como o indivíduo se vê actualmente; e o modo como o indivíduo acredita existir na mente dos outros, tendo por referência uma experiência de vergonha traumática, encontra-se relacionado apenas com o modo como o indivíduo acredita existir na mente dos outros actualmente. Estes resultados estão de acordo com o que está descrito na literatura, na medida em que demonstram que de facto as experiências precoces de vergonha (traumáticas, neste caso) têm impacto na manifestação da vergonha actual.

Por outro lado, os estudos feitos demonstram que a vergonha sentida durante uma experiência de vergonha traumática apresenta também associações com a psicopatologia, nomeadamente com a depressão, a ansiedade, o *stress* e a ideação paranoide. Uma vez mais, verifica-se apenas a vergonha externa surge na predição das características psicopatológicas, contribuindo para reforçar a ideia de que a vergonha interna traumática apenas surge na predição de aspectos internalizantes da vergonha actual. De facto, o modo como sujeito se percebe, tendo em conta a sua experiência de vergonha traumática, não parece contribuir para o desenvolvimento de psicopatologia. Depressão, ansiedade, *stress* e ideação paranoide parecem ser explicados exclusivamente pela vergonha externa sentida pelo sujeito durante um evento traumático indutor de vergonha, ou seja, pela forma como este crê ser percebido pelos outros, tendo como referência a experiência de vergonha.

Finalmente, a investigação forneceu resultados interessantes na avaliação da relação entre a vergonha traumática, em conjunto com as características de memória traumática e centrais, e a vergonha e psicopatologia actuais. Estudos presentes nesta investigação já haviam examinado a relação entre a vergonha traumática e a vergonha e psicopatologia actuais. Contudo, no estudo final, introduziram-se as características de memória traumática e centrais no modelo explicativo, verificando-se que o seu poder de predição aumentou consideravelmente. Estes resultados apontam no sentido da importância do papel das características de memória traumática e centrais no desenvolvimento de sentimentos de vergonha e também de psicopatologia, tal como está descrito na literatura; mas acrescentam mais informação, na medida em

Vergonha Sentida Durante uma Experiência Traumática: Características Psicométricas da versão portuguesa da Escala *Trauma Related Shame Inventory* e estudo da relação da Vergonha Traumática com as Características de Memória Traumática e Centrais de Experiências de Vergonha, Memórias Precoces de Calor/Afecto e Segurança, Experiências Precoces de Vergonha, Vergonha Actual e Psicopatologia

que reforçam a magnitude do impacto da vergonha traumática na predição das características referidas. Considera-se que existe escassez de informação relativa à vergonha traumática, sendo que os estudos realizados, e este em particular, contribuem para o crescente interesse que se verifica no que diz respeito a esta emoção.

Terminada a investigação, é possível comprovar a sua importância no enriquecimento do estudo da vergonha, mais especificamente o estudo da vergonha traumática. Os dados existentes na literatura e também aqueles encontrados neste estudo sublinham a importância da investigação no âmbito da vergonha, emoção importante em várias fases do desenvolvimento. Não obstante, a emoção de vergonha é especialmente importante quando ocorre na infância ou na adolescência, pois sabe-se que pode adquirir características de memória traumática e centrais, influenciando a construção da identidade, referências autobiográficas e a construção de expectativas em relação aos outros e a acontecimentos futuros, e contribui para o desenvolvimento de vergonha actual e psicopatologia.

Os principais efeitos encontrados revelam a especificidade/distintividade da emoção de vergonha traumática, nomeadamente vergonha interna e externa. Em primeiro lugar, verificou-se que a vergonha interna traumática (sentida durante uma experiência de vergonha traumática) surge, quase exclusivamente, na predição da vergonha interna actual. Por outro lado, a vergonha traumática externa revelou-se boa preditora de vários aspectos, nomeadamente das características de memória traumática, psicopatologia (manifestada através de depressão, ansiedade, *stress* e ideação paranoide) e da vergonha externa actual. A vergonha externa sentida pelo sujeito durante uma experiência de vergonha traumática apenas não surgiu na explicação da variância das características de centralidade dessa experiência, possivelmente devido a aspectos da identidade (que apresentam mais afinidade com a vergonha interna traumática).

É ainda oportuno referir o processo de validação da escala TRSI (Matos e Pinto-Gouveia, manuscrito em preparação), essencial para a avaliação do constructo central desta investigação: a vergonha traumática. E escala aferida permitirá, daqui em diante, obter dados valiosos para o estudo da vergonha traumática, na medida em que distingue as facetas interna e externa desta emoção, fornecendo assim dados mais rigorosos para uma avaliação satisfatória deste constructo.

No que diz respeito às implicações clínicas dos resultados obtidos neste estudo, é de salientar a importância de avaliar e intervir ao nível das características das experiências de vergonha traumática, uma vez que estas parecem ser essenciais na compreensão desta emoção. Mais

Vergonha Sentida Durante uma Experiência Traumática: Características Psicométricas da versão portuguesa da Escala *Trauma Related Shame Inventory* e estudo da relação da Vergonha Traumática com as Características de Memória Traumática e Centrais de Experiências de Vergonha, Memórias Precoces de Calor/Afecto e Segurança, Experiências Precoces de Vergonha, Vergonha Actual e Psicopatologia

especificamente, é vantajoso estudar os processos de desenvolvimento de emoções de vergonha traumática, contextos de surgimento desta emoção, e as suas implicações a diversos níveis do funcionamento humano.

Em relação às limitações metodológicas, poderia ter sido vantajoso realizar a investigação em dois momentos distintos. Por um lado, daria uma oportunidade de avaliar a estabilidade temporal da escala TRSI; por outro lado, esta opção permitiria avaliar os efeitos da recordação de experiências precoces de vergonha a diversos níveis (magnitude das respostas em geral, concretamente relativas à centralidade dessa experiência, possível aumento da magnitude das respostas relativas às características de intrusividade, evitamento e hiperactivação dessa experiência, entre outros). Além disso, o desenho correlacional do estudo representa outra limitação, uma vez que não é possível tirar conclusões causais acerca dos resultados, apenas interpretações teóricas sustentadas. No futuro, seria pertinente replicar o estudo, alargando-o a uma amostra mais representativa da população geral. Seria também importante, estudos prospectivos no sentido de melhorar a compreensão da relação causal entre as variáveis. Outra futura direcção seria replicar este estudo na população clínica, de forma a surgir a oportunidade de comparar os resultados com os da população geral. Ainda na linha das limitações, aponta-se ainda o facto de as memórias de eventos emocionais e traumáticos não estarem livres de erros de processamento (Levine & Pizarro, 2004, citado por Bluck, 2003). Deste modo, estudos posteriores devem ter este facto em conta, procurando controlar esses efeitos.

Em suma, os resultados encontrados nos estudos realizados vão ao encontro de estudos anteriores que se debruçam sobre o tema da vergonha, mas também desempenham um papel importante na expansão dos mesmos, apresentando novas perspectivas sobre a natureza da vergonha.

Bibliografia

Aiken, L., & West, S. (1991). *Multiple regression: Testing and Interpreting Interactions*. Newbury Park, CA: Sage.

Almeida, L., & Freire, T. (2008). *Metodologia da investigação em psicologia e educação* (5ª ed). Braga: Psiquilibrios Edições.

American Psychiatric Association (2000). *Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais* (4ª Ed. R.). Lisboa: Climepsi Editores.

Andrews, B., Quian, M., & Valentine, J.D. (2002). Predicting depressive symptoms with a new measure of shame: The experience of Shame Scale. *British Journal of Clinical Psychology*, 41, 29-42.

Baerger, D. R., & McAdams, D. P. (1999). Life story coherence and its relation to psychological well-being. *Narrative Inquiry*, 9, 69-96.

Baldwin, M., W. (2005). *Interpersonal Cognition*. New York: Guilford Press.

Baumeister, R. F., & Leary, M. R. (1995). The Need to Belong: Desire for Interpersonal Attachment as a Fundamental Human Motivation. *Psychological Bulletin*, 117, 497-529.

Berntsen, D., Willert, M. & Rubin, D. C. (2003). Splintered memories or vivid landmarks? Qualities and organization of traumatic memories with or without PTSD. *Applied Cognitive Psychology*, 17, 675-693.

Berntsen, D. & Rubin, D. C. (2006). The centrality of event scale: A measure of integrating a trauma into one's identity and its relation to post-traumatic stress disorder symptoms. *Behaviour Research and therapy*, 44:219-231.

Berntsen, D. & Rubin, D. C. (2007). When a trauma becomes a key to identity: enhanced integration of trauma memories predicts posttraumatic stress disorder symptoms. *App. Cogit. Psychol.*, 21, 417-431.

Bluck, S. (2003). *Autobiographical Memory: Exploring its Functions in Everyday Life*. Hove, England : Psychology Press.

Vergonha Sentida Durante uma Experiência Traumática: Características Psicométricas da versão portuguesa da Escala *Trauma Related Shame Inventory* e estudo da relação da Vergonha Traumática com as Características de Memória Traumática e Centrais de Experiências de Vergonha, Memórias Precoces de Calor/Afecto e Segurança, Experiências Precoces de Vergonha, Vergonha Actual e Psicopatologia

Boals, A. (2010). Events that have become central to identity: Gender differences in the centrality of events scale for positive and negative events. *Applied and Cognitive Psychology*.

Bowlby, J. (1985). *Attachment and loss: Attachment*. London: The Hogarth Press.

Brace, N., Kemp, R. & Snelgar, R. (2003). *SPSS for Psychologist: A guide to a guide to data analysis using SPSS for window*. Houndmills, Basingstoke, Palgrave Macmillan.

Cattell, R. B. (1966). "The Scree Test for the Number of Factors." *Multivariate Behavioral Research*, 1(2), 245-276.

Cheung, M., Gilbert, P., & Irons, C. (2004). An exploration of shame, social rank and rumination in relation to depression. *Personality and Individual Differences*, 36, 1143–1153.

Cohen, J.; Cohen, P.; West, S. & Aiken, L. (2003). *Applied multiple regression correlation analysis for the behavioral sciences* (3rd ed.). Hillsdale, NJ: Erlbaum.

Conway, M. (1990). *Autobiographical Memory: An Introduction*. Open University Press.

Cook, D. (1987). Measuring shame: the internalized shame scale. *Alcoholism Treatment Quarterly*, 4, 197–215.

Cook, D. (1994, 2001). *Internalized shame scale: technical manual*. North Tonawanda, NY: Multi-Health Systems, Inc.

Christianson, S., A. & Engelberg, E. (2006). Remembering Emotional Events: The Relevance of Memory for Associated Emotions. In Uttl, B., Ohta, N. & Siegenthaler, A. *Memory and Emotion: Interdisciplinary Perspectives*. Oxford: Blackwell Publications.

Fenigstein, A. & Vanable, P. (1992). Persecutory ideation and self-consciousness. *Journal of Personality and Social Psychology*, 62, 129–138.

Gerhardt, S. (2004). *Why love matters. How affection shapes a baby's brain*. London: Bruner-Routledge.

Vergonha Sentida Durante uma Experiência Traumática: Características Psicométricas da versão portuguesa da Escala *Trauma Related Shame Inventory* e estudo da relação da Vergonha Traumática com as Características de Memória Traumática e Centrais de Experiências de Vergonha, Memórias Precoces de Calor/Afecto e Segurança, Experiências Precoces de Vergonha, Vergonha Actual e Psicopatologia

Gilbert, P. (1998a). What is shame? Some core issues and controversies. In P. Gilbert and B. Andrews (Eds). *Shame: Interpersonal behaviour, psychopathology and culture*. New York: Oxford University Press.

Gilbert, P. & Andrews, B. (1998). *Shame: Interpersonal behaviour, psychopathology, and culture*. New York: Oxford University Press.

Gilbert, P. & McGuire, M. (1998). Shame, social roles and status: The psychobiological continuum from monkey to human. In P. Gilbert and B. Andrews (Eds). *Shame: Interpersonal behaviour, psychopathology and culture*. New York: Oxford University press.

Gilbert, P. (2000a). *Social mentalities: Internal 'social' conflicts and the role of inner warmth and compassion in cognitive therapy*. In P. Gilbert and K. Bailey (Eds). *Genes on the couch: Explorations in evolutionary psychotherapy*. Hove: Brunner-Routledge.

Gilbert, P. (2002a). Body shame: A biopsychosocial conceptualization and overview with treatment implications. In Gilbert, P. & Miles, J. (Ed.), *Body Shame: Conceptualization, Research and Treatment* (pp.3-54). New York: Brunner-Routledge.

Gilbert, P. (2002). Evolutionary approaches to psychopathology and Cognitive therapy. *Journal of Cognitive Psychotherapy: An International Quarterly*, vol.16

Gilbert, P. (2003). Evolution, social roles and the differences in shame and guilt. *Social Research*. 70 (4), 1205-1230.

Gilbert, P. (2005a). Evolution and depression: issues and implications. *Psychological Medicine*. 36, 287-297.

Gilbert, P. (2005b). *Social Mentalities: A Biopsychosocial and Evolutionary Approach to Social Relationships*. In Baldwin, M., W. (Ed.). *Interpersonal Cognition*. New York: Guilford Press.

Gilbert, P. & Irons, C. (2005c). Focused Therapies and compassionate mind tracking for shame and self attacking. In P. Gilbert (Ed.) *Compassion: Conceptualisations, Research and Use in Psychotherapy*. London: Routledge.

Vergonha Sentida Durante uma Experiência Traumática: Características Psicométricas da versão portuguesa da Escala *Trauma Related Shame Inventory* e estudo da relação da Vergonha Traumática com as Características de Memória Traumática e Centrais de Experiências de Vergonha, Memórias Precoces de Calor/Afecto e Segurança, Experiências Precoces de Vergonha, Vergonha Actual e Psicopatologia

Gilbert, P. (2007). *The evolution of shame as a marker for relationship security: a biopsychosocial approach*. In Robins, J. & Tangney, J. *The self-conscious emotions: theory and research*: New York: Guilford.

Goss, K., Gilbert, P., & Allan, S. (1994). An exploration of shame measures I. The „Other as Shamer Scale“. *Personality and Individual Differences*, 17, 713–717.

Goss, K. & Allan, S. (2009). *Shame, Pride and Eating Disorders. Clinical and Psychology and Psychotherapy*.

Hackmann, A., Ehlers, A., Speckens, A., & Clark, D. M. (2004). Characteristics and content of intrusive memories in PTSD and their changes with treatment. *Journal of Traumatic Stress*, 17, 231-240.

Hoffman, A. & Oktedalen, T. (2011). Theory of Generalizability Applied to an Instrument Measuring Trauma Related Shame Among Patients with PTSD.

Hunt, R. R., & McDaniel, M. A. (1993). The enigma of organization and distinctiveness. *Journal of Memory and Language*, 32, 421-445.

Irons, C., & Gilbert, P. (2005). Evolved mechanisms in adolescent anxiety and depression symptoms: The role of attachment and social rank systems. *Journal of Adolescence*, 28, 325–341.

Kaufman, J. (1989). *The Psychology of shame: theory and treatment of shame-based syndromes*. (2nd Ed). New York: Springer Publishing Company.

Lee, D.A. & Scragg, P. (2001). The role of shame and guilt in traumatic events: a clinical model of shame- based and guilt-based PTSD. *British Journal of Medical Psychology*.

Lewis, M. (1992). *Shame: The Exposed Self*. New York: The Free Press.

Lewis, M. (2000). Self-conscious emotions: Embarrassment, pride, shame and guilt. In M. Lewis & M. Haviland-Jones (Eds). *Handbook of emotions*. New York: Guilford Press.

Vergonha Sentida Durante uma Experiência Traumática: Características Psicométricas da versão portuguesa da Escala *Trauma Related Shame Inventory* e estudo da relação da Vergonha Traumática com as Características de Memória Traumática e Centrais de Experiências de Vergonha, Memórias Precoces de Calor/Afecto e Segurança, Experiências Precoces de Vergonha, Vergonha Actual e Psicopatologia

Lewis, M. (2003). The role of the self in shame. *Social Research: An International Quarterly of the Social Sciences*, 70, 1181-1204.

Lovibond, P., & Lovibond, H. (1995). The structure of negative emotional states: Comparison of the Depression Anxiety Stress Scales (DASS) with Beck Depressive and Anxiety Inventories. *Behaviour Research and Therapy*, 33, 335–343.

Matos, M. & Pinto-Gouveia, J. (2006). *The shame experiences interview*. Manuscrito em preparação.

Matos, M. & Pinto Gouveia, J. (2009). Shame as a Traumatic Memory. *Clinical Psychology and Psychotherapy*.

Matos, M. & Pinto-Gouveia, J. (2010). Propriedades psicométricas da versão portuguesa da Escala do Impacto do Acontecimento – Revista (IES-R). *Psychologica* (In Press).

Matos, M., Pinto-Gouveia, J. & Gomes, P. (2010). A Centralidade das Experiências de Vergonha: Estudo da Validação da versão portuguesa da Escala da Centralidade do Acontecimento. *Psicologia*, XXIV (1), 73-95.

Matos, M., Pinto-Gouveia, J. (2011). Understanding the importance of attachment in shame traumatic memory relation to depression: The impact of emotion regulation processes. *Clinical Psychology and Psychotherapy*. Publicado online por Wiley Online Library.

McGaugh, J. L. (2003). *Memory and Emotion: The making of lasting memories*. New York: Columbia University Press.

Pestana, M. & Gageiro, J. (2005). *Análise de dados para as ciências sociais: A complementaridade do SPSS*. Lisboa: Edições Sílabo.

Pillimer, D. B. (1998). *Momentous events, vivid memories*. Cambridge: Harvard University Press.

Pinto Gouveia, J. & Matos, M. (2011). Can Shame Memories Become a Key to Identity? The Centrality of Shame Memories Predicts Psychopathology. *Applied Cognitive Psychology*, 25, 281-290

Vergonha Sentida Durante uma Experiência Traumática: Características Psicométricas da versão portuguesa da Escala *Trauma Related Shame Inventory* e estudo da relação da Vergonha Traumática com as Características de Memória Traumática e Centrais de Experiências de Vergonha, Memórias Precoces de Calor/Afecto e Segurança, Experiências Precoces de Vergonha, Vergonha Actual e Psicopatologia

Richter, A., Gilbert, P. & McEwan, K. (2009). Development of an Early Memories of Warmth and Safeness Scale and its Relationship to Psychopathology. *Psychology and Psychotherapy: Theory, Research and Practice*, 82, 171–184

Rizvi, S.L. (2010). Development and Preliminary Validation of a New Measure to Assess Shame: The Shame Inventory. *Psychopathological Behaviour Assessment*, 32, 438–447.

Robinson, J. A., & Taylor, L. R. (1998). Autobiographical memory and self-narratives: A tale of two stories. In C. P. Thompson, D. J. Herrmann, D. Bruce, J. D. Read, D. G. Payne, & M. P. Toglia (Eds.), *Autobiographical memory: Theoretical and applied perspectives* (pp. 125–143). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.

Schore, A. (1998). Early shame experiences and infant brain development. In P. Gilbert, & B. Andrews (Eds.), *Shame: Interpersonal behavior, psychopathology and culture* (pp. 57–77). New York: Oxford University Press.

Schore, A. N. (2001). The Effects of early relational trauma on right brain development, affect regulation, and infant mental health. *Infant Mental Health Journal*, 22, 201–269.

Shum, M. S. (1998). The role of temporal landmarks in the autobiographical memory processes. *Psychological Bulletin*, 124, 423–442.

Stevens, J. (1992). *Applied multivariate statistics for the social sciences* (2nd ed.). Hillsdale, NJ: Erlbaum.

Tabachnick, B., G. & Fidell, L., S. (2007). *Using Multivariate Statistics*. Boston: Pearson/ Allyn & Bacon.

Talbot, J., Talbot, N., & Tu, X. (2004). Shame-proneness as a diathesis for dissociation in women with histories of childhood sexual. *Journal of Traumatic Stress*, 17, 445–448.

Tangney, J.P. & Fisher, K.W. (1995). *Self-conscious emotions: the psychology of shame, guilt and pride*. New York: The Guilford Press.

Vergonha Sentida Durante uma Experiência Traumática: Características Psicométricas da versão portuguesa da Escala *Trauma Related Shame Inventory* e estudo da relação da Vergonha Traumática com as Características de Memória Traumática e Centrais de Experiências de Vergonha, Memórias Precoces de Calor/Afecto e Segurança, Experiências Precoces de Vergonha, Vergonha Actual e Psicopatologia

Tangney, J. & Dearing, R. (2002). *Shame and guilt*. New York: Guilford. Tangney, J. & Fisher, K. (1995). *Self-conscious emotions: the psychology of shame, guilt and pride*. New York: The Guilford Press.

Tangney, J. P., Stuewig, J. & Mashek, D.J. (2006). Moral emotions and moral behaviour. *Annual Review of Psychology*. 58, 1-28.

Tomkins, S. (1981). The quest for primary motives: Biography and autobiography. *Journal of Personality and Social Psychology*, 4, 306-329.

Tulving, E. (1985). *Elements of Episodic Memory*. Oxford : Clarendon Press.

Uttl, B., Ohta, N. & Siegenthaler, A. (2006). *Memory and Emotion: Interdisciplinary Perspectives*. Oxford: Blackwell Publications.

Weiss, D.S., & Marmar, C.R. (1997). The impact of event scale-Revised. In J.P. Wilson, & T.M. Keane (Eds), *Assessing psychological trauma and PTSD* (pp. 399–411). New York: Guilford Press.

Zahn-Waxler, C. (2000) The development of empathy, guilt and internalization of distress: Implications for gender differences in internalising and externalizing problems. In R.J. Davidson (ed.) *Anxiety, Depression and Emotion* (pp.222-265). NewYork: Oxford University Press.

Vergonha Sentida Durante uma Experiência Traumática: Características Psicométricas da versão portuguesa da Escala *Trauma Related Shame Inventory* e estudo da relação da Vergonha Traumática com as Características de Memória Traumática e Centrais de Experiências de Vergonha, Memórias Precoces de Calor/Afecto e Segurança, Experiências Precoces de Vergonha, Vergonha Actual e Psicopatologia

Tania Cid (taniapncid@gmail.com) 2012

Introdução.....	1
I – Enquadramento Conceptual.....	1
1. Perspectiva Evolucionária da Vergonha.....	1
1.1. Vergonha: Conceptualização e Relevância.....	1
1.2. Avaliação interna e externa da vergonha.....	4
1.3. Vergonha Traumática: Escala de avaliação <i>Trauma-Related Shame Inventory</i>	6
2. Experiência de Vergonha: Características de Memória Traumática e Centralidade do Evento.....	7
3. Memórias Afiliativas e Experiências Precoces de Vergonha.....	10
4. Vergonha e Psicopatologia.....	12
II – Objectivos	13
III – Metodologia	15
1. Descrição da Amostra.....	15
2. Instrumentos.....	16
3. Procedimentos.....	19
IV – Resultados.....	29
1. Validade de Conteúdo da Escala TRSI (<i>Trauma Related Shame Inventory</i>).....	20
2. Estudo exploratório das características psicométricas do TRSI numa amostra da população portuguesa.....	21
2.1–Estudo da estrutura factorial da escala.....	21
2.1.1 – Estudo da estrutura factorial da escala Vergonha Interna do TRSI.....	21
2.1.2 – Estudo da estrutura factorial da escala Vergonha Externa do TRS.....	23
2.2 – Análise dos itens e Consistência Interna.....	24
2.2.1 – Análise dos itens e Consistência Interna da Escala Vergonha Interna.....	24
2.2.2 – Análise dos itens e Consistência Interna da Escala Vergonha Externa.....	24
2.3 – Validade Convergente.....	25
2.4 – Validade Divergente.....	25
3. Estudo das Diferenças de género nas variáveis em análise.....	26
4. Estudo I. Vergonha Traumática e Características de Memória Traumática e Centrais de uma Experiência de Vergonha.....	26
4.1. Estudo da relação entre a Vergonha sentida durante uma experiência traumática de vergonha e as Características de memória traumática dessa experiência.....	26
4.2. Estudo da relação entre a Vergonha sentida durante uma experiência traumática de vergonha e as características de centralidade dessa experiência.....	27
5. Estudo II. Memórias Precoces de Calor/Afecto e Segurança, Experiências Precoces de Vergonha e Vergonha Traumática.....	28
5.1. Estudo da relação entre a e as Memórias Precoces de Calor/Afecto e Segurança e as Experiências Precoces de Vergonha com o pai e com a mãe e a Vergonha Interna sentida durante uma experiência traumática de vergonha.....	28
5.2. Estudo da relação entre a e as Memórias Precoces de Calor/Afecto e Segurança e as Experiências Precoces de Vergonha com o pai e com a mãe e a Vergonha Externa sentida durante uma experiência traumática de vergonha.....	29
6. Estudo III. Estudo do Efeito Moderador das Memórias Precoces de Calor /Afecto e Segurança na relação entre a Vergonha Sentida Durante uma Experiência Traumática de Vergonha e as Características de Memória Traumática e as Características Centrais dessa experiência.....	30
6.1. Efeito Moderador das Memórias de Calor/Afecto e Segurança na relação entre a Vergonha Interna sentida durante uma experiência traumática de vergonha e as Características de Memória Traumática.....	31
6.2. Efeito Moderador das Memórias Precoces de Calor/Afecto e Segurança na relação entre a Vergonha Externa sentida durante uma experiência traumática de vergonha e as Características de Memória Traumática.....	32
6.3. Efeito Moderador das Memórias Precoces de Calor/Afecto e Segurança na relação entre a Vergonha Interna sentida durante uma experiência traumática de vergonha e as Características Centrais dessa experiência.....	32
6.4. Efeito Moderador das Memórias Precoces de Calor/Afecto e Segurança na relação	33

entre a Vergonha Externa sentida durante uma experiência traumática de vergonha e as Características Centrais dessa experiência	
7. Estudo IV. Vergonha Traumática e Vergonha Actual.....	34
7.1. Estudo da relação entre Vergonha sentida durante uma experiência traumática de vergonha e Vergonha Interna actual.....	35
7.2. Estudo da relação entre Vergonha sentida durante uma experiência traumática de vergonha e Vergonha Externa actual.....	36
8. Estudo V. Vergonha Traumática e Psicopatologia.....	37
8.1. Estudo da relação entre Vergonha sentida durante uma experiência traumática de vergonha e Depressão.....	38
8.2. Estudo da relação entre Vergonha sentida durante uma experiência traumática de vergonha e Ansiedade.....	39
8.3. Estudo da relação entre Vergonha sentida durante uma experiência traumática de vergonha e Stress	
8.4. Estudo da relação entre Vergonha sentida durante uma experiência traumática de vergonha e Ideação Paranoide.....	40
9. Estudo VI. Vergonha Traumática, Características de Memória Traumática e Centrais, Vergonha Actual e Psicopatologia.....	40
9.1. Estudo da relação entre a Vergonha sentida durante uma experiência traumática de vergonha, as Características Centrais e de Memória Traumática dessa experiência e a Vergonha Interna Actual	40
9.2. Estudo da relação entre a Vergonha sentida durante uma experiência traumática de vergonha, as Características Centrais e de Memória Traumática dessa experiência e a Vergonha Externa Actual	41
9.3. Estudo da relação entre a Vergonha sentida durante uma experiência traumática de vergonha, as Características Centrais e de Memória Traumática dessa experiência e a Depressão.....	41
9.4. Estudo da relação entre a Vergonha sentida durante uma experiência traumática de vergonha, as Características Centrais e de Memória Traumática dessa experiência e a Ansiedade	42
9.5. Estudo da relação entre a Vergonha sentida durante uma experiência traumática de vergonha, as Características Centrais e de Memória Traumática dessa experiência e o Stress	42
9.6. Estudo da relação entre a Vergonha sentida durante uma experiência traumática de vergonha, as Características Centrais e de Memória Traumática dessa experiência e a Ideação Paranoide.....	42
V – Discussão.....	43
1. Estudo das características psicométricas do TRSI.....	43
2. Estudo I. Vergonha Traumática e Características de Memória Traumática e Centrais de uma Experiência de Vergonha.....	46
3. Estudo II Memórias Precoces de Calor/Afecto e Segurança, Experiências Precoces de Vergonha e Vergonha Traumática.....	48
4. Estudo III. Estudo do Efeito Moderador das Memórias Precoces de Calor /Afecto e Segurança na relação entre a Vergonha Sentida Durante uma Experiência Traumática de Vergonha e as Características de Memória Traumática e as Características Centrais dessa experiência.....	49
5. Estudo IV. Vergonha Traumática e Vergonha Actual.....	51
6. Estudo V. Vergonha Traumática e Psicopatologia.....	52
7. Estudo VI. Vergonha Traumática, Características de Memória Traumática e Centrais, e Vergonha Actual e Psicopatologia.....	54
VI – Conclusão.....	55
Bibliografia	61
Anexos	

Tabela 1. Caracterização das variáveis Sociodemográficas (N = 302)

Variáveis		N	%	M	DP
Sexo	Masculino	131	43,4	1,57	0,496
	Feminino	171	56,6		
Idade	18 - 62	302	100,0	36,28	11,448
Anos	6 - 21	302	100,0	13,03	3,517
Escolaridade	NSE Baixo	79	26,2	2,27	1,169
	NSE Médio	139	46,0		
	NSE Alto	29	9,6		
	Estudante	34	11,3		
	Inactivo ou Reformado	21	7,0		

Tabela 2. Médias, Desvios-padrão e testes *t-Student* (Amostras Independentes) de todas as variáveis em estudo, para verificação das diferenças de género

(N = 302)	Total		Masculino (n = 131)		Feminino (n = 171)		t	df	p
	M	DP	M	DP	M	DP			
TRSI (Vergonha Interna)	15.53	5.44	15.82	5.22	15.30	5.61	.83	300	.401
TRSI (Vergonha Externa)	14.96	5.40	15.21	5.35	14.77	5.45	.71	300	.476
IES-R	3.73	2.52	3.53	2.35	3.88	2.64	-1.201	293	0.231
CES	42.04	18.18	42.62	17.74	41.60	18.56	.481	300	0.631
EMWS	63.54	14.70	62.89	12.99	64.03	15.89	-.683	298	0.495
EEVI_Pai	26.29	10.01	28.03	10.44	24.93	9.47	2.673	295	0.008
EEVI_Mãe	27.66	9.67	28.69	9.39	26.86	9.84	1.625	299	0.105
ISS	32.33	17.09	30.44	16.42	33.78	17.50	-1.689	300	0.092
OAS	20.12	11.05	19.60	10.78	20.51	11.27	-.705	300	0.481
EADS-42 (Depressão)	7.05	8.19	6.75	7.89	7.27	8.43	-.554	300	0.580
EADS-42 (Ansiedade)	6.59	7.36	6.31	6.60	6.80	7.92	-.585	298	0.559
EADS-42 (Stress)	11.75	8.86	10.76	8.30	12.50	9.25	-1.704	300	0.089
GPS	42.91	12.39	42.88	12.16	42.94	12.60	-.040	300	0.968

Tabela 3. Média, Desvio-padrão, Mediana, Moda, Variância, Simetria, Curtose, Mínimo e Máximo das duas subescalas do TRSI.

	TRSI_VergonhaInterna	TRSI_VergonhaExterna
Média	15.53	14.96
DP	5.44	5.40
Mediana	13	13
Moda	12	12
Variância	29.62	29.19
Simetria	2.32	2.65
Erro-padrão da simetria	.14	.14
Curtose	6.52	8.02
Erro-padrão da curtose	.28	.28
Mínimo	12	12
Máximo	47	46

Anexo II

Tabela 1. Valores médios, de desvio padrão, correlação item-total corrigida e alfa de Cronbach se o item for excluído, para a Subescala Vergonha externa do TRSI (N = 302).

Item Versão Portuguesa	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>r</i> Item- total	α Cronbach
Item_2 Por causa do que me aconteceu, os outros acham-me menos atractivo.	1.22	.52	.69	.95
Item_4 Por causa da minha experiência traumática, os outros viram partes de mim com as quais não querem ter nada a ver.	1.31	.62	.63	.95
Item_6 Se os outros soubessem o que me aconteceu, ver-me-iam como inferior.	1.38	.67	.72	.95
Item_7 Se os outros soubessem o que me aconteceu sentir-se-iam enojados comigo.	1.20	.50	.72	.95
Item_12 Se os outros soubessem o que me aconteceu, eles desprezar-me-iam.	1.23	.56	.79	.95
Item_14 Se os outros soubessem o que me aconteceu, não gostariam de mim.	1.23	.55	.86	.94
Item_16 Se os outros soubessem o que me aconteceu, sentiriam vergonha de mim.	1.24	.54	.88	.94
Item_17 Se os outros soubessem o que me aconteceu, não me aceitariam.	1.20	.51	.83	.94
Item_18 Por causa da minha experiência traumática, uma parte de mim que os outros acham vergonhosa foi exposta.	1.29	.61	.76	.95
Item_19 Se os outros soubessem como me comporte durante a minha experiência traumática, sentiriam vergonha de mim.	1.26	.56	.75	.95
Item_22 Se os outros soubessem como me senti durante a minha experiência traumática, sentiriam vergonha de mim.	1.23	.54	.79	.95
Item_24 Sinto tanta vergonha do que me aconteceu, que por vezes quero tornar-me invisível para os outros.	1.19	.54	.79	.95
Total	14.96	5.40		.95

Tabela 2. Valores médios, de desvio padrão, correlação item-total corrigida e alfa de Cronbach se o item for excluído, para a Subescala Vergonha interna do TRSI (N=302).

Item	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>r</i> Item- total	α Cronbach
Versão Portuguesa				
Item_1				
Por causa da minha experiência traumática, perdi o respeito por mim mesmo.	1.20	.49	.67	.93
Item_3				
Sinto vergonha de mim mesmo por causa do que me aconteceu.	1.44	.72	.74	.93
Item_5				
Por causa da minha experiência traumática, não consigo aceitar-me-	1.16	.46	.77	.93
Item_8				
Sinto vergonha da forma como me comportei durante a minha experiência traumática.	1.51	.75	.65	.93
Item_9				
Sinto tanta vergonha daquilo que me aconteceu que por vezes só quero fugir de mim mesmo(a).	1.26	.60	.79	.93
Item_10				
Por causa da minha experiência traumática, acho que sou menos atractivo.	1.23	.54	.76	.93
Item_11				
Sinto vergonha da forma como me senti durante a minha experiência traumática.	1.48	.76	.67	.93
Item_13				
Como resultado da minha experiência traumática, há partes de mim das quais me quero livrar.	1.27	.59	.68	.93
Item_15				
Por causa da minha experiência traumática, sinto-me inferior aos outros.	1.26	.58	.74	.93
Item_20				
A minha experiência traumática revelou uma parte de mim da qual tenho vergonha.	1.36	.60	.68	.93
Item_21				
Por causa da minha experiência traumática, não gosto de mim.	1.19	.51	.78	.93
Item_23				
Por causa do que me aconteceu, sinto-me enojado comigo mesmo ou sinto repulsa por mim mesmo.	1.17	.48	.76	.93
Total	15.53	5.44		.94

Anexo III

Tabela 1. Teste *t* de Student para a diferença entre grupos, com TRSI_VI (Vergonha Interna Traumática) alto e baixo, em relação ao IES-R (Características de Memória Traumática)

TRSI_VI					
Posição em relação à Mediana		<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>t</i>	<i>P</i>
IES-R	Superior	4.53	2.44	7.16	<.001
	Inferior	2.61	2.20		

Nota – Superior: valores > ou = ao ponto de corte (Mediana=13); Inferior: valores < ou = ao ponto de corte (Mediana=13)

Tabela 2. Teste *t* de Student para a diferença entre grupos, com TRSI_VE (Vergonha Externa Traumática) alto e baixo, em relação ao IES-R (Características de Memória Traumática)

TRSI_VE					
Posição em relação à Mediana		<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>t</i>	<i>P</i>
IES-R	Superior	4.80	2.45	8.24	<.001
	Inferior	2.64	2.10		

Nota – Superior: valores > ou = ao ponto de corte (Mediana=13); Inferior: valores < ou = ao ponto de corte (Mediana=13)

Tabela 3. Teste *t* de Student para a diferença entre grupos, com TRSI_VI (Vergonha Interna Traumática) alto e baixo, em relação ao CES (Características de Centralidade)

TRSI_VI					
Posição em relação à Mediana		<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>t</i>	<i>P</i>
CES	Superior	46.63	18.21	5.49	<.001
	Inferior	35.72	16.20		

Nota – Superior: valores > ou = ao ponto de corte (Mediana=13); Inferior: valores < ou = ao ponto de corte (Mediana=13)

Tabela 4. Teste *t* de Student para a diferença entre grupos, com TRSI_VE (Vergonha Externa Traumática) alto e baixo, em relação ao CES (Características de Centralidade)

TRSI_VE					
Posição em relação à Mediana		<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>t</i>	<i>P</i>
CES	Superior	47.72	18.00	5.75	<.001
	Inferior	36.29	16.54		

Nota – Superior: valores > ou = ao ponto de corte (Mediana=13); Inferior: valores < ou = ao ponto de corte (Mediana=13)

Tabela 5. Teste *t* de Student para a diferença entre grupos, com EMWS (Memórias de Calor/afecto e segurança) alto e baixo, em relação ao TRSI_VI (Vergonha Interna Traumática)

EMWS					
Posição em relação à Mediana		<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>t</i>	<i>P</i>
TRSI_VI	Superior	14.92	4.98	-1.96	>.05
	Inferior	16.14	5.83		

Nota – Superior: valores > ou = ao ponto de corte (Mediana=66); Inferior: valores < ou = ao ponto de corte (Mediana=66)

Tabela 6. Teste *t* de Student para a diferença entre grupos, com EMWS (Memórias de Calor/afecto e segurança) alto e baixo, em relação ao TRSI_VE (Vergonha Externa Traumática)

EMWS					
Posição em relação à Mediana		<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>t</i>	<i>p</i>
TRSI_VE	Superior	14.41	4.90	-1.80	>.05
	Inferior	15.52	5.84		

Nota – Superior: valores > ou = ao ponto de corte (Mediana=66); Inferior: valores < ou = ao ponto de corte (Mediana=66)

Tabela 7. Teste *t* de Student para a diferença entre grupos, com EEVI_Pai (Experiências precoces de vergonha com o pai) alto e baixo, em relação ao TRSI_VI (Vergonha Interna Traumática)

EEVI_PAi					
Posição em relação à Mediana		<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>t</i>	<i>P</i>
TRSI_VI	Superior	16.30	5.91	2.70	<.05
	Inferior	14.64	4.63		

Nota – Superior: valores > ou = ao ponto de corte (Mediana=24); Inferior: valores < ou = ao ponto de corte (Mediana=24)

Tabela 8. Teste *t* de Student para a diferença entre grupos, com EEVI_Pai (Experiências precoces de vergonha com o pai) alto e baixo, em relação ao TRSI_VE (Vergonha Externa Traumática)

EEVI_PAi					
Posição em relação à Mediana		<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>t</i>	<i>P</i>
TRSI_VE	Superior	15.73	5.86	2.67	<.05
	Inferior	14.09	4.62		

Nota – Superior: valores > ou = ao ponto de corte (Mediana=24); Inferior: valores < ou = ao ponto de corte (Mediana=24)

Tabela 9. Teste *t* de Student para a diferença entre grupos, com EEVI_Mãe (Experiências precoces de vergonha com a mãe) alto e baixo, em relação ao TRSI_VI (Vergonha Interna Traumática)

EEVI_MÃE					
Posição em relação à Mediana		<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>t</i>	<i>P</i>
TRSI_VI	Superior	16.57	6.05	3.52	.001
	Inferior	14.42	4.49		

Nota – Superior: valores > ou = ao ponto de corte (Mediana=26); Inferior: valores < ou = ao ponto de corte (Mediana=26)

Tabela 10. Teste *t* de Student para a diferença entre grupos, com EEVI_Mãe (Experiências precoces de vergonha com a mãe) alto e baixo, em relação ao TRSI_VE (Vergonha Externa Traumática)

EEVI_MÃE		<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>t</i>	<i>P</i>
Posição em relação à Mediana					
TRSI_VE	Superior	15.72	5.86	2.55	<.05
	Inferior	14.16	4.77		

Nota – Superior: valores > ou = ao ponto de corte (Mediana=26); Inferior: valores < ou = ao ponto de corte (Mediana=26)

Tabela 21. Teste *t* de Student para a diferença entre grupos, com TRSI_VI (Vergonha Interna Traumática) alto e baixo, em relação ao ISS (Vergonha Interna actual)

TRSI_VI					
Posição em relação à Mediana		<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>t</i>	<i>P</i>
ISS	Superior	36.75	17.02	5.63	<.001
	Inferior	26.24	15.26		

Nota – Superior: valores > ou = ao ponto de corte (Mediana=13); Inferior: valores < ou = ao ponto de corte (Mediana=13)

Tabela 32. Teste *t* de Student para a diferença entre grupos, com TRSI_VE (Vergonha Externa Traumática) alto e baixo, em relação ao ISS (Vergonha Interna actual)

TRSI_VE					
Posição em relação à Mediana		<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>t</i>	<i>P</i>
ISS	Superior	38.85	17.01	7.22	<.001
	Inferior	25.73	14.47		

Nota – Superior: valores > ou = ao ponto de corte (Mediana=13); Inferior: valores < ou = ao ponto de corte (Mediana=13)

Tabela 43. Teste *t* de Student para a diferença entre grupos, com TRSI_VI (Vergonha Interna Traumática) alto e baixo, em relação ao OAS (Vergonha Externa actual)

TRSI_VI					
Posição em relação à Mediana		<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>t</i>	<i>P</i>
OAS	Superior	22.41	10.70	4.35	<.001
	Inferior	16.96	10.78		

Nota – Superior: valores > ou = ao ponto de corte (Mediana=13); Inferior: valores < ou = ao ponto de corte (Mediana=13)

Tabela 54. Teste *t* de Student para a diferença entre grupos, com TRSI_VE (Vergonha Externa Traumática) alto e baixo, em relação ao OAS (Vergonha Externa actual)

TRSI_VE					
Posição em relação à Mediana		<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>t</i>	<i>P</i>
OAS	Superior	23.96	10.87	6.49	<.001
	Inferior	16.22	9.82		

Nota – Superior: valores > ou = ao ponto de corte (Mediana=13); Inferior: valores < ou = ao ponto de corte (Mediana=13)

Tabela 65. Teste *t* de Student para a diferença entre grupos, com TRSI_VI (Vergonha Interna Traumática) alto e baixo, em relação ao EADS-42 Depressão

TRSI_VI		<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>T</i>	<i>p</i>
Posição em relação à Mediana					
EADS-42 Depressão	Superior	8.15	8.44	2.84	<.05
	Inferior	5.52	7.59		

Nota – Superior: valores > ou = ao ponto de corte (Mediana=13); Inferior: valores < ou = ao ponto de corte (Mediana=13)

Tabela 75. Teste *t* de Student para a diferença entre grupos, com TRSI_VE (Vergonha Externa Traumática) alto e baixo, em relação ao EADS-42 Depressão

TRSI_VE					
	Posição em relação à Mediana	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>T</i>	<i>p</i>
EADS-42 Depressão	Superior	9.28	8.70	4.97	<.001
	Inferior	4.78	6.93		

Nota – Superior: valores > ou = ao ponto de corte (Mediana=13); Inferior: valores < ou = ao ponto de corte (Mediana=13)

Tabela 86. Teste *t* de Student para a diferença entre grupos, com TRSI_VI (Vergonha Interna Traumática) alto e baixo, em relação ao EADS-42 Ansiedade

		TRSI_VI			
		Posição em relação à Mediana	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>T</i> <i>p</i>
EADS-42 Ansiedade	Superior		7.62	7.74	2.97 <.05
	Inferior		5.17	6.58	

Nota – Superior: valores > ou = ao ponto de corte (Mediana=13); Inferior: valores < ou = ao ponto de corte (Mediana=13)

Tabela 97. Teste *t* de Student para a diferença entre grupos, com TRSI_VE (Vergonha Externa Traumática) alto e baixo, em relação ao EADS-42 Ansiedade

		TRSI_VE			
		Posição em relação à Mediana	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>T</i> <i>p</i>
EADS-42 Ansiedade	Superior		8.59	8.08	4.95 <.001
	Inferior		4.56	5.93	

Nota – Superior: valores > ou = ao ponto de corte (Mediana=13); Inferior: valores < ou = ao ponto de corte (Mediana=13)

Tabela 108. Teste *t* de Student para a diferença entre grupos, com TRSI_VI (Vergonha Interna Traumática) alto e baixo, em relação ao EADS-42 Stress

		TRSI_VI			
		Posição em relação à Mediana	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>t</i> <i>p</i>
EADS-42 Stress	Superior		13.17	8.71	3.33 .001
	Inferior		9.79	8.71	

Nota – Superior: valores > ou = ao ponto de corte (Mediana=13); Inferior: valores < ou = ao ponto de corte (Mediana=13)

Tabela 119. Teste *t* de Student para a diferença entre grupos, com TRSI_VE (Vergonha Externa Traumática) alto e baixo, em relação ao EADS-42 Stress

		TRSI_VE			
		Posição em relação à Mediana	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>t</i> <i>p</i>
EADS-42 Stress	Superior		14.16	8.71	4.95 <.001
	Inferior		9.30	8.34	

Nota – Superior: valores > ou = ao ponto de corte (Mediana=13); Inferior: valores < ou = ao ponto de corte (Mediana=13)

Tabela 20. Teste *t* de Student para a diferença entre grupos, com TRSI_VI (Vergonha Interna Traumática) alto e baixo, em relação à ideação paranoide

TRSI_VI					
Posição em relação à Mediana		<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>t</i>	<i>P</i>
GPS	Superior	44.75	12.11	3.07	<.05
	Inferior	40.37	12.37		

Nota – Superior: valores > ou = ao ponto de corte (Mediana=13); Inferior: valores < ou = ao ponto de corte (Mediana=13)

Tabela 21. Teste *t* de Student para a diferença entre grupos, com TRSI_VE (Vergonha Externa Traumática) alto e baixo, em relação à ideação paranoide

TRSI_VE					
Posição em relação à Mediana		<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>t</i>	<i>P</i>
GPS	Superior	46.29	11.90	4.95	<.001
	Inferior	39.49	11.96		

Nota – Superior: valores > ou = ao ponto de corte (Mediana=13); Inferior: valores < ou = ao ponto de corte (Mediana=13)

Anexo IV

Tabela 1. Análise da Regressão Linear Múltipla usando a Vergonha Interna e Externa sentida durante uma experiência traumática de vergonha (TRSI; variável preditora); a prever as características de memória traumática de uma experiência de vergonha (IES-R; variável critério).

Preditores	<i>R</i>	<i>R</i> ²	<i>F</i>	<i>p</i>	β	<i>t</i>	<i>P</i>
Modelo 1	.49	.24	46.64	.000			
TRSI_VI					.30	3.06	.002
TRSI_VE					.21	2.12	.035

Tabela 2. Análise da Regressão Linear Múltipla usando a Vergonha Interna e Externa sentida durante uma experiência traumática de vergonha (TRSI; variável preditora); a prever as características centrais de uma experiência de vergonha (CES; variável critério).

Preditores	<i>R</i>	<i>R</i> ²	<i>F</i>	<i>p</i>	β	<i>t</i>	<i>P</i>
Modelo 1	.48	.23	43.46	.000			
TRSI_VI					.50	5.07	.000
TRSI_VE					-.03	-.30	.768

Tabela 3. Análise da Regressão Linear Múltipla usando a Vergonha Interna e Externa sentida durante uma experiência traumática de vergonha (TRSI; variável preditora); a prever a Vergonha Interna Actual (ISS; variável critério).

Preditores	<i>R</i>	<i>R</i> ²	<i>F</i>	<i>p</i>	β	<i>t</i>	<i>P</i>
Modelo 1	.50	.25	49.88	.000			
TRSI_VI					.37	3.78	.000
TRSI_VE					.15	1.54	.125

Tabela 4. Análise da Regressão Linear Múltipla usando a Vergonha Interna e Externa sentida durante uma experiência traumática de vergonha (TRSI; variável preditora); a prever a Vergonha Externa Actual (OAS; variável critério).

Preditores	<i>R</i>	<i>R</i> ²	<i>F</i>	<i>p</i>	β	<i>t</i>	<i>p</i>
Modelo 1	.49	.24	46.11	.000			
TRSI_VI					.14	1.39	.165
TRSI_VE					.36	3.72	.000

Tabela 5. Análise da Regressão Linear Múltipla usando a Vergonha Interna e Externa sentida durante uma experiência traumática de vergonha (TRSI; variável preditora); a prever a Depressão (subescala da EADS-42; variável critério).

Preditores	<i>R</i>	<i>R</i> ²	<i>F</i>	<i>p</i>	β	<i>t</i>	<i>p</i>
Modelo 1	.45	.20	37.54	.000			
TRSI_VI					.15	1.47	.143
TRSI_VE					.32	3.16	.002

Tabela 6. Análise da Regressão Linear Múltipla usando a Vergonha Interna e Externa sentida durante uma experiência traumática de vergonha (TRSI; variável preditora); a prever a Ansiedade (subescala da EADS-42; variável critério).

Preditores	<i>R</i>	<i>R</i> ²	<i>F</i>	<i>p</i>	β	<i>t</i>	<i>p</i>
Modelo 1	.39	.15	26.10	.000			
TRSI_VI					.03	.24	.810
TRSI_VE					.36	3.53	.000

Tabela 7. Análise da Regressão Linear Múltipla usando a Vergonha Interna e Externa sentida durante uma experiência traumática de vergonha (TRSI; variável preditora); a prever o Stress (subescala da EADS-42; variável critério).

Preditores	<i>R</i>	<i>R</i> ²	<i>F</i>	<i>p</i>	β	<i>t</i>	<i>p</i>
Modelo 1	.39	.15	27.23	.000			
TRSI_VI					.09	.89	.373
TRSI_VE					.31	3.02	.003

Tabela 8. Análise da Regressão Linear Múltipla usando a Vergonha Interna e Externa sentida durante uma experiência traumática de vergonha (TRSI; variável preditora); a prever a Paranoia (GPS; variável critério).

Preditores	<i>R</i>	<i>R</i> ²	<i>F</i>	<i>p</i>	β	<i>t</i>	<i>p</i>
Modelo 1	.40	.16	28.96	.000			
TRSI_VI					.11	1.10	.271
TRSI_VE					.30	2.95	.003

Tabela 9. Análise da Regressão Linear Múltipla usando a Vergonha Interna e Externa sentida durante uma experiência traumática de vergonha (TRSI; variável preditora) e as características de memória traumática (IES-R; variável preditora) e centrais de uma experiência de vergonha (CES; variável preditora) a predizer a Vergonha Interna actual (ISS; variável critério).

Preditores	<i>R</i>	<i>R</i> ²	<i>F</i>	<i>p</i>	β	<i>t</i>	<i>p</i>
Modelo 1	.63	.40	49.03	.000			
TRSI_VI					.17	2.05	.041
TRSI_VE					.08	.95	.343
IES-R					.34	5.69	.000
CES					.16	2.70	.007

Tabela 10. Análise da Regressão Linear Múltipla usando a Vergonha Interna e Externa sentida durante uma experiência traumática de vergonha (TRSI; variável preditora) e as características de memória traumática (IES-R; variável preditora) e centrais de uma experiência de vergonha (CES; variável preditora) a predizer a Vergonha Externa actual (OAS; variável critério).

Preditores	<i>R</i>	<i>R</i> ²	<i>F</i>	<i>p</i>	β	<i>t</i>	<i>p</i>
Modelo 1	.56	.31	33.98	.000			
TRSI_VI					.02	.18	.855
TRSI_VE					.31	3.28	.001
IES-R					.28	4.41	.000
CES					.07	1.12	.264

Tabela 11. Análise da Regressão Linear Múltipla usando a Vergonha Interna e Externa sentida durante uma experiência traumática de vergonha (TRSI; variável preditora) e as características de memória traumática (IES-R; variável preditora) e centrais de uma experiência de vergonha (CES; variável preditora) a predizer a Depressão (subescala da EADS-42; variável critério).

Preditores	<i>R</i>	<i>R</i> ²	<i>F</i>	<i>p</i>	β	<i>t</i>	<i>p</i>
Modelo 1	.55	.30	31.61	.000			
TRSI_VI					-.02	-.15	.874
TRSI_VE					.28	2.91	.004
IES-R					.22	3.41	.001
CES					.19	3.06	.002

Tabela 12. Análise da Regressão Linear Múltipla usando a Vergonha Interna e Externa sentida durante uma experiência traumática de vergonha (TRSI; variável preditora) e as características de memória traumática (IES-R; variável preditora) e centrais de uma experiência de vergonha (CES; variável preditora) a predizer a Ansiedade (subescala da EADS-42; variável critério).

Preditores	<i>R</i>	<i>R</i> ²	<i>F</i>	<i>p</i>	β	<i>t</i>	<i>p</i>
Modelo 1	.57	.32	35.23	.000			
TRSI_VI					-.18	-1.83	.068
TRSI_VE					.30	3.19	.002
IES-R					.35	5.50	.000
CES					.20	3.15	.002

Tabela 13. Análise da Regressão Linear Múltipla usando a Vergonha Interna e Externa sentida durante uma experiência traumática de vergonha (TRSI; variável preditora) e as características de memória traumática (IES-R; variável preditora) e centrais de uma experiência de vergonha (CES; variável preditora) a predizer o Stress (subescala da EADS-42; variável critério).

Preditores	<i>R</i>	<i>R</i> ²	<i>F</i>	<i>p</i>	β	<i>t</i>	<i>p</i>
Modelo 1	.56	.32	34.39	.000			
TRSI_VI					-.10	-1.03	.306
TRSI_VE					.24	2.60	.010
IES-R					.35	5.52	.000
CES					.17	2.77	.006

Tabela 14. Análise da Regressão Linear Múltipla usando a Vergonha Interna e Externa sentida durante uma experiência traumática de vergonha (TRSI; variável preditora) e as características de memória traumática (IES-R; variável preditora) e centrais de uma experiência de vergonha (CES; variável preditora) a predizer a Paranoia (GPS; variável critério).

Preditores	<i>R</i>	<i>R</i> ²	<i>F</i>	<i>p</i>	β	<i>t</i>	<i>p</i>
Modelo 1	.52	.27	27.81	.000			
TRSI_VI					-.04	-.44	.659
TRSI_VE					.25	2.54	.011
IES-R					.29	4.42	.000
CES					.14	2.19	.029

Tabela 15. Análise da Regressão Linear Múltipla usando as Memórias Precoces de Calor/Afecto e Segurança (EMWS; variável preditora) e as Experiências Precoces de Vergonha com o pai e com a mãe (EEVI; variável preditora) a predizer a Vergonha Interna sentida durante uma experiência traumática de vergonha (subescala Vergonha Interna do TRSI; variável critério).

Preditores	<i>R</i>	<i>R</i> ²	<i>F</i>	<i>p</i>	β	<i>t</i>	<i>p</i>
Modelo 1	.30	.09	9.79	.000			
EMWS					-.04	-.57	.569
EEVI_Pai					.21	2.50	.013
EEVI_Mãe					.10	1.16	.247

Tabela 16. Análise da Regressão Linear Múltipla usando as Memórias Precoces de Calor/Afecto e Segurança (EMWS; variável preditora) e as Experiências Precoces de Vergonha com o pai e com a mãe (EEVI; variável preditora) a predizer a Vergonha Externa sentida durante uma experiência traumática de vergonha (subescala Vergonha Externa do TRSI; variável critério).

Preditores	<i>R</i>	<i>R</i> ²	<i>F</i>	<i>p</i>	β	<i>t</i>	<i>p</i>
Modelo 1	.26	.07	10.69	.000			
EEVI_Pai					.20	2.36	.019
EEVI_Mãe					.08	.98	.329

Tabela 17. Sumário do Modelo dos 3 passos da Regressão Múltipla Hierárquica, usando o TRSI_VI a predizer o IES-R e tendo a EMWS como moderadora

Modelo	<i>R</i>	<i>R</i> ²	<i>F</i>	<i>p</i>
Passo 1	.48	.23	87.80	.000
Passo 2	.54	.29	28.03	.000
Passo 3	.55	.31	5.67	.018

Coeficientes de Regressão para os Três Passos da Regressão Múltipla Hierárquica
(IES-R)

Modelo	Preditores	β	t	p
1	TRSI_VE	.48	9.37	.000
2	TRSI_VE	.44	8.96	.000
	EMWS	-.26	-5.30	.000
3	TRSI_VE	.46	9.32	.000
	EMWS	-.27	-5.43	.000
	TRSI_VE x EMWS	.12	2.38	.018

Tabela 18. Sumário do Modelo dos 3 passos da Regressão Múltipla Hierárquica, usando o TRSI_VI a predizer o CES e tendo a EMWS como moderadora

Modelo	R	R^2	F	p
Passo 1	.47	.23	87.09	.000
Passo 2	.51	.26	12.82	.000
Passo 3	.54	.29	12.12	.001

Coeficientes de Regressão para os Três Passos da Regressão Múltipla Hierárquica
(CES)

Modelo	Preditores	β	t	p
1	TRSI_VI	.47	9.33	.000
2	TRSI_VI	.45	8.93	.000
	EMWS	-.18	-3.58	.000
3	TRSI_VI	.48	9.59	.000
	EMWS	-.19	-3.79	.000
	TRSI_VI x EMWS	.17	3.48	.001

Tabela 19. Sumário do Modelo dos 3 passos da Regressão Múltipla Hierárquica, usando o TRSI_VE a predizer o CES e tendo a EMWS como moderadora

Modelo	<i>R</i>	<i>R</i>²	<i>F</i>	<i>p</i>
Passo 1	.40	.16	56.57	.000
Passo 2	.45	.20	15.88	.000
Passo 3	.47	.22	5.91	.05

Coeficientes de Regressão para os Três Passos da Regressão Múltipla Hierárquica (CES)

Modelo	Preditores	β	<i>t</i>	<i>p</i>
1	TRSI_VE	.40	7.52	.000
2	TRSI_VE	.38	7.30	.000
	EMWS	-.21	-3.99	.000
3	TRSI_VE	.40	7.65	.000
	EMWS	-.20	-3.96	.000
	TRSI_VE x EMWS	.13	2.43	.016

Gráfico 1. Gráfico do Efeito de Moderação das Memórias Precoces de Calor/Afecto e Segurança (EMWS) na relação entre a Vergonha Interna sentida durante uma experiência de vergonha traumática (TRSI_VI) e as Características de memória traumática dessa experiência (IES-R)

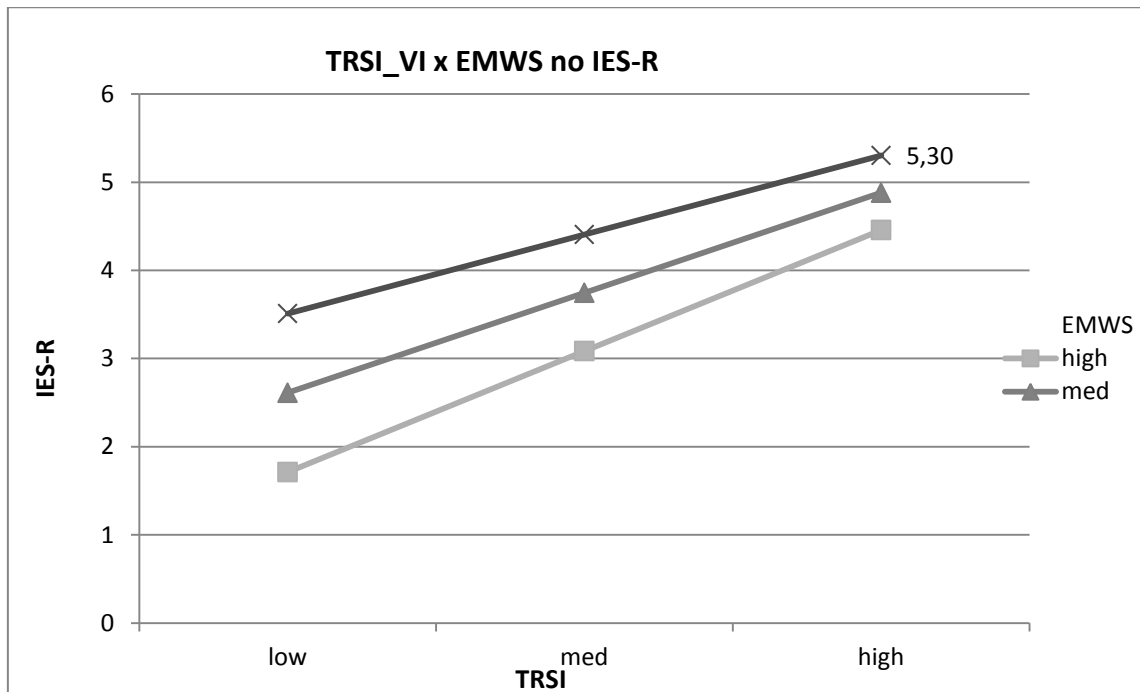


Gráfico 2. Gráfico do Efeito de Moderação das Memórias Precoces de Calor/Afecto e Segurança (EMWS) na relação entre a Vergonha interna sentida durante uma experiência de vergonha traumática (TRSI_VI) e as Características centrais dessa experiência (CES)

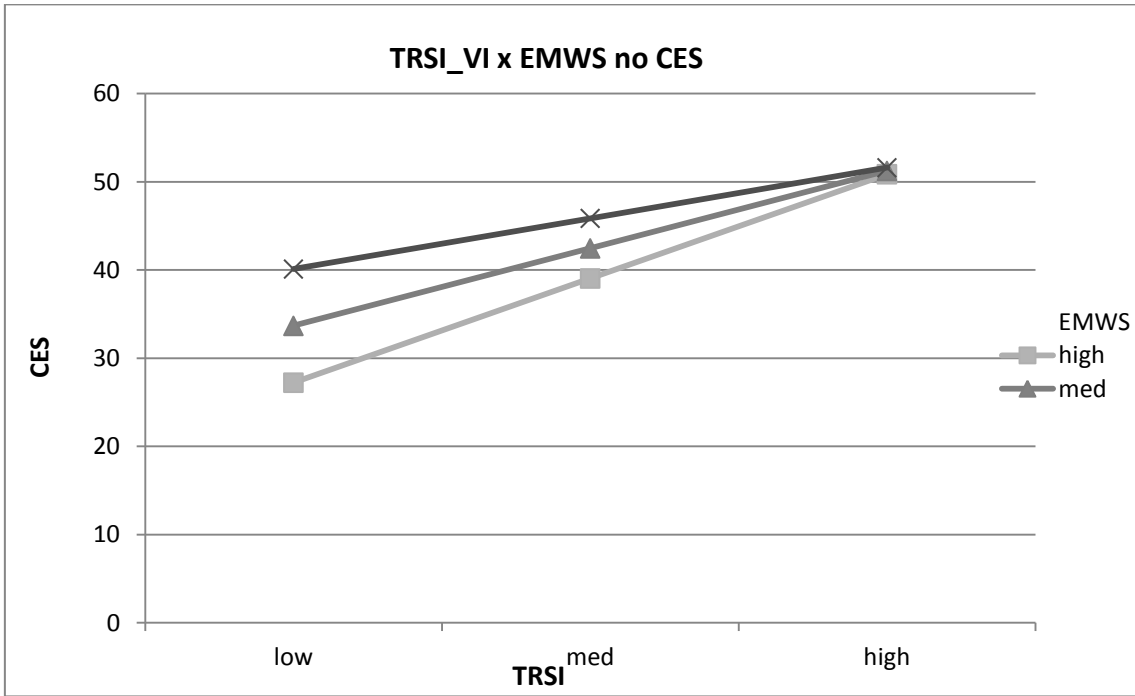


Gráfico 3. Gráfico do Efeito de Moderação das Memórias Precoces de Calor/Afecto e Segurança (EMWS) na relação entre a Vergonha Externa sentida durante uma experiência de vergonha traumática (TRSI_VE) e as Características centrais dessa experiência (CES)

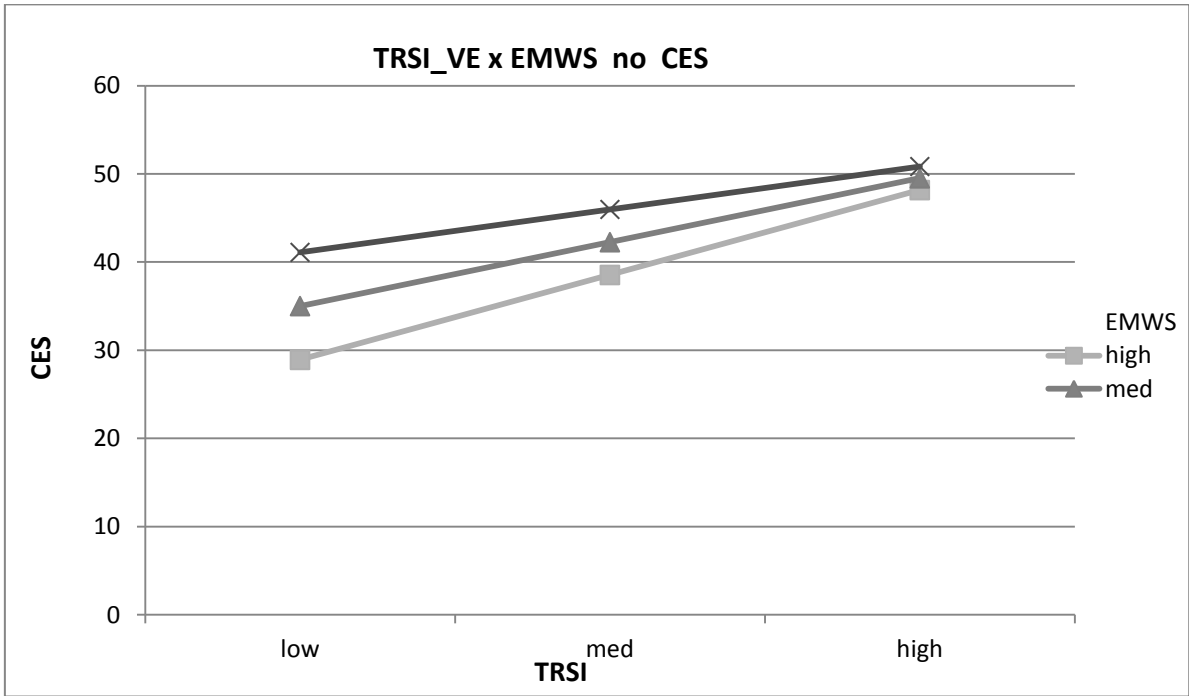


Tabela 1. Matriz das Correlações entre o total das Escalas usadas no estudo.

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13
TRSI_VI	1												
TRSI_VE	.86**	1											
IES-R	.45**	.46**	1										
CES	.47**	.40**	.61**	1									
EMWS	-.14*	-.09	-.32**	-.24**	1								
EEVI_Pai	.29**	.26**	.39**	.32**	-.38**	1							
EEVI_Mãe	.26**	.22**	.38**	.28**	-.45**	.73**	1						
ISS	.49**	.46**	.56**	.49**	-.36**	.41**	.36**	1					
OAS	.45**	.48**	.47**	.37**	-.35**	.42**	.37**	.77**	1				
EADS_Depressão	.42**	.44**	.46**	.43**	-.27**	.35**	.32**	.73**	.61**	1			
EADS_Ansiedade	.34**	.39**	.52**	.44**	-.25**	.35**	.28**	.67**	.58**	.85**	1		
EADS_Stress	.36**	.39**	.52**	.44**	-.21**	.30**	.27**	.61**	.50**	.79**	.82**	1	
GPS	.37**	.40**	.47**	.39**	-.32**	.36**	.34**	.60**	.63**	.54**	.56**	.51**	-

* p < .010 ** p < .000